XII Colóquio Internacional de Filosofia da Mente

Mentalidades naturais e artificiais

CADERNO DE RESUMOS

CIFM2026

Marcos Antonio Alves
(Org.)

ISSN: 3086-5816

11 e 12 de junho (online) | 16 a 19 de junho (presencial)

unesp 50 anos

MARÍLIA
2026

unesp

XII Colóquio Internacional de Filosofia da Mente

[Link do caderno]

Promoção

Grupo de Trabalho Filosofia da Mente e da Informação

(GT/FMI/ANPOF)

Realização

Grupo de Estudos em Filosofia da Informação, da Mente e Epistemologia

(GEFIME/Unesp/CNPq)

Apoio

Staepe/Unesp, DFIL/Unesp, PPGFil/Unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Reitora
Profa. Dra. Maysa Furlan
Vice-Reitor
Prof. Dr. Cesar Martins
Pró-reitor de Planejamento Estratégico e Gestão
Prof. Dr. Edson Antônio Capello Sousa
Pró-reitor de Graduação
Prof. Dra.Celia Maria Giacheti
Pró-reitora de Pós-Graduação
Profa. Dra. Maria Valnice Boldrin
Pró-reitor de Pesquisa
Profa. Dr. Edson Cocchieri Botelho
Pró-reitor de Extensão Universitária e Cultura
Prof. Dr. Raul Borges Guimarães
Pró-reitor de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade
Prof. Dr. Leonardo Lemos de Souza
Secretário Geral
Erivaldo Antônio da Silva

Diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências, *Campus* Marília
Profa. Dra. Ana Clara Botoleto Nery
Vice-diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências, *Campus* Marília
Prof. Dra. Cristiane Rodrigues Pedroni

ORGANIZAÇÃO

Comissão Organizadora

- Marcos Antonio Alves (Unesp/Brasil) – Presidente
- Maria Eunice Quilici Gonzalez (Unesp/Brasil) – Vice-presidente
- Andrea Florencia Melamed (UBA/Argentina)
- João Gama (Universidade do Porto/Portugal)
- Marco Aurelio de Souza Alves (UFSJ/Brasil)
- Mariana Claudia Broens (Unesp/Brasil)
- Mario Eduardo Villalobos Kirmayr (U. Tarapacá/Chile)
- Mario Pérez-Montoro Gutiérrez (U. Barcelona/Espanha)
- Nara M. Figueiredo (UFSM)
- Osvaldo Pessoa Jr. (USP/Brasil)
- Raquel Krempel (UFABC/Brasil)
- Tom Ziemke (LiU/Suécia)

Comissão Científica

- César Fernando Meurer (UENF)
- Cláudio A. Amorim (UNEB)
- Federico Burdman (UAH)
- Gustavo Leal Toledo (UFSJ)
- Juliana de Orione Arraes Fagundes (UESC)
- Malena León (UNC)
- Marcos Antonio Alves (Unesp)
- Mariana Claudia Broens (Unesp)
- Mariela Aguilera (UNC)
- Marina Trakas (CONICET)
- Raquel Krempel (UFABC)

Comissão de apoio

- Amanda Galvão de Freitas (Estagiária de Arquivologia STAEPE)
- Antonio Marcos Oliveira (Mestrando Unesp)
- Eloiza Oliveira di Rezze (Estudante do Ensino Médio)
- Guilherme Gregorio Arraes Fernandes (Doutorando Unesp)
- Lucas Benevides Ghioto (Mestrando Unesp)
- Lucas Rinaldi Rodrigues (Técnico em Design)
- Luiz Gustavo Leme (Supervisor Técnico da STAEPE)
- Marcelo Fernando Gonçalo (Graduando Unesp)
- Mariana Tamie Taniguchi Tanaka (Assessora do Departamento de Filosofia)
- Melissa Soares Ribeiro (Estudante do Ensino Médio)
- Miguel Antonio Maria Martins (Estudante do Ensino Médio)
- Rayane Cristina de Carvalho Woelke de Oliveira (Graduanda Unesp e Técnica em Design)
- Regina Fumie Eto (Servidora Técnica STAEPE)
- Sofia Fagundes Muniz (Graduanda Unesp)
- Tatiana Cristina Segatto (Servidora Técnica STAEPE)

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5

Você pode: - copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.
Sob as seguintes condições:
- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.

Sumário geral

Sobre o Evento

Programação

Sessões de Comunicação

Resumos das Conferências

Resumos das Comunicações

Link do caderno

Sobre o Evento

Sobre o Evento

Sobre o GT/FMI-ANPOF

O CIFM é promovido pelo Grupo de Trabalho Filosofia da Mente e da Informação (GT/FMI) da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF). O proponente desta proposta é o atual coordenador do GT.

O GT/FMI foi criado oficialmente no ano de 2000, como GT Filosofia da Mente. Desde o Encontro Nacional da ANPOF de 2016, o nome do GT passou a ser Filosofia da Mente *e da Informação*, enfatizando o crescente interesse do grupo pela filosofia da informação e pela dimensão ética das novas tecnologias informacionais. Tem como objetivo ser um espaço para interlocução e colaboração mútua na ANPOF. Busca favorecer a comunicação, fomentar o debate e o aprimoramento de ideias na área em eventos organizados pelo GT, especialmente nos encontros da ANPOF. O ingresso de novos quadros no cenário nacional na comunidade científica na área, por meio da participação de discentes nos eventos organizados pelo GT/FMI também faz parte de suas prioridades.

O GT/FMI é responsável pela promoção dos CIFM, com um longo histórico de eventos já realizados. As temáticas abordadas nos colóquios ilustram bem os temas em torno dos quais orbitam os interesses do GT: internalismo versus externalismo; a causação mental; linguagem e pensamento; o fisicalismo e seus críticos; intencionalidade e consciência; informação, complexidade e ação; livre-arbítrio e agência moral; a segunda pessoa; a mente afetiva.

A alternância de local de realização do evento é uma prioridade, buscando uma distribuição geográfica o mais ampla possível tanto na participação quanto na organização dos Colóquios. Este ano o CIFM volta a ser realizado na Unesp, câmpus de Marília, que possui uma estrutura física e de apoio altamente qualificada para a realização de eventos de grande porte.

Descrição do evento

A filosofia da mente é inaugurada oficialmente em meados do século XX. A partir de uma metodologia filosófico-interdisciplinar, trata de problemas filosóficos milenares, tais como a natureza da mente, de estados e processos mentais, das suas conexões com o corpo e o ambiente, das relações entre cognição, emoção e ação, do papel da intencionalidade, consciência, subjetividade, causação mental nos eventos mentais. Com o desenvolvimento de artefatos de processamento de informação, a partir da década de 1950, despontaram na agenda desta disciplina questões referentes à possibilidade de uma Inteligência Artificial. Debates em torno da questão defendiam ou negavam a possibilidade de certos sistemas físicos produzidos pelo ser humano possuírem uma mentalidade, ou seja, apresentarem estados e faculdades mentais, acessíveis a terceiros. Entretanto, foi o século XXI que testemunhou o surgimento de sistemas de Inteligência Artificial capazes, em tese, de gerar conteúdos, entender a linguagem humana, possuir estados e faculdades cognitivas, realizar tarefas práticas inteligentes. Para muitos de seus criadores, pode-se mostrar que tais sistemas exibem cognição, intencionalidade, autonomia, inteligência, até mesmo consciência e subjetividade. Dado este cenário, a XII edição do Colóquio Internacional de Filosofia da Mente tem como finalidade reunir pesquisadores em torno do tema "Mentalidades naturais e artificiais". A questão principal a ser debatida, a partir de um debate filosófico-interdisciplinar, gira em torno das características mentalísticas de sistemas. Ao fomentar o debate sobre o estatuto ontológico, epistêmico e semântico do mentalismo de máquinas, artificias ou

naturais, o evento também busca refletir seus alcances positivos e negativos de intervenção no meio. Por fim, o evento tem por finalidade instituir uma sociedade, focada no espaço ibero-americano, em filosofia da mente e da informação, incentivando o fortalecimento da pesquisa na área no Brasil.

Objetivos do evento

Objetivo geral

Reunir pesquisadores brasileiros e estrangeiros, de diferentes disciplinas, voltados ao tema da mentalidade em sistemas naturais e artificiais, promovendo o debate de ideias, buscando contribuir para a consolidação e desenvolvimento da área, fomentando o fortalecimento de redes de pesquisa nacionais e internacionais, bem como a pesquisa e reflexão moral e social sobre o uso da IA.

Objetivos específicos

1. Fomentar o debate e o conhecimento sobre temas em filosofia da mente e da informação.
2. Favorecer, através de mesas redondas, sessões de comunicação e de pôsteres, a apresentação e o desenvolvimento de pesquisas em todos os níveis de formação.
3. Estabelecer ou fortalecer parcerias individuais e coletivas, em particular entre pesquisadores e estudantes.
4. Fortalecer grupos e redes de pesquisa nacionais e internacionais, especialmente na América Latina.
5. Fomentar a inserção de novos quadros, principalmente de estudantes, na comunidade científica na área.
6. Fomentar a distribuição geográfica, de gênero e de raça na comunidade científica.
7. Incentivar a interdisciplinaridade e diversidade temática na área.
8. Favorecer o fortalecimento de programas de pós-graduação em filosofia.
9. Favorecer a reflexão social sobre o uso ético da IA, especialmente entre estudantes do ensino médio.
10. Fortalecer e incentivar a produção de conhecimento filosófico, com viés interdisciplinar, através de apoios via entidades como Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) e programas de Pós-Graduação, com a participação de Grupos de Trabalhos (GT/ANPOF).
11. Incentivar a publicação de trabalhos dos participantes, seja de profissionais ou de estudantes, através de cadernos de resumos, Anais ou capítulos de livro, bem como favorecer o desenvolvimento de textos para a publicação em outros meios, buscando a difusão e socialização do conhecimento.
12. Favorecer o desenvolvimento da pesquisa em filosofia no Brasil, desde o ensino médio, buscando novos quadros formativos, até a pós-graduação.
13. Iniciar as discussões para a criação de uma Sociedade Internacional de Filosofia da Mente e da Informação (SIFMI), sediada no Brasil.

Programação

Online programming/Programação remota

Local: *Google Meet* e YouTube

<table>
<tr><th colspan="4">Dia 11 de junho de 2026 – Quinta-feira</th></tr>
<tr><td>9h</td><td colspan="3">Conferência: Understanding others' understanding: the observer grounding problem in human-AI interactions / Compreendendo a compreensão dos outros: o problema de aterramento do observador nas interações entre humanos e IA
Tom Ziemke (Linköping University, Suécia)</td></tr>
<tr><td>10h</td><td colspan="3">Conferência: The Phenomenology of Life/Mind Continuity / A Fenomenologia da Continuidade da Vida/Mente
Dave Ward (University of Edinburgh, Escócia)</td></tr>
<tr><td>11h</td><td colspan="2">Mesa-redonda
• Fear not fearful AIs / Não tema IAs medrosas
Felipe Nogueira de Carvalho (UFLA)
• Contextual productivity / Produtividade contextual
Carlos Henrique Barth (FAJE-MG)</td><td>Mesa-redonda
• On Self-aware machines: insights from living to machine minds / Sobre máquinas autoconscientes: insights de mentes vivas a mentes de máquinas
Fernando Buarque (UPE)
• Computer power and human reason 50th anniversary: a case for human expertise in decision-making and knowledge construction / 50 anos do clássico “Computer power and human reason”: em defesa da expertise humana na tomada de decisão e na construção do conhecimento
Cláudio A. Amorim (UNEB)</td></tr>
<tr><td>12h30</td><td colspan="3">Almoço</td></tr>
<tr><td>14h</td><td>Comunicações online 0: Google Meet</td><td>Comunicações online 1: Google Meet</td><td>Comunicações online 2: Google Meet</td></tr>
<tr><td>16h</td><td colspan="3">Conferência: Some considerations about the book “The matter of mind” / Algumas considerações sobre o livro “The matter of mind”
João de Fernandes Teixeira (UFSCar)</td></tr>
<tr><td>17h</td><td colspan="3">Conferência: The Metaphysics of AI / A Metafísica da IA
William Jaworski (Brescia University/Writing Coach LLC., EUA)</td></tr>
<tr><td>18h</td><td colspan="3">Encerramento do dia</td></tr>
</table>

<table>
<tr><th colspan="3">Dia 12 de junho de 2026 – Sexta-feira</th></tr>
<tr><td>8h30</td><td><u>Comunicações online 3: Google Meet</u></td><td><u>Comunicações online 4: Google Meet</u></td></tr>
<tr><td>10h30</td><td colspan="2">Conferência: The mystery of Cartesianism / O mistério do cartesianismo
Adam Toon (University of Exeter, Inglaterra)</td></tr>
<tr><td>11h30</td><td colspan="2">Conferência: The relationship of phenomenal consciousness to mind and information processing / A relação da consciência fenomenal com a mente e o processamento de informações
Max Velmans (University of London, Inglaterra)</td></tr>
<tr><td>12h30</td><td colspan="2">Almoço</td></tr>
<tr><td>14h</td><td><u>Comunicações online 5: Google Meet</u></td><td><u>Comunicações online 6: Google Meet</u></td></tr>
<tr><td>16h</td><td>Mesa-redonda
• Do we have a moral obligation to promote IA development? / Temos a obrigação moral de promover o desenvolvimento da IA?
Abel Wajnerman Paz (Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile)
• Universal emotions and the limits of linguistic evidence / Emoções universais e os limites da evidência linguística
Juan R. Loaiza (Universidad Alberto Hurtado, Chile)</td><td>Mesa-redonda
• The Mind as Metaphor / A Mente como Metáfora
Gustavo Leal Toledo (UFSJ)
• What Happens When Dennett's Computational Metaphor Is Subjected to an Intuition Pump? / O que acontece quando a metáfora computacional de Dennett é levada a um bombeamento de intuição?
Juliana de Orione Arraes Fagundes (UESC)</td></tr>
<tr><td>17h30</td><td colspan="2">Conferência: Animal concepts: the problem of semantic content / Conceitos animais: o problema do conteúdo semântico
Laura Danón (CONICET - Universidad Nacional de Córdoba, Argentina)</td></tr>
<tr><td>18h30</td><td colspan="2">Encerramento da programação online</td></tr>
</table>

Programação presencial

Prédio de atividades da FFC/Unesp/Marília e YouTube

<table>
<tr><th colspan="4">Dia 16 de junho de 2026 – Terça-feira</th></tr>
<tr><td>8h-12h</td><td colspan="3">Credenciamento – Local: Saguão</td></tr>
<tr><td>9h</td><td>Sessão de Comunicações 1</td><td>Sessão de Comunicações 2</td><td>Sessão de Comunicações 3</td></tr>
<tr><td>11h</td><td colspan="3">Abertura oficial do evento - Local: Auditório “Corpo/Mente”</td></tr>
<tr><td>11h30</td><td colspan="3">Conferência – Local: Auditório “Corpo/Mente”
A New Spring for AI / Uma Nova Primavera para a IA
João Gama (Universidade do Porto, Portugal)</td></tr>
<tr><td>12h30</td><td colspan="3">Almoço</td></tr>
<tr><td>15h</td><td>Sessão de Comunicações 4</td><td>Sessão de Comunicações 5</td><td>Sessão de Comunicações 6</td></tr>
<tr><td>17h</td><td colspan="2">Mesa-redonda - Local: Auditório “Corpo”
• Natural and Artificial Mentalities: an approach from Fred Dretske's intentionalist perspective / Mentalidades naturais e artificiais: uma abordagem a partir da perspectiva intencionalista de Fred Dretske
Marcos Antonio Alves (Unesp)
• Emotional artificial intelligence: an ethical assessment / Inteligência artificial emocional: uma análise ética
Marco Aurélio Sousa Alves (UFSJ)</td><td>Mesa-redonda - Local: Auditório “Mente”
• Against Epiphenomenalism: Consciousness as a Guide for Action / Contra o epifenomenalismo: a consciência como guia para a ação
Jonas Gonçalves Coelho (Unesp)
• Proposal for a distinction between the sciences of feeling and the metaphysics of consciousness / Proposta de distinção entre ciências do sentir e metafisica da consciência
Alfredo Pereira Jr. (Unesp)</td></tr>
<tr><td>18h30</td><td colspan="3">Café</td></tr>
<tr><td>19h</td><td colspan="3">Conferência - Local: Auditório “Corpo/Mente”
Emotions and value: from fittingness to shaping / Emoções e valor: da adequação à modelagem
Andrea Melamed (IIF-SADAF/CONICET – Universidad de Buenos Aires, Argentina)</td></tr>
<tr><td>20h</td><td colspan="3">Encerramento do dia</td></tr>
</table>

Transfer Hotel/Unesp: 8h30. Transfer Unesp/ Hotel: 12h45. Transfer Hotel/Unesp: 14h30. Transfer Unesp/ Hotel: 20h15.

<table>
<tr><th colspan="4">Dia 17 de junho de 2026 – Quarta-feira</th></tr>
<tr><td>9h</td><td>Sessão de Comunicações 7</td><td>Sessão de Comunicações 8</td><td>Sessão de Comunicações 9</td></tr>
<tr><td>11h00</td><td colspan="3">Café</td></tr>
<tr><td>11h10</td><td colspan="2">Mesa-redonda - Local: Auditório “Corpo”
Intentional agency and artificial creativity: can there be creation without authors? / Agência intencional e criatividade artificial: pode haver criação sem autores?
Malena León (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina)
Contributions of the ecological theory of attention to the analysis of collective self-deception in virtual environments / Contribuições da teoria ecológica da atenção para a análise do autoengano coletivo em ambientes virtuais
Mariana C. Broens (Unesp)</td><td>Mesa-redonda - Local: Auditório “Mente”
Autopoietic Turing Machine / Máquina de Turing Autopoiética
Leonardo Lana de Carvalho (UFVJM)
Is it possible to change the soliciting powers of a contradiction? On the plurality of Logics, inferential affordances and normative abilities / É possível alterar os poderes solicitantes de uma contradição? Sobre a pluralidade de lógicas, affordances inferenciais e capacidades normativas
Marcos Silva (UFPE)</td></tr>
<tr><td>12h30</td><td colspan="3">Almoço</td></tr>
<tr><td>15h</td><td>Sessão de Comunicações 10</td><td>Sessão de Comunicações 11</td><td>Sessão de Comunicações 12</td></tr>
<tr><td>17h</td><td colspan="2">Mesa-redonda - Local: Auditório “Corpo”
Qualia and the structure in vision, audition, and olfaction / Quália e estrutura na visão, audição e olfato
Osvaldo Pessoa Jr. (USP)
Human intelligence and Artificial Intelligence: some structural differences / Inteligência humana e Inteligência Artificial: algumas diferenças estruturais
Gabriel Mograbi (UFRJ)</td><td>Mesa-redonda - Local: Auditório “Mente”
It don’t mean a thing (if it ain’t a living thing): A new problem of meaning for AI / Um novo problema do significado para IA
Nara M. Figueiredo (UFSM)
Cartographic Thinking Meets Animal Thought / O Pensamento Cartográfico Encontra o Pensamento Animal
Mariela Aguilera (CONICET/Un. Nac. de Córdoba, Argentina)</td></tr>
<tr><td>18h30</td><td colspan="3">Café</td></tr>
<tr><td>19h</td><td colspan="3">Conferência - Local: Auditório “Corpo/Mente”
Artificial, intelligent, and sentient? Yes, if built correctly / Artificial, inteligente e senciente? Sim, se construído corretamente
Mario Eduardo Villalobos Kirmayr (Universidad de Tarapacá, Chile)</td></tr>
<tr><td>20h</td><td colspan="3">Encerramento do dia</td></tr>
</table>

Transfer Hotel/Unesp: 8h30. Transfer Unesp/ Hotel: 12h45. Transfer Hotel/Unesp: 14h30. Transfer Unesp/ Hotel: 20h15.

<table>
<tr><th colspan="4">Dia 18 de junho de 2026 – Quinta-feira</th></tr>
<tr><td>10h</td><td colspan="3">Conferência - Local: Auditório “Corpo/Mente”
Proxy media: AI as technical delegation / Mídia proxy: IA como delegação técnica
Alexander Matthias Gerner (Universidade Lusófona, Portugal)</td></tr>
<tr><td>11h00</td><td colspan="3">Café</td></tr>
<tr><td>11h10</td><td colspan="2">Mesa-redonda - Local: Auditório “Corpo”
• The Cybernetic Turn in Philosophy / A Virada Cibernética na Filosofia
Maria Eunice Quilici Gonzalez (Unesp)
• Mind and Matter Reconciled: On Peirce's Realism-Idealism and its Heuristic Consequences / Mente e Matéria Conciliadas: Sobre o Realismo - Idealismo de Peirce e suas Consequências
Ivo Assad Ibri (PUC-SP)</td><td>Mesa-redonda - Local: Auditório “Mente”
• Rethinking inner speech: variations and implications / Repensando a fala interna: variações e implicações
Raquel Krempel (UFABC)
• Mentality, reality and language: an ecological approach to the syntax of natural language / Mentalidade, realidade e linguagem: uma abordagem ecológica da sintaxe da linguagem natural
César Fernando Meurer (UENF)</td></tr>
<tr><td>12h30</td><td colspan="3">Almoço</td></tr>
<tr><td>15h</td><td>Sessão de Comunicações 13</td><td>Sessão de Comunicações 14</td><td>Sessão de Comunicações 15</td></tr>
<tr><td>16h30</td><td colspan="3">Conferência - Local: Auditório “Corpo/Mente”
Semantic-Entropic Hyper-networks / Hiper-redes Semântico-Entrópicas
Jorge Louçã (ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal)</td></tr>
<tr><td>17h30</td><td colspan="3">Café</td></tr>
<tr><td>18h</td><td colspan="3">Debate - Local: Auditório “Corpo/Mente”
Proposta de criação da sociedade ibero-americana de filosofia da mente e da informação</td></tr>
<tr><td>19h</td><td colspan="3">Conferência - Local: Auditório “Corpo/Mente”
Visual Representation of False Propositional Content / Representação visual de conteúdos proposicionais falsos
Mario Pérez-Montoro Gutiérrez (Universidad de Barcelona, Espanha)</td></tr>
<tr><td>20h</td><td colspan="3">Encerramento do dia</td></tr>
</table>

Transfer Hotel/Unesp: 9h30. Transfer Unesp/ Hotel: 12h45. Transfer Hotel/Unesp: 14h30. Transfer Unesp/ Hotel: 20h15.

Dia 19 de junho de 2026 – Sexta-feira			
9h30	**Sala 01** Comunicações	**Sala 02** Comunicações	**Sala 03** Comunicações
11h	**Mesa-redonda- Local: Auditório "Corpo/Mente"** Passado, presente e futuro da filosofia da mente e da informação no espaço ibero-americano		
12h	**Reunião - Local: Auditório "Corpo/Mente"** Formalização da instauração da sociedade ibero-americana de filosofia da mente e da informação		
12h30	Encerramento do evento presencial		

MINICURSOS *ONLINE*

Dia 19 de março de 2026 – Quinta-feira	
14h-18h	Qualidades Sensoriais e Materialismo na Filosofia da Mente – Osvaldo Pessoa Jr. (USP)
Dia 15 de abril de 2026 – Quarta-feira	
14h-18h	Inteligência Artificial: fundamentos, aplicações e desafios - - *João Gama* (U. Porto)
Dia 22 de maio de 2026 – Sexta-feira	
14h-18h	IA e Razão Humana: desafios éticos, mentais e ambientais – *João de Fernandes Teixeira* (UFSCar)

Sessões de Comunicação

Sessões de Comunicação *online*

- Tempo para exposição: até 20 minutos. Tempo para debate: 10 minutos ou mais. Tempo total: 30 minutos.
- Para quem desejar, pode enviar os slides para cifmcontato@gmail.com, com o assunto: Slides [Seu nome].
- Apresentação em português, inglês ou espanhol, com slides em segunda língua.
- Todos os inscritos no evento podem acessar a sala do *Google Meet*

Dia 11 de junho de 2026 – Quinta–feira – Tarde: 14h às 16h			
Hora	**Sessão *online* 0: Link *Google Meet***	**Sessão *online* 1: Link *Google Meet***	**Sessão *online* 2: Link *Google Meet***
14h	• Vulnerabilidade cognitiva e subjetividade autorreferencial: mediação técnico-informacional e reflexividade nos modos contemporâneos de subjetivação • *Sarah Yasmin Augusta da Silveira – PUC-PR*	• Treinamento de força como modulação do *conatus*: uma análise spinozista da experiência vivida • *Luigi Moreira Pradela – UFSCar*	• Tempo, percepção, memória, corpo e linguagem na doença de alzheimer: uma perspectiva a partir da filosofia da mente • *Alex Fabiano Correia Jardim – Unimontes*
14h30	• Sobre a possibilidade de uma Neurofilosofia Dualista para Patricia e Paul Churchland (1986-1992) • *Alisson Brandemarte Moreira - UFFS*	• Performatividade videográfica e IA generativa: desafios éticos na cultura digital • *Regilene Sarzi Ribeiro – Unesp*	• Alguns Contraexemplos à Prioridade da Percepção • *Tiago Fonseca Falkenbach – UFPR*
15h	• Jaworski e a separabilidade do intelecto em Aristóteles: uma crítica a partir da perspectiva tomista • *Guilherme G. A. Fernandes; Marcos A. Alves - Unesp*	• Inteligência artificial e o sentido do pensar: a crítica de Markus Gabriel ao reducionismo computacional • *Wagner F. de Miranda Martins; Gabriel K. da Rocha – IFSertão/PE*	• Memória episódica em perspectiva de observador: autenticidade, mnemicidade e legitimidade epistêmica • *Arthur Silva Fachi – UFSM*
15h30		• A Epistemologia Social Veritista da Argumentação de Alvin I. Goldman e as Críticas de Richard Feldman • *Leticia C.e M. Lisboa – UFPA*	• O esquecimento por distração: falha de uníssono, não falha de armazenamento • *Mártin Cerezer Kolberg – UFSM*

Dia 12 de junho de 2026 – Sexta–feira – Manhã: 8h30 às 10h30		
Hora	**Sessão *online* 3: Link *Google Meet***	**Sessão *online* 4: Link *Google Meet***
8h30	• Entre Intencionalidade e Imaterialidade: A Atualidade da Gnoseologia de São Tomás de Aquino • *Fernanda Elena Tenório Altvater – Unesp*	• Filosofia da mente: entre a lógica natural e os modelos de mundo • *Hélio Craveiro Pessoa Júnior – SEE/DF*
9h	• Homo D'us: questionamentos que se pretendem inteligentes sobre a artificialidade • *Odécio Souza – PUC/SP*	• Variáveis Latentes como Teoria Implícita da Mente: Contribuições da Psicometria para a Filosofia da Mente • *Carlos Manoel Lopes Rodrigues – UniCEUB*
9h30	• Botões de carne e olhos de vidro: o experimento mental de asimov e o desafio enativista da mente • *Alessandra dos Santos – UESB*	• Parosmia e Espectro Invertido: Limites e Possibilidades Empíricas na Filosofia da Mente • *Galileu Freitas Maioli* – UNISINOS
10h	• Nudge, Inteligência Artificial e a reconfiguração da autonomia humana: uma análise a partir de Mark Coeckelbergh • *Ana Paula Quevedo Peil – UFPel*	• Against Fragmentation: On the Unity of William James's "Principles of Psychology" • *Camila von Holdefer Kehl – UFRGS*

Dia 12 de junho de 2026 – Sexta–feira – Tarde: 14h às 16h		
Hora	**Sessão *online* 5: Link *Google Meet***	**Sessão *online* 6: Link *Google Meet***
14h	• Gagueira e medo: cartografia clínico–filosófico–neurocientífica dos níveis e tempos da fala defensiva • *Carlos E. B. Dias; Danielle Guerra; Ana P. Berberian – UTP/PR*	• Consciência, má–fé e responsabilidade: uma análise sartreana da subjetividade do estudante • *Marcus Alves de Santana – UNEB*
14h30	• Compreendendo as emoções dos outros: Contribuições a partir da Segunda Pessoa • *Rafaela da S. C. Alves; Juliana de O. A. Fagundes – UESC*	• A Consciência como produto de múltiplos rascunhos • *Marcos Bragato – UFRN*
15h	• Enquadramento por persona em LLMs: mentalidade artificial, mente estendida e autopercepção mediada • *Edervaldo José de Souza Melo – FMU*	• A universalidade do ‘eu penso’ de Kant e a objetividade da autoconsciência • *Paola Dias Bauce – UFG*
15h30	• Know–how, abilities and Entailment • *Matheos Maia – UFF*	• A experiência do pensar: filosofia e educação na perspectiva socrática • *Michell Ribeiro Sobral – – IFSertão/PE*

Sessões de Comunicação presencial

- Tempo para exposição: até 20 minutos. Tempo para debate: 10 minutos ou mais. Tempo total: 30 minutos.
- Para quem desejar, pode enviar os slides para cifmcontato@gmail.com, com o assunto: Slides [Seu nome].
- Apresentação em português, inglês ou espanhol, com slides em segunda língua.
- As salas serão no Prédio de Atividades da FFC/Unesp

Dia 16 de junho de 2026 – Terça-feira (Manhã)			
Hora	**Sessão de Comunicações 1**	**Sessão de Comunicações 2**	**Sessão de Comunicações 3**
9h	• Neurodireitos: desafios à autonomia e privacidade frente às neurotecnologias • *Jainá Furtado Lopes - Unesp*	• Casos de contraste fenomenal e experiência de propriedades estéticas • *Rosi Leny Morokawa - UNESPAR*	• Multiálgebras e explicações contrafactuais em aprendizado de máquina interpretável: uma aproximação conceitual • *Ana C. Golzio; Mariana M. da S. Rodrigueiro - Unesp*
9h30	• Currículo escolar, desigualdade educacional e desenvolvimento do pensamento crítico: o conhecimento das Ciências Humanas entre o Ensino Médio público e o ENEM • *Angelo A. P. Papim; Ana L. M. Meglio - – Unesp*	• Conscious pattern universe • *Gilberto de Paiva* - Fatec/Osasco	• A preservação da biodiversidade frente ao desenvolvimento tecnológico: uma análise filosófico-interdisciplinar. • *Ana L. K. Raposo; Maria E. Q. Gonzales - Unesp*
10h	• Alguns Princípios e Propriedades de uma Representação Mental Enativa • *Paulo D. A. Sayeg; João E. K. Junior - USP*	• Attending to My(Self): subjective experience, active inference, and attention • *Maria Luiza I. de Vasconcelos - USP*	• Entre dados e sentimentos: os limites das IAs em processos decisórios humanos • *Caroline da S. Lourenzone; Renan M. da Costa - Unesp*
10h30	• Pain and Thermoregulation: A Problematic Parallel • *Daniel De Luca; Laurival A. de L. Junior - FAJE;Unesp*	• A intencionalidade dos estados cognitivos • *Lucas Benevides Ghiotto; Marcos A. Alves - Unesp*	• Impactos Éticos da Inteligência Artificial: Análise do Viés Algorítmico na atualidade • *Pablo H. V. de Nadai; Ana C. Golzio; Mariana M. da S. Rodrigueiro - Unesp*

Dia 16 de junho de 2026 – Terça-feira (Tarde)			
Hora	**Sessão de Comunicações 4**	**Sessão de Comunicações 5**	**Sessão de Comunicações 6**
15h	• A Hipótese Comunicação-Linguagem para a Evolução da Consciência • *Diogo Fernando Massmann - USP*	• Críticas ao fisicalismo tradicional • *João F. S. Rasi - USP*	• Como uma abordagem cognitiva pode explicar processos historicamente iniciais de habituação à leitura da ficção • *Pedro R. D. Chagas - UFPR*
15h30	• Three forms of consciousness • *Claudio Ferreira Costa – UFRN*	• O Dualismo na Filosofia da Mente Contemporânea • *Yuri F. de A. P. Guedes - Unesp*	• A ação criativa e a natureza do gesto: uma investigação à luz da fenomenologia peirciana • *Renata S. Souza; Maria E. Q. Gonzalez - PUC-SP/Unesp*
16h	• Entre o Sentir e o Saber: Senciência e a Abordagem Enativa • *Jonathan Farias Machado - UFRGS*	• Uma Introdução ao Monismo Russelliano • - *Leonardo H. B. Utinetti Unaerp*	• Big data e resistência criativa na era da governamentalidade algorítmica: questões entre o transhumano e o pós-humano • *Thien S. Ferraz - CEETEPS*
16h30	• O protagonismo na BNCC e a formação (ou negação) da consciência de classe • *Ana L. M. Meglio;Angelo A. P. Papim – Unesp*	• Como Ser Um Idealista Naturalista • *Lucas R. G. Ferreira - USP*	• Large Language Models jogam jogos-de-linguagem? • *Ricardo P. Cavassane - Unicamp*

Dia 17 de junho de 2026 – Quarta-feira (Manhã)			
Hora	**Sessão de Comunicações 7**	**Sessão de Comunicações 8**	**Sessão de Comunicações 9**
9h	• Attentive Self-Monitoring and Prediction Error: A Predictive Processing Model of Collective Ritual Performance • *Thales M. M. Silva - USP*	• Orch OR - Bases científicas para um Panpsiquismo Quântico • *Nandê C. de A. Pinto - USP*	• Memória Ecológica • *Laura Soares Mirandola - Unesp*
9h30	• Possibilidades de compartilhamentos meméticos entre espécies animais • *Lucas B. de Andrade; Marcos A. Alves – Unesp*	• Intencionalidade e conteúdo informacional em Dretske • *Sofia F. Muniz; Marcos A. Alves - Unesp*	• A experiência digital ameaça a percepção direta? • *Bárbara Linda Tavares - Unesp*
10h	• Entre-mentes: a mente como semiose • *Monica Aiub - Unesp*	• Estrutura Permeável-Impermeável: Uma Ontologia Processual da Cognição • *Sergio Garcia Rodrigues - Unesp*	• O problema da demarcação e o estatuto de cientificidade da Psicologia: uma tipificação epistemológica das abordagens psicoterapêuticas • *Marcos Vinícius Woelke de Oliveira - Unesp*
10h30			• Cosmotécnica: um diálogo entre Gregory Bateson e Yuk Hui • *Beatriz Gandini de Souza - Unesp*

Dia 17 de junho de 2026 – Quarta-feira (Tarde)			
Hora	**Sessão de Comunicações 10**	**Sessão de Comunicações 11**	**Sessão de Comunicações 12**
15h	• Aspectos cognitivos da desinformação: uma abordagem pragmaticista • *Leonardo R. T. Leite; Anderson V. Romanini – USP*	• O processamento preditivo é compatível com o enativismo? Uma análise a partir da interocepção • *Cecília L. Silva – Unesp*	• A alternativa naturalista de duplo aspecto ao estudo das emoções - um estudo de caso da neurociência afetiva de Panksepp • *Antônio M. de Oliveira; Marcos A. Alves - Unesp*
15h30	• Conatus e semiose: Spinoza e Peirce no debate sobre mentalidades naturais e artificiais • *Cristhiane R. Malaquias - UFVJM*	• Realismo Ingênuo: considerações da abordagem ecológica acerca de tipos naturais • *Gabriel F. Machado; Maria E. Q. Gonzalez - Unesp*	• Funções adaptativas dos Sonhos • *Glescikelly H. Ferreira - Unifesp*
16h	• O Sentido da experiência lógica no problema do *ground* • *Carlos Ronald – Unesp*	• Memória e atualização do passado em Bergson: um diálogo com o simulacionismo • *Laisa S. do R. Cides - UFSM*	• Memória Digital e Crise da Realidade Compartilhada: Uma Leitura Arendtiana da Experiência Contemporânea • *Kelly J. S. da Silva - Unesp*
16h30	• Signo e constituição do sentido • *Rafael U. Avelar – Unesp*	• O idealismo de Leibniz • *Fábio Carraro - USP*	• Inteligência Artificial e desempenho acadêmico no ensino superior: uma abordagem fuzzy para análise e predição de trajetórias discentes • *Giovanna D. Cardoso; Mariana M. da S. Rodrigueiro - Unesp*

Dia 18 de junho de 2026 – Quinta-feira (Tarde)			
Hora	**Sessão de Comunicações 13**	**Sessão de Comunicações 14**	**Sessão de Comunicações 15**
15h	• Artifícios do Capital: uma Crítica Pragmaticista à Hipótese da Inteligência Artificial Consciente • *Gabriel Engel Ducatti – USP*	• Um olhar para o protagonismo da Lógica nos desenvolvimentos da computação inteligente • *Mariana Matulovic da Silva Rodrigueiro - Unesp*	• Autobiographical Memory as a Bridge between the Philosophy of Memory and the Philosophy of the Self • *Cesar S. dos Santos - UFSM*
15h30	• O "direito à realidade" à luz da Ética Informacional: primeiros passos • *João Antonio de Moraes - UFU*	• Inteligência artificial nas eleições brasileiras de 2026: desafios éticos frente as novas regras do TSE • *Luiz G. Leme; Mariana C. Broens - Unesp*	• Relações entre a subjetividade em Descartes e Qualia na filosofia da mente • *Marcelo F. Gonçalo; Marcos A. Alves – Unesp*
16h	• O fantasma na gramática: Nietzsche e o antropomorfismo metodológico da segurança em IA • *Mariana Lins Costa - UECE*	• A cognição estendida e a manipulação online: consequências pragmáticas • *Ana P. de C. Gomes; Mariana C. Broens - Unesp*	• Criatividade e Subjetividade Fenomenal: Por que a Produção Criativa Não Constitui Evidência de Consciência • *Gustavo P. Furquim - FURG*

Conferências

Resumos das Conferências

Do we have a moral obligation to promote IA development?/Temos a obrigação moral de promover o desenvolvimento da IA? 31
Abel Wajnerman Paz 31
The mystery of Cartesianism/O mistério do cartesianismo 32
Adam Toon 32
Proxy media: AI as technical delegation/Mídia proxy: IA como delegação técnica 33
Alexander Matthias Gerner 33
Proposal for a distinction between the sciences of feeling and the metaphysics of consciousness/Proposta de distinção entre ciências do sentir e metafisica da consciência 34
Alfredo Pereira Jr. 34
Emotions and value: from fittingness to shaping/Emoções e valor: da adequação à modelagem 35
Andrea Melamed 35
Contextual Productivity/Produtividade contextual 36
Carlos Henrique Barth 36
Mentality, reality and language: an ecological approach to the syntax of natural language/Mentalidade, realidade e linguagem: uma abordagem ecológica da sintaxe da linguagem natural 37
César Fernando Meurer 37
Computer power and human reason 50th anniversary: a case for human expertise in decision-making and knowledge construction/50 anos do clássico "Computer power and human reason": em defesa da expertise humana na tomada de decisão e na construção do conhecimento 38
Cláudio A. Amorim 38
The Phenomenology of Life/Mind Continuity/A Fenomenologia da Continuidade da Vida/Mente 39
Dave Ward 39
Fear not fearful Ais/Não tema IAs medrosas 40
Felipe Nogueira de Carvalho 40
On Self-aware machines: insights from living to machine minds/Sobre máquinas autoconscientes: insights de mentes vivas a mentes de máquinas 41
Fernando Buarque 41
Human intelligence and Artificial Intelligence: some structural differences/Inteligência humana e Inteligência Artificial: algumas diferenças estruturais 42
Gabriel Mograbi 42
The Mind as Metaphor/A Mente como Metáfora 43
Gustavo Leal Toledo 43
Mind and Matter Reconciled: On Peirce's Realism-Idealism and its Heuristic Consequences/Mente e Matéria Conciliados: Sobre o Realismo - Idealismo de Peirce e suas Consequências Heurísticas 44
Ivo Assad Ibri 44
Some considerations about the book "The matter of mind"/Algumas considerações sobre o livro "The matter of mind" 45
João de Fernandes Teixeira 45
A New Spring for AI/Uma Nova Primavera para a IA 46
João Gama 46
Contra o epifenomenalismo: a consciência como guia para a ação/Against Epiphenomenalism: Consciousness as a Guide for Action 47

Jonas Gonçalves Coelho 47
Semantic-Entropic Hyper-networks/Hiper-redes Semântico-Entrópicas 48
Jorge Louçã 48
Universal emotions and the limits of linguistic evidence/Emoções universais e os limites da evidência linguística 49
Juan R. Loaiza 49
What Happens When Dennett's Computational Metaphor Is Subjected to an Intuition Pump?/O que acontece quando a metáfora computacional de Dennett é levada a um bombeamento de intuição? 50
Juliana de Orione Arraes Fagundes 50
Animal concepts: the problem of semantic content/Conceitos animais: o problema do conteúdo semântico 51
Laura Danón 51
Autopoietic Turing Machine/Máquina de Turing Autopoiética 52
Leonardo Lana de Carvalho 52
Intentional agency and artificial creativity: can there be creation without authors?/Agência intencional e criatividade artificial: pode haver criação sem autores? 53
Malena León 53
Emotional artificial intelligence: an ethical assessment/Inteligência artificial emocional: uma análise ética 54
Marco Aurélio Sousa Alves 54
Mentalidades naturais e artificiais: uma abordagem a partir da perspectiva intencionalista de Fred Dretske/Natural and Artificial Mentalities: an approach from Fred Dretske's intentionalist perspective 55
Marcos Antonio Alves 55
Is it possible to change the soliciting powers of a contradiction? On the plurality of Logics, inferential affordances and normative abilities/É possível alterar os poderes solicitantes de uma contradição? Sobre a pluralidade de lógicas, affordances inferenciais e capacidades normativas 56
Marcos Silva 56
The Cybernetic Turn in Philosophy/A Virada Cibernética na Filosofia 57
Maria Eunice Quilici Gonzalez 57
Contributions of the ecological theory of attention to the analysis of collective self-deception in virtual environments/Contribuições da teoria ecológica da atenção para a análise do autoengano coletivo em ambientes virtuais 58
Mariana C. Broens 58
Cartographic Thinking Meets Animal Thought/O Pensamento Cartográfico Encontra o Pensamento Animal 59
Mariela Aguilera 59
Visual Representation of False Propositional Content/Representación visual de contenidos proposicionales falsos 60
Mario Pérez-Montoro Gutiérrez 60
Artificial, intelligent, and sentient? Yes, if built correctly/Artificial, inteligente e senciente? Sim, se construído corretamente 61
Mario Villalobos 61
The relationship of phenomenal consciousness to mind and information processing/A relação da consciência fenomenal com a mente e o processamento de informações 62
Max Velmans 62
Darwin, Searle, and the phylogenetic approach to mind/Darwin, Searle e a abordagem filogenética da mente 63
Maxwell Morais de Lima Filho 63

It don't mean a thing (if it ain't a living thing): A new problem of meaning for AI/Um novo problema do significado para IA/ *64*
Nara M. Figueiredo 64
Qualia and the structure in vision, audition, and olfaction/Quália e estrutura na visão, audição e olfato *65*
Osvaldo Pessoa Jr. 65
Rethinking inner speech: variations and implications/Repensando a fala interna: variações e implicações *66*
Raquel Krempel 66
Understanding others' understanding: the observer grounding problem in human-AI interactions/Compreendendo a compreensão dos outros: o problema de aterramento do observador nas interações entre humanos e IA *67*
Tom Ziemke 67
The Metaphysics of AI/A Metafísica da IA *68*
William Jaworski 68

Do we have a moral obligation to promote IA development?
Temos a obrigação moral de promover o desenvolvimento da IA?

Abel Wajnerman Paz
Pontificia Universidad Católica de Chile (PUC/Chile) – Chile

A central issue in debates on the ethics of artificial intelligence (AI) is whether such systems could acquire capacities or traits that ground moral status. If so, our relationship with AI would shift from treating it merely as a tool to recognizing it as an entity toward which our instrumental reasoning must be significantly constrained. Philosophical accounts differ on what grounds moral status: while some emphasize "sophisticated cognitive capacities", others appeal to more "rudimentary" capacities. A challenge for the former view is that it excludes infants, individuals with severe cognitive impairments, and non-human animals. Yet sophisticated capacities may still be sufficient for moral status, even if not necessary (Birch 2024). If so, the development of human-like intelligence in AI could be enough to warrant moral consideration. Psychology and neuroscience analyze intelligence through the *g* factor, the positive manifold among cognitive tasks (Coyle 2021). AI systems usually lack such generality, excelling in narrow domains but failing to transfer abilities. Some recent models, however, appear to exhibit structures resembling *g* (Hernández-Orallo 2017; Chollet 2019). Moreover, if what matters is the *potential* to develop sophisticated capacities (Stone 1987), then AI systems, like infants, might warrant obligations *even prior to full development*. However, in this presentation I discuss two critical disanalogies between human and AI development must. Unlike human development, AI development is highly dependent on human design choices, though increasingly autonomous methods are emerging. Secondly, we have some evidence regarding what the typical trajectory of cognitive development looks like in humans and other animals. This is not the case of AI systems, as there is a very high degree of uncertainty regarding their potential. Based on the discussion of these issues, I argue that we may have an obligation to foster AI's cognitive development.

Uma questão central nos debates sobre a ética da inteligência artificial (IA) é se tais sistemas poderiam adquirir capacidades ou características que fundamentam o status moral. Se assim for, nossa relação com a IA deixaria de tratá-la meramente como uma ferramenta e passaria a reconhecê-la como uma entidade à qual nosso raciocínio instrumental deve ser significativamente restringido. As abordagens filosóficas divergem quanto ao que fundamenta o status moral: enquanto algumas enfatizam "capacidades cognitivas sofisticadas", outras apelam para capacidades mais "rudimentares". A primeira visão exclui bebês, indivíduos com deficiências cognitivas graves e animais não humanos. No entanto, capacidades sofisticadas ainda podem ser suficientes para o status moral, mesmo que não sejam necessárias (Birch 2024). Se assim for, o desenvolvimento de inteligência semelhante à humana na IA poderia ser suficiente para justificar consideração moral. A psicologia e a neurociência analisam a inteligência por meio do fator g, a variedade positiva entre as tarefas cognitivas (Coyle 2021). Os sistemas de IA geralmente carecem dessa generalidade, destacando-se em domínios restritos, mas falhando na transferência de habilidades. Alguns modelos recentes, no entanto, parecem exibir estruturas semelhantes a g (Hernández-Orallo 2017; Chollet 2019). Além disso, se o que importa é o potencial para desenvolver capacidades sofisticadas (Stone 1987), então os sistemas de IA, assim como os bebês, podem justificar obrigações mesmo antes do desenvolvimento completo. Nesta apresentação, discuto duas desanalogias críticas entre o desenvolvimento humano e o da IA. O desenvolvimento da IA é altamente dependente das escolhas de *design* humano. Em segundo lugar, temos evidências sobre como é a trajetória típica do desenvolvimento cognitivo em humanos e outros animais. Este não é o caso dos sistemas de IA. Argumento que podemos ter a obrigação de promover o desenvolvimento cognitivo da IA.

The mystery of Cartesianism
O mistério do cartesianismo

Adam Toon
University of Exeter – United Kingdon
Centre for the Study of Life Sciences

We often talk about the mind as an inner mechanism—a hidden collection of "wires and pulleys" (as Gilbert Ryle once put it), directing our behaviour from behind the scenes. Cartesianism takes this vision seriously. It aims to uncover our inner mechanism and discover its workings. Once, our inner mechanism was taken to be constructed from a strange, immaterial substance. Today, most assume that it is thoroughly material, and found inside the brain. Work in artificial intelligence is built upon this vision of mind. It promises to explain the mind by reconstructing its mechanism—or perhaps even surpassing it. Cartesianism is an extraordinary view. On the one hand, it is enormously attractive: its vision of mind has dominated Western thought, from the early modern period to contemporary cognitive science. On the other hand, it is absurd: as Ryle, Wittgenstein, and many others have argued (persuasively, in my view), Cartesianism contradicts the most basic features of human life and, once we try to take it seriously, we find it makes little sense. Here is the mystery I want to solve: if Cartesianism is absurd, why does it enjoy such widespread appeal in our intellectual and cultural life? My solution will draw on a new approach to the mind, called mental fictionalism. I have defended this approach in a recent book (Mind as Metaphor, Oxford University Press, 2023). Its central claim is that our concept of mind is fundamentally metaphorical: we project the "outer world" of human culture onto the "inner world" of the mind. This inner world is a useful fiction: it does not exist—and yet we cannot avoid talking about it. I will show how a fictionalist approach can solve the mystery posed by Cartesianism—and that it offers an alternative, historical and materialist vision of the mind.

Frequentemente falamos da mente como um mecanismo interno — uma coleção oculta de "fios e polias" (como disse Ryle), direcionando nosso comportamento por trás dos bastidores. O cartesianismo leva essa visão a sério. Seu objetivo é desvendar nosso mecanismo interno e descobrir seu funcionamento. Antigamente, acreditava-se que nosso mecanismo interno era construído a partir de uma substância estranha e imaterial. Hoje, a maioria assume que ele é completamente material e encontrado dentro do cérebro. O trabalho em inteligência artificial se baseia nessa visão da mente. Ele promete explicá-la reconstruindo seu mecanismo — ou talvez até mesmo superando-o. O cartesianismo é uma visão extraordinária. Por um lado, é enormemente atraente: sua visão da mente dominou o pensamento ocidental, desde o início do período moderno até a ciência cognitiva contemporânea. Por outro lado, é absurdo: como Ryle, Wittgenstein e muitos outros argumentaram (persuasivamente, creio), o cartesianismo contradiz as características mais básicas da vida humana e, quando tentamos levá-lo a sério, descobrimos que faz pouco sentido. Eis o mistério que quero resolver: se o cartesianismo é absurdo, por que ele desfruta de um apelo tão amplo em nossa vida intelectual e cultural? Minha solução se baseia em uma nova abordagem da mente, chamada ficcionalismo mental, a qual defendi em Mind as Metaphor (2023). Sua afirmação central é que nosso conceito de mente é fundamentalmente metafórico: projetamos o "mundo externo" da cultura humana no "mundo interno" da mente. Esse mundo interno é uma ficção útil: ele não existe — e, no entanto, não podemos deixar de falar sobre ele. Mostro como uma abordagem ficcionalista pode solucionar o mistério colocado pelo cartesianismo — e que ela oferece uma visão alternativa, histórica e materialista da mente.

Proxy media: AI as technical delegation
Mídia proxy: IA como delegação técnica

Alexander Matthias Gerner
Universidade Lusófona/FilmEU European University – Portugal

Günther Anders warned in 1956 that "Die Welt wird uns ins Haus geliefert"—the world delivered to us at home is as a *phantom*. AI proxy media radicalizes this proposition: we ourselves are delivered as phantoms through what I term artefactors—artifacts that mimic being actors rather than mere technical tools, becoming proxies. Where Anders diagnosed atomic anxiety and "Promethean shame," we witness algorithmic seduction amid Sloterdijk's "Promethean regret"—an arsonist anthropology burning planetary energy through data centers and AI computation. Consciousness delegation transforms from terror (atomic bombs and autonomous weapons) to enchantment (AI proxies creating, thinking, relating to others even socially "for" us). Following Floridi (2015), AI systems operate through non-degenerate proxy relations that exceed mere representation ("standing for") to achieve surrogate authority ("standing in for"). Recent research demonstrates how "AI can be considered conscious by users during human-AI interaction" (Guingrich & Graziano, 2024) precisely because these systems achieve complete substitution where humans become spectral to their own conscious experience. AI systems not only achieve "authenticated delegation" with "explicit authority to agents" (Miller et al., 2025), but actually operate on responsibility voids through disconnection, disembodiment, disinhibition, and deception, creating new forms of vicarious agency where we encounter AI agential systems as socio-technical uncanny others (Gerner, 2019) as artefactors (Gerner, 2024), artefacts that mimic to be actors. In this talk the complex issue of AI artefactors as proxy media will be developed.

Günther Anders alertou, em 1956, que "Die Welt wird uns ins Haus geliefert" — o mundo entregue a nós em casa é como um *fantasma*. A mídia proxy de IA radicaliza essa proposição: nós mesmos somos entregues como fantasmas por meio do que chamo de artefatos — que imitam o papel de atores em vez de meras ferramentas técnicas, tornando-se proxies. Onde Anders diagnosticou ansiedade atômica e "vergonha prometeica", testemunhamos a sedução algorítmica em meio ao "arrependimento prometeico" de Sloterdijk — uma antropologia incendiária que queima energia planetária por meio de data centers e computação de IA. A delegação de consciência transforma o terror (bombas atômicas e armas autônomas) em encantamento (proxies de IA criando, pensando, se relacionando com os outros, até mesmo socialmente "para" nós). Seguindo Floridi (2015), os sistemas de IA operam por meio de relações proxy não degeneradas que excedem a mera representação ("representando") para alcançar uma autoridade substituta ("representando"). Pesquisas recentes mostram como "a IA pode ser considerada consciente pelos usuários durante a interação humano-IA" (Guingrich & Graziano, 2024) precisamente porque esses sistemas alcançam a substituição completa, onde os humanos se tornam espectrais em relação à sua própria experiência consciente. Sistemas de IA não apenas alcançam a "delegação autenticada" com "autoridade explícita aos agentes" (Miller et al., 2025), mas também operam em vazios de responsabilidade por meio da desconexão, desencarnação, desinibição e engano, criando formas de agência vicária. Nelas, encontramos sistemas agenciais de IA como outros sociotécnicos e misteriosos (Gerner, 2019), como artefatos (Gerner, 2024), que se simulam atores. Nesta palestra desenvolvemos a complexa questão dos artefatos de IA como mídia proxy.

Proposal for a distinction between the sciences of feeling and the metaphysics of consciousness
Proposta de distinção entre ciências do sentir e metafísica da consciência

Alfredo Pereira Jr.
Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Brazil

I propose an epistemological distinction between: 1) Sentiomics: the neuroscientific study (from the third-person perspective) of the unconscious processes that generate conscious experience, or in other words, the neuroscientific study of Sentience, our capacity to feel (not the feelings themselves); 2) Qualiomics: the philosophical study of the contents of conscious experience (Qualia) from the first-person perspective, considering that they can be, in addition to a subjective event like a feeling, also a window onto ultimate reality (Being qua Being, or the All-Encompassing, in Aristotle). Qualiomics is a Metaphysics of Consciousness, and cannot be reduced to Phenomenology, because the latter is based either on the Kantian assumption that we can only know: our way of knowing (the forms of knowledge); or on the conception that "things themselves" would be Ideas (Husserl). In Qualinomics, it is proposed that Forms experienced in the first person are 'unveilings' of Being, while representations are 'revelations' of Being.

Proponho uma distinção epistemológica entre: 1) Sentiômica: o estudo neurocientífico (na perspectiva da terceira pessoa) dos processos inconscientes que geram a experiência consciente, ou em outras palavras, o estudo neurocientífico da Sentiência, nossa capacidade de sentir (não os sentimentos em si); 2) Qualiômica: o estudo filosófico dos conteúdos da experiência consciente (*Qualia*) na perspectiva de primeira pessoa, considerando que podem ser, além de um evento subjetivo como um sentimento, também uma janela para a realidade última (o Ser enquanto Ser, ou o Abrangente, em Aristóteles). A Qualiômica é uma Metafísica da Consciência, não podendo ser reduzida à Fenomenologia, porque esta se baseia ou na suposição kantiana de que só podemos conhecer: nosso modo de conhecer (as formas do conhecimento); ou na concepção de que as "coisas mesmas" seriam Ideias (Husserl). Na Qualiômica, se propõe que as Formas vividas em primeira pessoa são 'des-velamentos' do Ser, enquanto as representações são 're-velações' do Ser.

Emotions and value: from fittingness to shaping
Emoções e valor: da adequação à modelagem

Andrea Melamed
Universidad de Buenos Aires (UBA) – Argentina
IIF (SADAF/CONICET)

The question of whether emotions are cognitive has long been central to debates about their nature. In previous work, I argued that this dispute reveals a kind of irreducibility (Melamed, 2022). Here, however, I focus on a different issue common to both perspectives: how values such as danger or disgust emerge. Whether I judge or perceive something as dangerous, I experience fear, which motivates me to fight or flee. Conversely, if I feel fear, it must be because something I judge, believe, or perceive as dangerous is present, for the emotion to be fitting. This analysis extends to other basic emotions, provided affective reactions are appropriate to their formal objects (Kenny, 1963). For instance, fear would be inappropriate if the relevant value were disgust, since, as Deonna and Teroni observe, "emotional episodes [are] appropriate […] when they are directed at objects or situations that do exemplify the relevant values" (Deonna and Teroni, 2014). The underlying assumption is thus that there are independent criteria for determining whether something is dangerous. I challenge this assumption, arguing against the view that emotions resemble beliefs in their mind-to-world direction of fit (De Sousa, 2004). Instead, I propose that emotions do not merely reflect how we perceive the world, but in many ways constitute our very perception of it.

A questão de saber se as emoções são cognitivas tem sido central nos debates sobre sua natureza. Em trabalhos anteriores, argumentei que essa disputa revela um tipo de irredutibilidade (Melamed, 2022). Aqui, no entanto, concentro-me em uma questão diferente, comum a ambas as perspectivas: como emergem valores como perigo ou repulsa? Quer eu julgue ou perceba algo como perigoso, sinto medo, motivando-me a lutar ou fugir. Se sinto medo, deve ser porque algo que julgo, acredito ou percebo como perigoso está presente, para que a emoção seja adequada. Essa análise se estende a outras emoções básicas, desde que as reações afetivas sejam apropriadas aos seus objetos formais (Kenny, 1963). O medo, por exemplo, seria inadequado se o valor relevante fosse repulsa, uma vez que, como observam Deonna e Teroni (2014), "episódios emocionais [são] apropriados [...] quando são direcionados a objetos ou situações que exemplificam os valores relevantes". A suposição subjacente é, portanto, a de que existem critérios independentes para determinar se algo é perigoso. Eu questiono essa suposição, argumentando contra a visão de que as emoções se assemelham às crenças em sua direção de ajuste mente-mundo (De Sousa, 2004). Em vez disso, proponho que as emoções não refletem apenas como percebemos o mundo, mas, de muitas maneiras, constituem nossa própria percepção dele.

Contextual Productivity
Produtividade contextual

Carlos Henrique Barth
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Brasil

Fluid adaptativity to an open-ended set of contexts is a fundamental aspect of human cognition. When the frame problem was first described, still within the scope of Artificial Intelligence, it was quickly recognized by the philosophical community as a foundational challenge that emerges when trying to explain this contextual adaptability in the human cognitive apparatus. My core goal is to provide a maximally "neutral" description (in relation to different frameworks) without sacrificing rigor in the characterization of this phenomenon. The central claim is that human cognition operates in non-saturable contexts by means of a capacity called contextual productivity. In a non-saturable context, it is impossible to anticipate the type of feature that may comprise it, as well as their role in the cognitive task in question. A cognitive apparatus exhibits contextual productivity when it is able to extrapolate to an open-ended set of contextual variations without losing sight of what is circumstantially relevant. It is, therefore, a type of productivity distinct from linguistics. This throws light on two contemporary issues: 1) the inadequacy of currently used approaches to address contextual effects in cognition, as they all rely on characterizations limited by the researcher's explanatory interests, and 2) to what extent does the exercise of human cognition differ from complex AI systems, even in cases where performances are similar. Characterized in this way, the problem reveals itself as a concrete challenge to be faced by all contemporary frameworks, regardless of the theoretical vocabulary adopted (computational mechanisms, representations, affordances, active inference, etc.)

A adaptatividade fluida a um número indefinidamente multiplicável de contextos é um aspecto fundamental da cognição humana. Quando o *frame problem* foi descrito pela primeira vez, ainda no âmbito da Inteligência Artificial, não demorou a ser reconhecido pela comunidade filosófica como um desafio fundacional que emerge ao se tentar explicar essa adaptatividade contextual no aparato cognitivo humano. Meu objetivo geral é fornecer uma descrição maximamente "neutra" (em relação a diferentes *frameworks*) sem prescindir do rigor na caracterização do fenômeno. A tese central é a de que a cognição humana opera em contextos insaturáveis por meio de uma capacidade denominada produtividade contextual. No contexto insaturável não há como prever nem o tipo de fator que pode vir a constituí-lo, nem seu papel na tarefa cognitiva em questão. Um aparato cognitivo exibe produtividade contextual quando é capaz de extrapolar para um número indefinidamente multiplicável de variações contextuais sem perder de vista o que é circunstancialmente relevante. Trata-se, portanto, de um tipo de produtividade distinto da linguística. Isso permite jogar luz sobre duas questões contemporâneas: 1) a insuficiência das abordagens atualmente utilizadas no tratamento de efeitos contextuais na cognição, pois todas repousam sobre caracterizações delimitadas pelos interesses explicativos do pesquisador, e 2) em que medida o exercício da cognição humana se distingue dos sistemas de IA, mesmo nos casos em que as performances se assemelham. Caracterizado desta forma, o problema se revela um desafio concreto a ser enfrentado por todas as *frameworks* contemporâneas, independentemente do vocabulário teórico adotado, como mecanismos computacionais, representações, *affordances*, inferência ativa etc.

Mentality, reality and language: an ecological approach to the syntax of natural language
Mentalidade, realidade e linguagem: uma abordagem ecológica da sintaxe da linguagem natural

César Fernando Meurer
State University of Northern Rio de Janeiro (UENF) - Brazil

This talk is about the ecological understanding of the relationship between mentality, reality and language. It aims at proposing a new approach to the foundations of the syntax of natural language. With regard to reality, we assume the stance known as 'ecological realism', which is a view on which there are agent-related aspects called 'affordances' (i.e. features that are constituted both by the sociomaterial world and by the activity of the organism). Ecological realism will be unfolded on two related levels: the landscape of affordances (the publicly shared world) and the field of affordances (the world as it shows up for the individual). The contribution we will try to make in this regard is that *the field of affordances has a dynamic structure, which plays a role in driving the organism's activity and updates itself as action takes place*. On ecological lens, language is a skilled activity whereby an organism makes information ambient and available, either in a structured or unstructured way. Here, our effort goes towards articulating this idea both to the landscape and to the field of affordances. The contribution we seek to make in this regard is that *the structuring of linguistic activity is driven by the structure of the field of affordances*. If we succeed in this, then we may have a basis for reconceiving the foundations of the syntax of natural language as neither internal nor external (as the two main approaches of the 20th century have it), but relational. Such a revamping would count as a contribution both to theoretical linguistics and to the ecological approach of the relationship between mentality, reality and language.

Tratamos da compreensão ecológica da relação entre mentalidade, realidade e linguagem. Seu objetivo é propor uma nova abordagem dos fundamentos da sintaxe da linguagem natural. No que diz respeito à realidade, assumimos a posição conhecida como 'realismo ecológico', que é uma visão segundo a qual há aspectos relacionados ao agente chamados 'affordances' (ou seja, características que são constituídas tanto pelo mundo sociomaterial quanto pela atividade do organismo). O realismo ecológico será desdobrado em dois níveis relacionados: a paisagem de affordances (o mundo publicamente compartilhado) e o campo de affordances (o mundo tal como se apresenta ao indivíduo). A contribuição que tentaremos fazer a esse respeito é que *o campo de affordances tem uma estrutura dinâmica, que desempenha um papel importante no direcionamento da atividade do organismo e se atualiza à medida que a ação ocorre*. Em uma perspectiva ecológica, a linguagem é uma atividade habilidosa pela qual um organismo torna a informação ambiente e disponível, seja de forma estruturada ou não estruturada. Aqui, nosso esforço vai no sentido de articular essa ideia tanto à paisagem quanto ao campo de affordances. A contribuição que procuramos fazer a este respeito é que *a estruturação da atividade linguística é direcionada pela estrutura do campo de affordances*. Se tivermos sucesso nisso, talvez tenhamos uma base para repensar os fundamentos da sintaxe da linguagem natural, não como internos ou externos (como defendem as duas principais abordagens do século XX), mas como relacionais. Tal reformulação seria uma contribuição tanto para a linguística teórica quanto para a própria abordagem ecológica da relação entre mentalidade, realidade e linguagem.

Computer power and human reason 50th anniversary: a case for human expertise in decision-making and knowledge construction

50 anos do clássico "Computer power and human reason": em defesa da expertise humana na tomada de decisão e na construção do conhecimento

Cláudio A. Amorim
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Brazil
clamorim@uneb.br

For many years, the so-called artificial Intelligence (AI) has been helping people both in decision-making and knowledge-construction. As AI models become more capable, much has been said about replacing humans altogether in some roles, as machines could – and indeed in some cases do – perform better alone. Nevertheless, as shown by decades of work in computer chess, outstanding performance may be attainable under the complete absence of understanding and insight. Thus, although the top professional chess players cannot remotely match machines' power in competitive chess, there are several well-known test positions about which the best chess programs do not have the faintest clue, although easily grasped even by lesser amateurs. Drawing from carefully analyzed examples and from classical works in the philosophy of mind, it is argued that the difference between "computer power and human reason" is still as relevant as it was fifty years ago, when underlined in the title of Weizenbaum's 1976 classic.

Há muitos anos, a assim chamada inteligência artificial tem ajudado as pessoas na tomada de decisão e na construção do conhecimento. Na medida em que os modelos de IA se tornam mais capazes, muito se tem falado em substituir de vez os seres humanos em algumas posições, visto que as máquinas poderiam atuar melhor sozinhas – o que de fato corre, em certos casos. Entretanto, conforme evidenciam décadas de trabalho no xadrez computacional, um desempenho excepcional pode ser alcançado mesmo na total ausência de compreensão e *insight*. Assim, embora os melhores enxadristas profissionais não sejam páreo para o poder de jogo das máquinas, há diversas posições de teste bem conhecidas sobre as quais os melhores programas não têm qualquer noção, embora facilmente apreensíveis por amadores medíocres. Com base em exemplos e em obras clássicas da filosofia da mente, argumenta-se que a distinção entre "o poder computacional e a razão humana" é ainda tão relevante quanto há 50 anos, quando foi destacada no título do livro clássico de Weizenbaum, (1976).

The Phenomenology of Life/Mind Continuity
A Fenomenologia da Continuidade da Vida/Mente

Dave Ward
University of Edinburgh – United Kingdom

One trend in 21st Century theorising about consciousness is the resurgence of 'biopsychist' or life/mind continuity approaches (Thompson 2010; Ginsburg & Jablonka 2019; Godfrey-Smith 2020). Instead of attempting to explain and analyse consciousnes in terms of computational and informational processes, these approaches appeal to biological organization and the evolution of adaptive behaviour, seeking to shed light on how minimal forms of consciousness might emerge from basic organizational properties of life itself. But life/mind continuity views of this kind face a dilemma. They either attribute minimal consciousness implausibly widely, to all biotic (or proto-biotic) systems, or avoid doing so by appealing to additional structural properties as prerequisites for consciousness. This second option is problematic insofar as these additional structural properties tend to be ones that are not obviously dependent on biological substrates, such as sensorimotor integration. What contemporary mind/life continuity theorists need is a compelling account of how and why the particular modes of sensorimotor integration to which they appeal remain inextricably dependent on underlying organisational properties of metabolic life, and why this dependence matters in an explanation of consciousness. I argue that we find the materials for such an account in the phenomenological biology of Hans Jonas, and the embodied, situated phenomenology of Merleau-Ponty. Putting 21st century work on life/mind continuity into closer contact with the work of these 20th century phenomenologists allows us to understand how and why the fundamental structures of our conscious experience depend on fundamental structural features of living organization.

Uma tendência na teorização da consciência no século XXI é o ressurgimento de abordagens "biopsiquistas" ou de continuidade da vida/mente. Em vez de tentar explicar e analisar a consciência em termos de processos computacionais e informacionais, essas abordagens apelam para a organização biológica e a evolução do comportamento adaptativo, buscando lançar luz sobre como formas mínimas de consciência podem emergir de propriedades organizacionais básicas da própria vida. Tais visões de continuidade da vida/mente enfrentam um dilema: ou atribuem a consciência mínima, de forma implausível e ampla, a todos os sistemas bióticos (ou protobióticos), ou evitam fazê-lo apelando para propriedades estruturais adicionais como pré-requisitos para a consciência. Esta segunda opção é problemática, pois tais propriedades tendem a ser aquelas que não são obviamente dependentes de substratos biológicos, como a integração sensório-motora. O que os teóricos contemporâneos da continuidade mente/vida precisam é de uma explicação convincente de como e porque os modos particulares de integração sensório-motora aos quais recorrem permanecem dependentes das propriedades organizacionais subjacentes da vida metabólica, e porque a dependência importa em uma explicação da consciência. Argumento que encontramos os materiais para tal explicação na biologia fenomenológica de Hans Jonas e na fenomenologia corporificada e situada de Merleau-Ponty. Colocar o trabalho do século XXI sobre a continuidade da vida/mente em contato mais próximo com o trabalho desses fenomenólogos do século XX permite entender como e porque as estruturas fundamentais da nossa experiência consciente dependem de características estruturais fundamentais da organização viva.

Fear not fearful Ais
Não tema IAs medrosas

Felipe Nogueira de Carvalho
Universidade Federal de Lavras (UFLA) – Brazil

Recent advances in AI raise various questions about its current cognitive capabilities and what to expect (and perhaps fear) in the near future. One such question concerns the attribution of emotions to artificial systems. We will focus on one emotion, fear, and on specific artificial systems: large-language models (LLMs) implemented on dry machines. The central question is whether these machines can be afraid. The answer to this question requires a theory that specifies the sufficient conditions for fear. These conditions, as argued by Joseph Ledoux (2019), include at least two aspects: a sensory/behavioral defense circuit, and the capacity for (conscious) autonoetic representation of threats. After analyzing which conditions, and to what degree, AI can satisfy, our verdict is that, for now, we have no reason to fear fearful machines.

Os avanços recentes das IAs suscitam questões variadas acerca de suas capacidades cognitivas atuais e do que esperar (e talvez temer) no futuro próximo. Uma dessas questões se refere à atribuição de emoções a sistemas artificiais. Iremos nos concentrar em uma emoção particular, o medo, e em sistemas artificiais específicos: modelos de linguagem de grande escala (LLMs) realizados em máquinas secas. A questão central é se essas máquinas podem ter medo. A resposta a essa pergunta exige uma teoria que explicite as condições suficientes do medo. Essas condições, tal como argumentado por Joseph Ledoux (2019), incluem ao menos dois aspectos: um circuito de defesa sensório/comportamental, e a capacidade de representação (consciente) autonoética de ameaças. Após analisar quais condições, e em que grau, a IA consegue satisfazer, nosso veredicto é que não temos razões para temer, por enquanto, máquinas medrosas.

On Self-aware machines: insights from living to machine minds
Sobre máquinas autoconscientes: insights de mentes vivas a mentes de máquinas

Fernando Buarque
Universidade de Pernambuco (UPE) – Brazil

Bridging insights from artificial intelligence, evolutionary psychology, computational semiotics, and humanistic disciplines — including ethics and sustainability studies, in the talk we explore how industrial systems can evolve beyond automation into intelligent entities capable of self-awareness and adaptive decision-making. Next, we will briefly present a novel framework for designing machines that understand their roles, limitations, and interactions in complex industrial environments, while also accounting for their socio-environmental impact. The aim is to redefine industrial cognition making way for truly autonomous, context-aware, and ethically responsible production systems.

Exploramos como os sistemas industriais podem evoluir além da automação para entidades inteligentes capazes de autoconsciência e tomada de decisão adaptativa. Para tanto, reunimos *insights* da inteligência artificial, psicologia evolucionista, semiótica computacional e disciplinas humanísticas — incluindo ética e estudos de sustentabilidade. Em seguida, apresentamos brevemente uma nova estrutura para projetar máquinas que compreendam seus papéis, limitações e interações em ambientes industriais complexos, ao mesmo tempo em que consideram seu impacto socioambiental. Propomos uma redefiniçao da cognição industrial, abrindo caminho para sistemas de produção verdadeiramente autônomos, conscientes do contexto e eticamente responsáveis.

Human intelligence and Artificial Intelligence: some structural differences
Inteligência humana e Inteligência Artificial: algumas diferenças estruturais

Gabriel Mograbi
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Brazil

In this keynote talk we will discuss some of the main differences between AI and Human Intelligence. The main differences between human intelligence and artificial intelligence fall into several key categories: We will mainly focus on the most important ones: 1. Nature and Origin, 2. Learning and Adaptability, 3. Consciousness and Emotion, 4. Creativity and Innovation, 5. Problem Solving and Decision Making, 6. Energy and Efficiency. Humorously, these categories were mined from ChatGPT, my co-author in this abstract. I understand that if ChatGPT, itself asserts that we have categorical differences between Human Intelligence and AI, we can take for granted that this is mostly an uncontroversial standpoint as it was generated from a large bulk of reasonably qualified text, and has passed through filtering, weighing and parametrization . Surprisingly, the main AI tools for AI generated text detection and plagiarism do not detect this text as AI generated. ChatGPT Zero declares that: "We are highly confident this text is entirely human" which is not perfectly true, but mainly true. One of the collateral intentions of this talk is to show how this is possible.

Nesta palestra, discutiremos algumas das principais diferenças entre IA e Inteligência Humana. As principais diferenças entre elas se enquadram em várias categorias principais. Concentraremos nossa atenção nas mais importantes: 1. Natureza e Origem, 2. Aprendizagem e Adaptabilidade, 3. Consciência e Emoção, 4. Criatividade e Inovação, 5. Resolução de Problemas e Tomada de Decisão, 6. Energia e Eficiência. Curiosamente, essas categorias foram extraídas do ChatGPT, meu coautor neste resumo. Entendo que, se o próprio ChatGPT afirma que temos diferenças categóricas entre Inteligência humana e IA, podemos presumir que este é, em grande parte, um ponto de vista incontroverso, visto que foi gerado a partir de um grande volume de texto razoavelmente qualificado e passou por filtragem, ponderação e parametrização. Surpreendentemente, as principais ferramentas de IA para detecção de plágio e texto gerado por IA não detectam esse texto como gerado por IA. O ChatGPT Zero declara: "Estamos altamente confiantes de que este texto é inteiramente humano", o que não é totalmente verdade, mas é principalmente verdade. Uma das intenções colaterais desta palestra é mostrar como isso é possível.

The Mind as Metaphor
A Mente como Metáfora

Gustavo Leal Toledo
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) - Brazil

The existence of mind and consciousness is generally not called into question—neither by philosophers, nor by scientists, nor even within common sense. Nevertheless, this work proposes a contrarian path aimed at unsettling the very intuitive foundations that sustain the prevailing agreement regarding the existence of mind and consciousness. To this end, the discussion will draw upon Dennett's Multiple Drafts Model, Keith Frankish's Illusionism, and Eric Schwitzgebel's "Crayzism." What emerges is a radical proposal that, although sharing affinities with Paul and Patricia Churchland's Eliminativism and with Frankish's own Illusionism, must be distinguished from both, and may be characterized as either "First-Person Skepticism" or "Strict Physicalism." Once a conceptual and empirical space is opened in which the very existence of mind and consciousness can be contested, the paper advances a philosophical framework that integrates Illusionism with the Mental Fictionalism of A. Toon and T. Demeter. Within this perspective, mental terms are to be understood as mere metaphors grounded in the physical world. Their function is not to describe a supposed internal mental reality (which, in itself, would already be metaphorical in nature), but rather to enable specific social practices—particularly those that promote group cohesion and the maintenance of individual status within a community.

A existência da mente e da consciência não se encontra, em geral, sob suspeita — nem entre filósofos, nem entre cientistas, tampouco no senso comum. No entanto, indo contra a corrente, propõe-se aqui um caminho capaz de abalar os fundamentos da intuição que sustenta esse acordo em torno da existência da mente e da consciência. Nesse sentido, recorrer-se-á ao modelo dos Esboços Múltiplos de Dennett, ao Ilusionismo de Keith Frankish e ao "Crayzism" de Eric Schwitzgebel. Será, então, delineada uma proposta radical que, embora guarde proximidades com o Eliminativismo de Paul e Patricia Churchland e o próprio Ilusionismo de Frankish, deve ser distinguida de todos eles, podendo ser designada como "Ceticismo de Primeira Pessoa" ou "Fisicalismo Estrito". Uma vez aberto um espaço de debate conceitual e empírico que permita questionar a própria existência da mente e da consciência, propõe-se uma concepção filosófica que articule o Ilusionismo ao Ficcionalismo Mental de A. Toon e T. Demeter. Nessa perspectiva, os termos mentais devem ser compreendidos como meras metáforas enraizadas no mundo físico, cuja função não consiste em descrever uma suposta realidade mental interna (a qual, em si mesma, já seria de natureza metafórica), mas, antes, em viabilizar certas práticas sociais — em especial aquelas voltadas para a coesão grupal e para a manutenção do status individual no interior de uma comunidade.

Mind and Matter Reconciled: On Peirce's Realism-Idealism and its Heuristic Consequences
Mente e Matéria Conciliados: Sobre o Realismo - Idealismo de Peirce e suas Consequências Heurísticas

Ivo Assad Ibri
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) – Brazil
Centro de Estudos do Pragmatismo

One of the least known and possibly misunderstood theories within Peirce's philosophy is his Objective Idealism. A basic reason is a misunderstanding of his realism which, when read in light of the contemporary realism-idealism dichotomy, becomes irreconcilable with idealism. However, it is necessary to clarify the historical roots of both these doctrines to understand the meaning they assume in Peircean thought. His realism originates in the question of universals in scholasticism, and his idealism is objective in nature, namely, it is not confined solely to subjectivity, as it is exclusively assumed contemporarily, but extends the predicate of ideality to the whole of a complex reality – such ideality is formed by three ontological categories, beyond the mere existence of particular objects "outside the mind", as expressed in that aforementioned dichotomy. Historically, Peirce's idealism is inspired by the philosophy of Schelling, whose objective character is distinguished from the subjective idealisms found, exemplary, in Berkeley and Fichte. This talk seeks to demonstrate how realism-idealism becomes grounded in the theory of habits ontologically understood in Peirce's philosophy and, consequently, how the mind-matter dualism dissolves into a unity of connaturality, allowing us to understand, in turn, without contradictions of principle, the heuristic possibilities of what is broadly understood by mind in the Peircean context.

Uma das teorias menos conhecidas e possivelmente mal-entendidas no interior da filosofia de Peirce é seu Idealismo Objetivo. Uma razão básica é um mau entendimento de seu realismo que, quando lido à luz da dicotomia realismo -idealismo contemporânea, torna-se inconciliável com um idealismo. Contudo, é preciso esclarecer o a raiz histórica de ambas essas doutrinas para compreender o significado que assumem no pensamento peirciano. Seu realismo tem origem na questão dos universais da escolástica e seu idealismo é de natureza objetiva, a saber, não se confina tão somente à subjetividade, como exclusivamente se supõe contemporaneamente, mas estende o predicado da idealidade ao todo de um realidade complexa, formada por três categorias, ontológicas, para além da mera existência de objetos particulares 'fora da mente', tal como expressa aquela mencionada dicotomia. Esse trabalho procura evidenciar como realismo – idealismo torna-se fundado na teoria dos hábitos ontologicamente entendidos na filosofia de Peirce e, decorrentemente, como o dualismo mente – matéria se dissolve em uma unidade de conaturalidade, proporcionando compreender, de sua vez, sem contradições de princípio, as possibilidades heurísticas do que se entende amplamente por mente no contexto peirciano.

Some considerations about the book "The matter of mind"
Algumas considerações sobre o livro "The matter of mind"

João de Fernandes Teixeira
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – Brazil

The book "The Matter of Mind" focuses on the mind-body problem. This problem should be seen not as a philosophical or metaphysical one, but as a cognitive one. What needs to be accounted for is a representation of how the interaction of mind and brain can become more intelligible. The author proposes that science can provide such a representation, especially the contemporary physics of string theory. String theory offers a new conception of matter, allowing a transition from matter to mind without the difficulties imposed by a traditional/commonsense corpuscular conception of material objects. In other words, string theory will allow us to conceive of a continuum between matter and mind. There is no discontinuity between them once we abandon the description of matter based on visual perception, describing it as solidity, impenetrability, and extension in space.

O livro "The Matter of Mind" foca no problema mente-corpo. Tal problema deve ser visto não como um problema filosófico ou metafísico, mas como um problema cognitivo. O que precisa ser contabilizado é uma representação de como a interação da mente e do cérebro pode se tornar mais inteligível. O autor propõe que a ciência pode fornecer tal representação, especialmente a física contemporânea da teoria das cordas. A teoria das cordas oferece uma nova concepção da matéria, permitindo uma passagem da matéria para a mente sem as dificuldades impostas por uma concepção corpuscular tradicional/de senso comum de objetos materiais. Em outras palavras, a teoria das cordas nos permitirá conceber um continuum entre a matéria e a mente. Não há descontinuidade entre eles uma vez que abandonamos a descrição da matéria baseada na percepção visual, descrevendo-a como solidez, impenetrabilidade e extensão no espaço.

A New Spring for AI
Uma Nova Primavera para a IA

João Gama
University of Porto – Portugal

This talk explores the evolution of artificial intelligence, highlighting its applications, challenges, and the importance of a human-centered approach to ensuring that technological progress benefits society. The presentation traces AI's journey from its early foundations to its role in today's Industry 4.0. Advances in data availability, computing power, and connectivity have driven breakthroughs in personalization, healthcare, social network analysis, and predictive maintenance. Through case studies, the presentation highlights both AI's potential to improve efficiency and quality of life and the challenges it poses in terms of ethics, privacy, and trust. European initiatives such as HumaneAI and AI Portugal 2030 exemplify efforts to build trustworthy, human-centered AI. The talk concludes by reflecting on the skills needed to navigate an AI-driven future and the importance of aligning technological innovation with societal values.

Esta palestra explora a evolução da inteligência artificial, destacando suas aplicações, desafios e a importância de uma abordagem centrada no ser humano para garantir que o progresso tecnológico beneficie a sociedade. A apresentação traça a jornada da IA desde suas fundações iniciais até o seu papel na Indústria 4.0 atual. Avanços na disponibilidade de dados, no poder computacional e na conectividade impulsionaram descobertas em personalização, saúde, análise de redes sociais e manutenção preditiva. Por meio de estudos de caso, são evidenciados tanto o potencial da IA em melhorar a eficiência e a qualidade de vida quanto os desafios que ela impõe em termos de ética, privacidade e confiança. Iniciativas europeias como o HumaneAI e o AI Portugal 2030 exemplificam esforços para construir uma IA confiável e centrada no ser humano. A palestra conclui refletindo sobre as competências necessárias para navegar em um futuro impulsionado pela IA e sobre a importância de alinhar a inovação tecnológica aos valores da sociedade.

Contra o epifenomenalismo: a consciência como guia para a ação.
Against Epiphenomenalism: Consciousness as a Guide for Action

Jonas Gonçalves Coelho
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Brazil

My aim is to reflect on the role of phenomenal consciousness in the physical world. Contrary to the epiphenomenalist view, I argue that phenomenal consciousness plays an adaptive role by functioning as a guide for action in organisms that possess it. Since the persistence of epiphenomenalism largely stems from the alleged unintelligibility of mental causation - especially the difficulty of explaining how conscious events can exert causal influence within a physically closed world - I seek to provide an intelligible account of conscious causation. To this end, I examine two of its principal foundations: the causal exclusion argument, as formulated by Jaegwon Kim, and the notion of unconscious neural causation suggested by Libet-type experiments. Through a critical analysis of these approaches, I propose an interpretation aimed at preserving the intelligibility of conscious causation, concluding with broader considerations regarding the function of consciousness.

Meu objetivo é refletir sobre o papel da consciência fenomenal no mundo físico. Contrariamente à visão epifenomenalista, argumento que a consciência fenomenal desempenha um papel adaptativo, funcionando como um guia para a ação em organismos que a possuem. Uma vez que a persistência do epifenomenalismo decorre em grande parte da alegada ininteligibilidade da causalidade mental — especialmente a dificuldade de explicar como eventos conscientes podem exercer influência causal em um mundo fisicamente fechado — busco fornecer uma explicação inteligível da causalidade consciente. Para tanto, examino dois de seus principais fundamentos: o argumento da exclusão causal, formulado por Jaegwon Kim, e a noção de causalidade neural inconsciente sugerida por experimentos do tipo Libet. Por meio de uma análise crítica dessas abordagens, proponho uma interpretação que visa preservar a inteligibilidade da causalidade consciente, concluindo com considerações mais amplas sobre a função da consciência.

Semantic-Entropic Hyper-networks
Hiper-redes Semântico-Entrópicas

Jorge Louçã
Lisbon University Institute (LUI) – Portugal
ISCTE-IUL/DCTI

Semantic-Entropic Hyper-Networks are proposed as a conceptual framework for analyzing socioeconomic narratives in unstructured textual data, such as press articles or social media communication. The approach combines three elements. First, embedding models originating from generative AI provide a geometric representation of semantic units, such as phrases, statements, actors, values, or narrative elements. Second, Johnson's Hyper-Network Theory allows converting the geometric evidence generated by embeddings into explicit relational structure, through relational simplexes, hierarchical cones, and q-connected components. Third, semantic entropy measures originating from Information Theory and the study of complex systems are calculated on probability distributions defined in the relational structures, measuring uncertainty, ambiguity, diversity, coherence, or fragmentation. The central thesis supporting Semantic-Entropic Hypernetworks is that textual corpora can be analyzed through a sequence of transformations: semantic units are embedded in a vector space; candidate relations are inferred and represented as relational simplexes; higher-level semantic objects are modeled as hierarchical cones; and entropy measures are calculated on distributions associated with neighborhoods, simplexes, cones, and connected components. Thus, higher-level semantic objects are not treated as simple clusters; rather, they are relational structures evaluated by entropy measures. When these objects function as norms, values, narratives, or discourses in a socio-economic context, they can be interpreted as higher-level concepts.

As Hiper-Redes Semântico-Entrópicas são propostas como quadro conceptual para analisar narrativas socioeconómicas em dados textuais não estruturados, como artigos de imprensa ou comunicação em redes sociais. A abordagem combina três elementos. Primeiro, os modelos de *embeddings* originários de IA generativa fornecem uma representação geométrica de unidades semânticas, tais como frases, afirmações, atores, valores ou elementos narrativos. Segundo, a Teoria das Hiper-Redes de Johnson permite converter a evidência geométrica gerada por *embeddings* em estrutura relacional explícita, por meio de *simplexes* relacionais, cones hierárquicos e componentes q-conectados. Em terceiro lugar, medidas de entropia semântica originárias da Teoria da Informação e do estudo dos sistemas complexos são calculadas sobre distribuições de probabilidade definidas nas estruturas relacionais, medindo incerteza, ambiguidade, diversidade, coerência ou fragmentação. A tese central que suporta as Hiper-Redes Semântico-Entrópicas é que os *corpora* textuais podem ser analisados por meio de uma sequência de transformações: as unidades semânticas são incorporadas num espaço vetorial; relações candidatas são inferidas e representadas como *simplexes* relacionais; objetos semânticos de nível superior são modelados como cones hierárquicos; e medidas de entropia são calculadas sobre distribuições associadas a vizinhanças, *simplexes*, cones e componentes conectados. Assim, os objetos semânticos de nível superior não são tratados como simples clusters, mas como estruturas relacionais avaliadas por medidas de entropia. Quando estes objetos funcionam como normas, valores, narrativas, ou discursos num contexto socio-económico, podem ser interpretados como conceitos de nível superior

Universal emotions and the limits of linguistic evidence
Emoções universais e os limites da evidência linguística

Juan R. Loaiza
Universidad Alberto Hurtado (UAH) – Chile

It is well established that different languages have different vocabularies to refer to emotions. Some- times, these vocabularies are allegedly untranslatable. For example, the Spanish word “vergüenza” sometimes maps to the English “shame,” but other times to “embarrassment.” Researchers in linguistics (Wierzbicka, 1992; 1999; 2009) and anthropology (Lutz, 1988) have claimed that this fact reveals some- thing about the ontology of emotion, namely, that emotion categories ought to be culturally dependent and cannot map onto natural, universal kinds (Wiltschko, 2024). This implies that theories of emotions that posit universal emotions, such as Basic Emotion Theory, are false (Irish, 2025). I shall call this the *linguistic argument* against universalism. In this talk, I examine three linguistic arguments against theories positing emotion universals. I claim that, contrary to their standard interpretation, these arguments do not work on an ontological level. In other words, I argue that we cannot conclude ontological facts from linguistic facts about emotion. Instead, I contend, these arguments work (if they do) at an epistemic level, i.e., they concern the justification to accept a given theory of emotion. This is because these linguistic arguments work as *skeptical* arguments, undermining our reasons to posit universal, natural emotions. Interpreting linguistic arguments as epistemic arguments rather than ontological arguments shows that many discussions between relativists and univeralists about emotions do not concern empirical facts, but choices that involve epistemic as well as non-epistemic values.

É bem estabelecido que diferentes línguas têm vocabulários diferentes para se referir às emoções. Às vezes, entende-se que esses vocabulários são intraduzíveis. Por exemplo, a palavra espanhola "vergüenza" às vezes mapeia para a palavra inglesa "shame", mas outras vezes para "embarrassment". Pesquisadores em linguística (Wierzbicka, 1992; 1999; 2009) e antropologia (Lutz, 1988) alegaram que esse fato revela algo sobre a ontologia da emoção, a saber, que as categorias de emoção devem ser culturalmente dependentes e não podem ser mapeadas em tipos naturais e universais (Wiltschko, 2024). Isso implica que as teorias das emoções que postulam emoções universais, como a Teoria Básica da Emoção, são falsas (Irish, 2025). Chamarei isso de argumento linguístico contra o universalismo. Nesta palestra, examino três argumentos linguísticos contra teorias que postulam universais de emoção. Afirmo que, ao contrário de sua interpretação padrão, esses argumentos não funcionam em um nível ontológico. Em outras palavras, argumento que não podemos concluir fatos ontológicos a partir de fatos linguísticos sobre a emoção. Em vez disso, afirmo que esses argumentos funcionam (se funcionam) em um nível epistêmico, ou seja, dizem respeito à justificativa para aceitar uma dada teoria da emoção. Isso ocorre porque esses argumentos linguísticos funcionam como argumentos céticos, minando nossas razões para postular emoções universais e naturais. Interpretar argumentos linguísticos como epistêmicos, em vez de ontológicos, mostra que muitas discussões entre relativistas e universalistas sobre emoções não dizem respeito a fatos empíricos, mas a escolhas que envolvem valores epistêmicos e não epistêmicos.

What Happens When Dennett's Computational Metaphor Is Subjected to an Intuition Pump?
O que acontece quando a metáfora computacional de Dennett é levada a um bombeamento de intuição?

Juliana de Orione Arraes Fagundes
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) – Brazil
joafagundes@uesc.br

Dennett was a thinker who, throughout his career, placed great expectations on computational metaphors as a means to understand the mind. He was a naturalist who took scientific and technological production seriously—especially the fact that we are products of an evolutionary process. Accordingly, he strove to broaden concepts such as intentionality, extending this notion not only to non-human organisms but also to artifacts, and sought to incorporate abstractions from evolutionary theory into his work in ways that could be applied to other domains, such as culture. This presentation will explore how concrete developments in AI have led Dennett to revise the computational metaphor, such that the comparison between the natural mind and the machine becomes a philosophical thought experiment on the level of idealization—one that must be subjected to an intuition pump.

Dennett foi um autor que, ao longo de sua trajetória, colocava grandes expectativas nas metáforas computacionais para buscar um entendimento do mental. Foi um naturalista que levava a sério a produção científico tecnológica e, principalmente, o fato de que somos produtos de um processo evolutivo. Por isso, esforçou-se para ampliar conceitos como intencionalidade, de modo atribuir essa noção tanto a organismos não humanos quanto a artefatos e para incorporar a seu trabalho abstrações da teoria da evolução que pudessem ser estendidas a outros domínios, como a cultura. A proposta será pensar sobre como os desenvolvimentos concretos da IA conduziram o autor a uma revisão da metáfora computacional, de modo que a comparação da mente natural com a máquina se tornou um experimento filosófico do plano da idealização que precisa se sujeitar a uma bombeamento de intuição.

Animal concepts: the problem of semantic content
Conceitos animais: o problema do conteúdo semântico

Laura Danón
Universidad Nacional de Córdoba (UNC) – Argentina
CONICET

In the last few decades, a number of philosophers have argued that at least some non-human animals hold concepts of some kind. Much of this previous work consisted of two tasks: identifying a series of requirements for concept possession and arguing, based on empirical evidence, that some animals satisfy them. Even if, following their food steps, we assume that there are good reasons to believe that some animals possess concepts and conceptual abilities, there is still a crucial question to answer. What are the semantic contents of these concepts? Some scholars have argued that we will eventually be able to specify the semantic content of animal concepts through careful experimentation (Allen & Hauser, Bermúdez). Another alternative would be to approach this task by considering the evolutionary functions these concepts might have played in our ancestors' cognitive lives. By contrast, other philosophers remain skeptical about the possibility of actually specifying the contents of animals' putative concepts (Davidson; Dennett; Stitch). In this talk, I want to approach this problem by exploring what I propose to call the "explanatory needs strategy". This strategy is based on two methodological recommendations: to avoid the attribution of concepts that are more fine-grained or include more specific information than is needed to explain animals' behavior; is not to settle for the attribution of concepts that are too coarse-grained or too general to provide such explanations. I will argue that, if they are adequately complemented with other proposals in the literature - like the evolutionary strategy - these principles can be of significant help in specifying the semantic contents of animal concepts, indicating when we need to enrich those contents, making them more specific, or when, in contrast, we should make them more general, stripping them of some of their original connotations.

Nas últimas décadas, vários filósofos têm argumentado que pelo menos alguns animais não humanos possuem conceitos de algum tipo. Boa parte do trabalho até então consistiu em: identificar uma série de requisitos para a posse de conceitos; argumentar, com base em evidências empíricas, que alguns animais os satisfazem. Mesmo que assumamos haver boas razões para acreditar que alguns animais possuem conceitos e habilidades conceituais, ainda há uma questão crucial a ser respondida. Quais são os conteúdos semânticos desses conceitos? Alguns estudiosos argumentam que eventualmente seremos capazes de especificar o conteúdo semântico dos conceitos animais por meio de experimentação cuidadosa (Allen & Hauser, Bermúdez). Uma alternativa seria abordar essa tarefa considerando as funções evolutivas que esses conceitos podem ter desempenhado na vida cognitiva de nossos ancestrais. Em contraste, outros filósofos permanecem céticos quanto à possibilidade de especificar de fato o conteúdo dos conceitos putativos dos animais (Davidson; Dennett; Stitch). Nesta palestra, abordo esse problema explorando o que chamo de "estratégia das necessidades explicativas". Ela se baseia em duas recomendações metodológicas: evitar a atribuição de conceitos mais refinados ou que incluam informações mais específicas do que o necessário para explicar o comportamento dos animais; não se contentar com a atribuição de conceitos muito grosseiros ou muito gerais para fornecer tais explicações. Defendo que, se forem adequadamente complementados com outras propostas, como a estratégia evolucionária, tais princípios podem ser de grande ajuda na especificação do conteúdo semântico dos conceitos animais. Eles indicam quando precisamos enriquecer esses conteúdos, tornando-os mais específicos, ou quando, em contraste, devemos torná-los mais gerais, despojando-os de algumas de suas conotações originais.

Autopoietic Turing Machine
Máquina de Turing Autopoiética

Leonardo Lana de Carvalho
Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – Brazil

This work proposes an *Autopoietic Turing Machine* (ATM), a formal model grounded in both the computational theory of mind and the enactive tradition of cognitive science. While cognitive systems have long been studied as autopoietic machines (Maturana & Varela, 1980, 1987), their formalization has typically relied on cellular automata (CA), especially within Artificial Life research. Few approaches have sought to characterize autopoietic machines directly in terms of Turing computation. Building on the proposed equivalence between the Turing machine and the enactive automaton (Villalobos & Dewhurst, 2018; Carvalho, 2024), we define the ATM as a universal, self-referential Turing machine that establishes its own boundaries within an environment while operating under paraconsistent logic. Although we find no evidence that the ATM exceeds Turing computability, we suggest that it opens fertile ground for rethinking the limits of computation and exploring possible pathways toward hypercomputational models.

Propomos uma *Máquina de Turing Autopoiética* (MTA), um modelo formal fundamentado tanto na teoria computacional da mente quanto na tradição enativa da ciência cognitiva. Embora sistemas cognitivos tenham sido amplamente estudados como máquinas autopoiéticas (Maturana & Varela, 1980, 1987), sua formalização tem se apoiado, em grande parte, em autômatos celulares (AC), especialmente em pesquisas na área de Vida Artificial. Poucas propostas buscaram caracterizar a máquina autopoiética diretamente como uma máquina de Turing. A partir da equivalência entre a máquina de Turing e o autômato enativo (Villalobos & Dewhurst, 2018; Carvalho, 2024), definimos a MTA como uma máquina de Turing universal, autorreferencial, capaz de estabelecer seus próprios limites no ambiente e de operar sob lógica paraconsistente. Embora não haja indícios de que a MTA ultrapasse os limites da computabilidade de Turing, argumentamos que ela abre um campo fértil para repensar os limites da computação e explorar possíveis caminhos na direção de modelos de hipercomputação.

Intentional agency and artificial creativity: can there be creation without authors?
Agência intencional e criatividade artificial: pode haver criação sem autores?

Malena León
National University of Córdoba (UNC) – Argentina
Institute of Humanities (CONICET and UNC)

The recent development of generative AI systems has reignited a controversial philosophical debate: should the original and valuable outputs produced by AI systems be considered genuinely creative? Authors such as Paul and Stokes (2021) deny that these systems can be regarded as creative, grounding their position in an agentialist conception of creativity developed by Gaut (2010). According to Gaut, for a product to count as creative, it must not only be novel and valuable but also the result of intentional agency. I regard Gaut's agentialist position as mistaken, although it highlights a potentially relevant aspect. I will argue that intentional agency is not a necessary requirement in all cases of creativity, even if it may be in some. To this end, I first analyze the arguments Gaut himself offers in defense of his thesis and explain why I find them unconvincing. I then examine another possible way of supporting Gaut's thesis, focusing on the role of intentions in determining the meaning of creative outputs. In the field of hermeneutics, intentionalism holds that the author's intentions determine the meaning of works. If this position were correct, it would reinforce Gaut's thesis. However, I argue that hermeneutic intentionalism is not an adequate view. Therefore, it does not provide a strong basis for supporting Gaut's position. Nevertheless, the debate over the meaning of creative products can help us clarify what our stance should be regarding the role of an agent's intentions in computational creativity.

O recente desenvolvimento de sistemas de IA generativos reacendeu um debate filosófico controverso: os resultados originais e valiosos produzidos por sistemas de IA devem ser considerados genuinamente criativos? Autores como Paul e Stokes (2021) negam que esses sistemas possam ser considerados criativos, fundamentando sua posição em uma concepção agencialista de criatividade desenvolvida por Gaut (2010). Segundo este autor, para que um produto seja considerado criativo, ele não deve apenas ser novo e valioso, mas também o resultado de agência intencional. Considero a posição agencialista de Gaut equivocada, embora ela destaque um aspecto potencialmente relevante. Argumentarei que a agência intencional não é um requisito necessário em todos os casos de criatividade, mesmo que possa ser em alguns. Para tanto, primeiro analiso os argumentos que o próprio Gaut oferece em defesa de sua tese e explico por que os considero pouco convincentes. Em seguida, examino outra possível maneira de sustentar a tese de Gaut, com foco no papel das intenções na determinação do significado dos produtos criativos. No campo da hermenêutica, o intencionalismo sustenta que as intenções do autor determinam o significado das obras. Se essa posição estivesse correta, reforçaria a tese de Gaut. Argumento que o intencionalismo hermenêutico não é uma visão adequada. Assim, não fornece uma base sólida para sustentar a posição de Gaut. No entanto, o debate sobre o significado dos produtos criativos pode nos ajudar a esclarecer qual deve ser nossa posição em relação ao papel das intenções de um agente na criatividade computacional.

Emotional artificial intelligence: an ethical assessment
Inteligência artificial emocional: uma análise ética

Marco Aurélio Sousa Alves
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) – Brazil

Among the many recent developments of Artificial Intelligence, we focus our attention on artificial companions in the form of chatbots. We highlight two main issues related to this product. The first concerns the attribution of an "empathic capacity", a characteristic that supposedly gives them the ability to function as a relational and intimate agent towards humans. We analyze the current limitations of their affective architecture and point out the ambiguities that exist in the field of affective computing. The second issue, of a direct ethical import, arises as a consequence of the first. Once their limitations are made explicit, it is revealed that there is a misalignment between their highly anthropomorphic design, which exhibits a broad scope of action, and their actual capabilities to operate ethically and responsibly in intimate relationships. We finally argue that the characteristics of such devices encourage the projection of moral status and agency onto chatbots, which incur risks and harm to users.

Dentre os vários desenvolvimentos recentes da Inteligência Artificial, iremos nos concentrar nos companheiros artificiais na forma de chatbots. Destacamos dois problemas principais relacionados a esse produto. O primeiro diz respeito à atribuição de uma "capacidade empática", característica que supostamente lhes capacita a atuarem como agentes relacionais e íntimos com seres humanos. Analisamos as limitações atuais de sua arquitetura afetiva e apontamos as ambiguidades existentes no campo da computação afetiva. O segundo problema, de caráter ético, surge como consequência do primeiro. Uma vez que suas limitações são explicitadas, revela-se um desalinhamento entre seu design altamente antropomórfico, com amplo escopo de ação, e suas capacidades reais de operar de forma ética e responsável no espaço relacional íntimo. Finalmente, argumentamos que as características desses dispositivos incentivam a projeção de status moral e agência aos chatbots, o que acarreta riscos e danos aos usuários.

Mentalidades naturais e artificiais: uma abordagem a partir da perspectiva intencionalista de Fred Dretske

Natural and Artificial Mentalities: an approach from Fred Dretske's intentionalist perspective

Marcos Antonio Alves
Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Brazil

The second half of the 20th century witnessed the emergence of machines seemingly capable of simulating human cognition, an age-old dream of humanity. Theoretical and practical advances in information processing systems fostered the flourishing of approaches and research areas addressing classic philosophical issues with new methodologies and conceptual frameworks. Fred Dretske, for example, developed an informational perspective to address cognition. For him, every information processing system is intentional, considering that the processed informational content is directed towards something outside the system itself. Thus, the hallmark of the mental is not intentionality, but a higher order of it. Genuine mental states operate on the semantic informational content, that is, they presuppose the capacity, acquired by organisms via natural selection, for complete digitization of the processed information. From this philosopher's perspective, purely physical, syntactic systems, in principle, do not present genuine cognitive states, such as beliefs and intentions. In the 21st century, especially in the current decade, Artificial Intelligence systems have emerged that are capable of possessing genuine cognition, in Dretske's terms, exhibiting a higher order of intentionality. In this work, we propose an expansion of Dretske's intentionalist approach. We defend the thesis that Strong AI machines possess an intermediate order of intentionality, with their own mentality, a medium degree of understanding, autonomy, and agency.

A segunda metade do século XX testemunhou o surgimento de máquinas aparentemente capazes de simular a cognição humana, um sonho antigo da humanidade. O avanço teórico e prático sobre sistemas de processamento de informação favoreceu o florescimento de abordagens e áreas de pesquisa tratando de assuntos clássicos na filosofia, com novas metodologias e arcabouço conceitual. Fred Dretske, por exemplo, desenvolveu uma perspectiva informacional, a fim de tratar da cognição. Para ele, todo sistema processador de informação é intencional, considerando que o conteúdo informacional processado se dirige a algo fora do próprio sistema. Assim, a marca do mental não é a intencionalidade, mas uma ordem superior dela. Estados mentais genuínos operam sobre o conteúdo semântico informacional, ou seja, pressupõem a capacidade, adquirida por organismos via seleção natural, de digitalização completa da informação processada. Na perspectiva deste filósofo, sistemas puramente físicos, sintáticos, em princípio, não apresentam estados cognitivos genuínos, como crenças e intenções. No século XXI, especialmente na década atual, surgiram sistemas de Inteligência Artificial, capazes de apresentar possuir cognição genuína, nos termos de Dretske, apresentando ordem superior de intencionalidade. Propomos, neste trabalho, uma ampliação da abordagem intencionalista de Dretske. Defendemos a tese de que máquinas de IA Forte possuem uma ordem intermediária de intencionalidade, com uma mentalidade própria, um grau médio de entendimento, de autonomia e de agência.

Is it possible to change the soliciting powers of a contradiction? On the plurality of Logics, inferential affordances and normative abilities

É possível alterar os poderes solicitantes de uma contradição? Sobre a pluralidade de lógicas, affordances inferenciais e capacidades normativas

Marcos Silva
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Brazil
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Brazil

We discuss the soliciting powers of a contradiction by integrating some perspectives from inferentialism, ecological psychology, and the epistemology of logic. We argue that contradictions—rather than being treated as threats to consistency and to formal systems—can be conceptually reframed as inferential affordances: structured opportunities for exercising our normative skills in reasoning. Drawing on the notion of soliciting powers, we defend that contradictions may invite different inferential responses depending on the agent's conceptual training and the normative pressures of their environment. Through examples from non-classical logics, we show that the plurality of logical systems might be seen as emerging from the diverse ways in which agents navigate and respond to their inferential landscapes. Logic, in this view, is not governed by fixed a priori rules but by normative abilities that develop within historically and socially situated practices. By learning to perceive contradictions as invitations to infer rather than disruptions to avoid, we might open up a richer, more flexible conception of logical reasoning—one in which logicians also act as designers of conceptual landscapes, shaping the very affordances that structure rational engagement.

Discutimos os poderes solicitantes de uma contradição integrando algumas perspectivas do inferencialismo, da psicologia ecológica e da epistemologia da lógica. Argumentamos que as contradições — em vez de serem tratadas como ameaças à consistência e aos sistemas formais — podem ser conceitualmente reformuladas como *affordances* inferenciais: oportunidades estruturadas para exercitar nossas habilidades normativas de raciocínio. Com base na noção de poderes solicitantes, defendemos que as contradições podem convidar diferentes respostas inferenciais, dependendo do treinamento conceitual do agente e das pressões normativas de seu ambiente. Por meio de exemplos de lógicas não clássicas, mostramos que a pluralidade de sistemas lógicos pode ser vista como emergente das diversas maneiras pelas quais os agentes navegam e respondem às suas paisagens inferenciais. A lógica, nessa visão, não é governada por regras fixas *a priori*, mas por habilidades normativas que se desenvolvem dentro de práticas histórica e socialmente situadas. Ao aprender a perceber as contradições como convites para inferir, em vez de interrupções a serem evitadas, podemos abrir uma concepção mais rica e flexível do raciocínio lógico — uma concepção na qual os lógicos também atuam como construtores de paisagens conceituais, moldando as próprias possibilidades que estruturam o engajamento racional.

The Cybernetic Turn in Philosophy
A Virada Cibernética na Filosofia

Maria Eunice Quilici Gonzalez
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Brazil
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Brazil

In his text "The Informational Turn in Philosophy," Fred Adams argues that a major informational turn occurred in philosophy following the publication of Turing's article "Computing Machinery and Intelligence", inaugurating a new agenda of fundamental questions in Philosophy of Mind, Information, and Technology. In our presentation, we discuss, from the perspective of Complex Systems Theories, the (un)feasibility of creating humanoid robots situated and embedded in environments that influence and delimit their "actions" indicative of a supposed understanding of the world. The following question will guide our reflection: What are the pragmatic and ethical consequences, for human action, of the development of complex humanoid robots equipped with machine learning and other resources of AI and the cybernetics pioneered by Wiener (1948)? Positive and negative consequences will be discussed in this proposal for a new agenda of philosophical problems arising on the horizon of human perception-action.

No texto *The Informational Turn in Philosophy*, Fred Adams argumenta que uma grande virada informacional ocorreu na Filosofia a partir da publicação do artigo de Alan Turing, *Computing machinery and intelligence*, inaugurando uma nova agenda de questões fundamentais na Filosofia da Mente, da Informação e da Tecnologia. Neste trabalho discutimos, na perspectiva da teoria dos Sistemas Complexos (Mitchell, 2011), a (in)viabilidade de se criar robôs humanoides situados e incorporados em ambientes que influenciam e delimitam suas "ações", indicativas de uma suposta compreensão de mundo. A seguinte questão direcionará nossa reflexão: Quais são as consequências Pragmáticas e Éticas, na ação humana, do desenvolvimento de robôs humanoides complexos, munidos de aprendizagem de máquina, e demais recursos da IA e da Cibernética inaugurada por Wiener (1948)? Consequências positivas e negativas serão discutidas na proposta de uma nova agenda de problemas filosóficos que se apresentam no horizonte da percepção-ação humana.

Contributions of the ecological theory of attention to the analysis of collective self-deception in virtual environments

Contribuições da teoria ecológica da atenção para a análise do autoengano coletivo em ambientes virtuais

Mariana C. Broens
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Brazil
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Brazil

The main objective of this work is to investigate the possible role of attention-diverting processes in promoting collective self-deception in social interactions mediated by pervasive technologies. Such technologies are ubiquitous, integrated into the networked environment, constantly process information to offer their users products and services, and utilize Artificial Intelligence resources (Boden, 2016). To achieve this objective, the ecological theory of attention proposed by Kaplan and Kaplan (1989) and the theory of shared attention proposed by Segundo-Ortin and Satne (2022) will be used. Kaplan and Kaplan (1989) distinguish between two forms of attention: (a) *directed attention*, which is characterized by being voluntary and involving fatiguing and temporary perceptual and cognitive effort, generally present, for example, in reading; and (b) *restorative attention*, which is characterized by being involuntary, effortless, and attracted by inherently interesting stimuli, such as natural landscapes. The ecological approach to shared attention proposed by Segundo-Ortin and Satne (2022) suggests that shared attentional phenomena can be understood through social affordances that involve triangular, reciprocal and non-reciprocal, interactions between agents and that directly offer possibilities for social action in a shared environment. We will seek to show that collective self-deception phenomena (which involves the dynamics of motivationally biased and performatively conflicting collective behaviors) can result from perceptual errors involving restorative attention and social affordances made available by virtual environments offered by pervasive digital technologies.

Investigamos o possível papel de processos de desvio da atenção na promoção do autoengano coletivo em interações sociais mediadas por tecnologias pervasivas. Tais tecnologias são ubíquas, estão integradas ao ambiente operando em rede, processam informação constantemente para oferecer aos seus usuários produtos e serviços e utilizam recursos de Inteligência Artificial (Boden, 2016). Para alcançar tal objetivo, será utilizada a teoria ecológica da atenção proposta por Kaplan e Kaplan (1989) e a teoria da atenção compartilhada proposta por Segundo-Ortin e Satne (2022). Kaplan e Kaplan (1989) distinguem entre duas formas de atenção: a atenção dirigida, a qual se caracteriza por ser voluntária e envolver esforço perceptual e cognitivo fatigante e temporário, em geral presente, por exemplo, na leitura; a atenção restauradora, que se caracteriza por ser involuntária, não exigir muito esforço e é atraída por estímulos inerentemente interessantes, por exemplo, paisagens naturais. Para a abordagem ecológica da atenção compartilhada (Segundo-Ortin e Satne, 2022), fenômenos atencionais compartilhados podem ser entendidos por meio de *affordances* sociais que envolvem interações triangulares, recíprocas e não recíprocas, entre agentes e que oferecem diretamente possibilidades de ação social num entorno comum. Procuraremos mostrar que fenômenos de autoengano coletivo (o qual envolve a dinâmica de condutas coletivas motivacionalmente enviesadas e performaticamente conflituosas) podem resultar de erros perceptuais envolvendo a atenção restauradora e *affordances* sociais disponibilizados por ambientes virtuais oferecidos pelas tecnologias digitais pervasivas.

Cartographic Thinking Meets Animal Thought
O Pensamento Cartográfico Encontra o Pensamento Animal

Mariela Aguilera
Universidad Nacional de Cordoba (UNC – CONICET)

In a recent paper, Quilty Dunn et al. (2023) put forward a new defense for the language of thought hypothesis. They argue that complex reasoning and abstract representations in animals are best explained in LoT-like structures. Far from relaying on analogies between thought and natural language, they *outline six core properties of LoTs and argue that* these properties cluster together throughout cognitive science, implicating LoT-like structures (Quilty-Dunn et al., 2023). This new attempt reinforces a classical dichotomy stating that while discursive representations are required for inferential transitions, iconic representations at most sustain arbitrary associations. In this talk, I argue that, despite the complexity, animal reasoning does not entail LoT-like structures. Based on studies in philosophy, cognitive ethology and comparative psychology, I will argue that animal reasoning does not match the core properties of LoTs. By focusing in the representational and transformational profile of animal reasoning, I will argue that a cartographic explanation provides a better characterization of the format of animal cognition. In an attempt to avoid analogies with ordinary maps, I will outline a cluster of properties for cartographic thinking, and then show that different domains of animal reasoning meet these properties. By highlighting the differences between representational formats, the paper aims to show that the LoTH may not be the best explanation for animal reasoning. Moreover, it suggests that a more nuanced understanding of the representational formats should take into account the representational transitions underlying animal reasoning and avoid oversimplifying the differences between human and animal thought.

Dunn et al. (2023) apresentaram uma nova defesa para a hipótese da linguagem do pensamento. Para eles, o raciocínio complexo e as representações abstratas em animais são mais bem explicados em estruturas semelhantes às da LoT. Longe de se basearem em analogias entre pensamento e linguagem natural, eles delineiam seis propriedades centrais das LoTs. Essas propriedades se agrupam em toda a ciência cognitiva, implicando estruturas semelhantes às da LoT (Quilty-Dunn et al., 2023). Essa nova tentativa reforça uma dicotomia clássica que afirma que, embora representações discursivas sejam necessárias para transições inferenciais, representações icônicas, no máximo, sustentam associações arbitrárias. Nesta palestra, argumento que, apesar da complexidade, o raciocínio animal não implica estruturas semelhantes às da LoT. Com base em estudos em filosofia, etologia cognitiva e psicologia comparada, argumentarei que o raciocínio animal não corresponde às propriedades centrais das LoTs. Ao focar no perfil representacional e transformacional do raciocínio animal, argumentarei que uma explicação cartográfica fornece uma melhor caracterização do formato da cognição animal. Na tentativa de evitar analogias com mapas comuns, delinearei um conjunto de propriedades do pensamento cartográfico a fim de mostrar que diferentes domínios do raciocínio animal atendem a essas propriedades. Ao destacar as diferenças entre os formatos representacionais, o artigo pretende mostrar que o LoTH pode não ser a melhor explicação para o raciocínio animal. Além disso, sugere que uma compreensão mais matizada dos formatos representacionais deve levar em conta as transições representacionais subjacentes ao raciocínio animal e evitar simplificar excessivamente as diferenças entre o pensamento humano e o animal

Visual Representation of False Propositional Content
Representación visual de contenidos proposicionales falsos

Mario Pérez-Montoro Gutiérrez
Universitat de Barcelona - Spain

Over the past decade, the widespread use of information visualization in the communication of propositional content has emerged as one of the most prominent narrative strategies for storytelling. The creation and application of such communicative resources have been significantly facilitated by the rise, consolidation, and widespread adoption of generative artificial intelligence systems. However, when used improperly or unethically, these visual resources can lose their communicative and narrative power. To address these limitations, it is essential to identify distortions in the use of information visualization as a communication strategy and to develop a proposal that ensures its ethical application. Overcoming these challenges involves several key steps. First, it is crucial to clearly define information visualization, its core functions, and the conceptual distinction between "infographics" and "data visualization". Second, the ecosystem of false propositional content must be analyzed and classified by defining the concept of false information and its typologies, using human intentionality within the communicative context as a guiding criterion. Third, within this typology, it is necessary to identify the main types of false content commonly disseminated through data visualizations. And finally, for each of these cases of false information, it is necessary to identify the central structural and architectural features that exemplify the main visual representations involved, and to propose a heuristic framework for correcting these communicative distortions.

Na última década, o uso generalizado da visualização de informações na comunicação de conteúdo proposicional emergiu como uma das estratégias narrativas mais proeminentes para contar histórias. A criação e a aplicação desses recursos comunicativos foram significativamente facilitadas pelo surgimento, consolidação e ampla adoção de sistemas generativos de inteligência artificial. No entanto, quando usados de forma inadequada ou antiética, esses recursos visuais podem perder seu poder comunicativo e narrativo. Para abordar essas limitações, é essencial identificar distorções no uso da visualização de informações como estratégia de comunicação e desenvolver uma proposta que garanta sua aplicação ética. Superar esses desafios envolve várias etapas importantes. Primeiro, é crucial definir claramente a visualização de informações, suas funções principais e a distinção conceitual entre "infográficos" e "visualização de dados". Segundo, o ecossistema de conteúdo proposicional falso deve ser analisado e classificado, definindo o conceito de informação falsa e suas tipologias, usando a intencionalidade humana dentro do contexto comunicativo como critério norteador. Terceiro, dentro dessa tipologia, é necessário identificar os principais tipos de conteúdo falso comumente disseminados por meio de visualizações de dados. Finalmente, para cada um desses casos de informações falsas, é necessário identificar as características estruturais e arquitetônicas centrais que exemplificam as principais representações visuais envolvidas e propor uma estrutura heurística para corrigir essas distorções comunicativas.

Artificial, intelligent, and sentient? Yes, if built correctly
Artificial, inteligente e senciente? Sim, se construído corretamente

Mario Villalobos
Universidad de Tarapacá – Chile

Building on the autopoietic theory of cognition and its understanding of the nervous system, I argue that sentience and phenomenal consciousness are strongly substratum-dependent capacities which cannot be artificially replicated by merely producing a functional or cognitive analogue of the nervous system. According to this hypothesis, replicating or even surpassing the cognitive capacities of the human brain does not, solely in virtue of those cognitive feats, confer sentience or phenomenal consciousness on an artificial intelligence system. This does not rule out the possibility of artificial replicas of sentience and phenomenal consciousness, as the direct substratum of these capacities, so I argue, likely corresponds not to the neural tissue and its organic characteristics per se, but to some physical phenomena generated by its dynamics; for instance, certain specific patterns of electromagnetic fields. To the extent that, at least in principle, engineering can replicate these physical phenomena through mechanisms other than biological ones, the possibility of artificial sentience and phenomenal consciousness remains open. In this sense, by hypothesis, an artificial intelligence system could exhibit sentience and phenomenal consciousness if it were built in such a way that it could reproduce the physical phenomena underlying these capacities.

Com base na teoria autopoiética da cognição e em sua compreensão do sistema nervoso, argumento que a senciência e a consciência fenomenal são capacidades fortemente dependentes do substrato, que não podem ser replicadas artificialmente pela mera produção de um análogo funcional ou cognitivo do sistema nervoso. De acordo com essa hipótese, replicar ou mesmo superar as capacidades cognitivas do cérebro humano não confere, apenas em virtude desses feitos cognitivos, senciência ou consciência fenomenal a um sistema de inteligência artificial. Defendo que isso não exclui a possibilidade de réplicas artificiais da senciência e da consciência fenomenal. Isso porque o substrato direto dessas capacidades provavelmente não corresponde ao tecido neural e suas características orgânicas em si, mas a alguns fenômenos físicos gerados por sua dinâmica; por exemplo, certos padrões específicos de campos eletromagnéticos. Na medida em que, pelo menos em princípio, a engenharia pode replicar esses fenômenos físicos por meio de mecanismos diferentes dos biológicos, a possibilidade da senciência e da consciência fenomenal artificiais permanece em aberto. Nesse sentido, por hipótese, um sistema de inteligência artificial poderia exibir senciência e consciência fenomenal se fosse construído de forma a reproduzir os fenômenos físicos subjacentes a essas capacidades.

The relationship of phenomenal consciousness to mind and information processing
A relação da consciência fenomenal com a mente e o processamento de informações

Max Velmans
University of London – England

In contemporary psychology the mind is usually thought of as a form of *human information processing*. However, there is extensive evidence that much of human information processing is either unconscious or preconscious, which suggests that consciousness needs to be distinguished from mind, both in philosophy of mind and psychological science. This also underlines the need to be more precise about how phenomenal conscious states *relate* to human information processing, with clear consequences for understanding the possibility of consciousness in AI systems and other machines. In this talk we examine these relationships with care and suggest a hypothetical cortical implant experiment that would test whether a silicon system that mimics an aspect of human mental functioning would also support the conscious state that normally accompanies that functioning—offering a direct test of both *computational functionalism* and *psychofunctionalism*, with consequences for our understanding of consciousness in machines.

Na psicologia contemporânea, a mente é geralmente considerada uma forma de processamento de informações humanas. No entanto, há amplas evidências de que grande parte do processamento de informações humanas é inconsciente ou pré-consciente, o que sugere que a consciência precisa ser distinguida da mente, tanto na filosofia da mente quanto na ciência psicológica. Isso também ressalta a necessidade de ser mais preciso sobre como os estados de consciência fenomenal se relacionam com o processamento de informações humanas, com consequências claras para a compreensão da possibilidade da consciência em sistemas de IA e outras máquinas. Nesta palestra, examinamos essas relações com cuidado e sugerimos um experimento hipotético com implante cortical que testaria se um sistema de silício que imita um aspecto do funcionamento mental humano também suportaria o estado de consciência que normalmente acompanha esse funcionamento. Oferecemos um teste direto tanto do funcionalismo computacional quanto do psicofuncionalismo, com consequências para nossa compreensão da consciência em máquinas.

Darwin, Searle, and the phylogenetic approach to mind
Darwin, Searle e a abordagem filogenética da mente

Maxwell Morais de Lima Filho
Universidade Federal do Cariri (UFCA) – Brazil

We explore the evolutionary component underlying biological naturalism, a theory proposed by John Rogers Searle as a solution to the mind-body problem. First, we will outline a historical overview of Charles Robert Darwin's evolutionary conception of the evolution of the mind. Next, we will use Ernst Mayr's distinction between evolutionary biology and functional biology to argue that Searle is committed to both biases when he asserts that mental phenomena are biological phenomena. Finally, we will detail the phylogenetic approach to the mind in biological naturalism.

Exploramos a componente evolutiva que perpassa o naturalismo biológico, teoria proposta por John Rogers Searle como solução ao problema mente-corpo. Num primeiro momento, traçaremos um panorama histórico a respeito da concepção evolutiva de Charles Robert Darwin acerca da evolução do mental. A seguir, utilizaremos a distinção delineada por Ernst Mayr entre Biologia Evolutiva e Biologia Funcional para defendermos que Searle está comprometido com os dois vieses quando assevera que os fenômenos mentais são fenômenos biológicos. Por fim, detalharemos a abordagem filogenética da mente no naturalismo biológico.

It don't mean a thing (if it ain't a living thing): A new problem of meaning for AI
Um novo problema do significado para IA

Nara M. Figueiredo
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Brazil

Many questions regarding Artificial Intelligent systems (AI) reside in the domain of the nature of its processes and how much these processes are similar to human cognition. These questions are central for our understanding of AI's role in social life. Of special interest is the recent turn of Large Language Models (LLMs) in its vast use of text data which result in AI's ability to produce linguistic behavior similar to us. In this work, we draw on the enactive theory of mind and language to re-situate the traditional problems of meaning as the mind-in-life problem for AI. The enactive theory posits that meaning is given by sense-making, an ability of living systems due to their precariousness, autonomy, self-maintenance and production. We suggest that AI systems cannot be sense-making systems because they lack the fundamental biological structure that enables sense making, therefore, AIs use of symbols can be said to be operationally efficient, and yet not fully meaningful.

Muitas questões relacionadas aos sistemas de Inteligência Artificial (IA) estão no domínio da natureza de seus processos e em quão semelhantes esses processos são à cognição humana. Essas questões são centrais para nossa compreensão do papel da IA na vida social. De especial interesse é a recente mudança dos Modelos de Linguagem de Grande Escala (LLMs) em seu amplo uso de dados textuais, que resulta na capacidade da IA de produzir comportamentos linguísticos semelhantes aos nossos. Neste trabalho, nos baseamos na teoria enativa da mente e da linguagem para recolocar os problemas tradicionais de significado como o problema da mente-na-vida para a IA. A teoria Enativa postula que o significado é dado pela produção de sentido, uma capacidade dos sistemas vivos devido à sua precariedade, autonomia, autoprodução e automanutenção. Sugerimos que os sistemas de IA não podem ser sistemas de produção de sentido porque carecem da estrutura biológica fundamental que a possibilita; portanto, o uso de símbolos pela IA pode ser considerado operacionalmente eficiente, mas ainda não totalmente significativo.

Qualia and the structure in vision, audition, and olfaction

Quália e estrutura na visão, audição e olfato

Osvaldo Pessoa Jr.
Universidade de São Paulo (USP) – Brazil

This is an initial and exploratory study comparing the subjective qualities (qualia) and the structure (set of relations) of the visual, auditory and olfactory phenomenal fields, leaving aside the tactile for now. In the visual field, the qualities are the colors, generally classified in terms of hue, saturation (chroma) and value (lightness), and color systems such as the NCS follow the Goethe-Hering postulate of four basic hues arranged in opposition (green/red, blue/yellow), in addition to the opposition between black and white (which, unlike the other opponent colors, can be mixed). The relations between qualia can be common (dimensional) – spatial, temporal, and intensity – or proper, exemplified by saying that the relations between a pink and a red is the same as that between a light green and a green. The combination of pigments or spotlights generates a "fusion", indicating that the original pigments are not clearly identified in the resulting hue. Also noteworthy is that changing a quale in one region of the visual field can change the quale in another region. The issue of fusion is different in audition, where two simultaneous tones can often be separated by the listener's attention. In the auditory field, the qualities traditionally pointed out are pitch, loudness, and timbre. Timbre involves a collection of tones, thus constituting a "complex quale", involving some kind of fusion. Loudness could be considered a variation in quantity, in which case it is a common relationship, and everything that can be expressed in a written score is structural. The case of olfaction is marked by the large number of different receptors (almost 400 in humans) and the almost non-existence of spatial structure. The art of perfumery indicates the ability to separate basic odors in situations of complex quale. The structure of olfactory qualia is hard to analyze, and apparently there are no "opponent" smells, as in the case of sight. This is a work in co-authored by Laila Manuelle and Maria Benevides.

Fazemos um estudo inicial e exploratório comparando as qualidades subjetivas (quália) e a estrutura (conjunto de relações) dos campos fenomênicos visual, auditivo e olfativo, deixando de lado por hora o tátil. No campo visual as qualidades são as cores, geralmente classificadas em termos de matiz (*hue*), saturação (*chroma*) e valor (*lightness*), sendo que sistemas de cores como o NCS seguem o postulado de Goethe-Hering de quatro matizes básicas dispostas em oposição (verde/vermelho, azul/amarelo), além da oposição entre preto e branco (que, ao contrário das outras cores oponentes, podem se misturar). As relações entre quália podem ser comuns (dimensionais) – espaciais, temporais e de intensidade – ou próprias, exemplificado ao dizer que a relação entre um rosa e um vermelho é a mesma que entre um glauco e um verde. A combinação de pigmentos ou focos de luz gera uma "fusão", indicando que no *quale* resultante não se identificam claramente os quália dos pigmentos separados. Ademais, a alteração de um *quale* em uma região do campo visual pode alterar o *quale* em outra região. A questão da fusão ocorre de maneira diferente na audição, onde dois tons simultâneos muitas vezes podem ser separados pela atenção do ouvinte. No campo auditivo, as qualidades tradicionalmente apontadas são tom, volume e timbre. O timbre envolve uma reunião de tons, constituindo portanto um "*quale* complexo", envolvendo algum tipo de fusão. O volume poderia ser considerado uma variação de quantidade, sendo neste caso uma relação comum, sendo que tudo o que pode ser expresso em uma partitura é estrutural. O caso do olfato é marcado pelo grande número de receptores diferentes (quase 400 em seres humanos) e a quase inexistência de estrutura espacial. A arte da perfumaria indica a capacidade de se separarem os odores básicos em situações de *quale* complexo. A estrutura própria dos quália olfativos é de difícil análise, e aparentemente não há cheiros "oponentes", como no caso da visão. Este é um trabalho em co-autoria de Laila Manuelle e Maria Benevides.

Rethinking inner speech: variations and implications
Repensando a fala interna: variações e implicações

Raquel Krempel
Universidade Federal do ABC (UFABC) – Brazil

Many scientists and philosophers have assumed that inner speech is a universal form of experience, typically grounded in sensory imagery, most often the internal hearing of sentences in a natural language. A related assumption is that thinking itself occurs primarily in inner speech. I will argue that these assumptions lack strong empirical support. To investigate, we developed a new questionnaire designed to identify variations in inner speech experiences and to test whether it always has a sensory basis. We also examined the experience of concepts which are not directly sensory or language-related. In this talk, I will present our findings on the degree of variation of inner speech experiences and discuss their implications for philosophical theories of thought and of the nature of inner speech.

Muitos cientistas e filósofos supõem que a fala interna é uma forma universal de experiência, tipicamente ancorada em imagens sensoriais, como a audição interna de frases em uma língua natural. Uma suposição relacionada é a de que o próprio pensamento ocorre, em grande medida, na fala interior. Argumentarei que essas suposições não são apoiadas por evidência empírica sólida. Para investigá-las, desenvolvemos um novo questionário destinado a identificar variações nas experiências de fala interna e a testar se ela tem sempre uma base sensorial. Também examinamos a experiência de conceitos que não são diretamente sensoriais nem relacionados à linguagem. Nesta apresentação, exporei nossos resultados sobre o grau de variação das experiências de fala interior e discutirei suas implicações para teorias filosóficas do pensamento e da natureza da fala interna.

Understanding others' understanding: the observer grounding problem in human-AI interactions

Compreendendo a compreensão dos outros: o problema de aterramento do observador nas interações entre humanos e IA

Tom Ziemke
Linkoping University (LiU) – Sweden

Following Searle's *Chinese Room Argument* and Harnad's formulation of the *Symbol Grounding Problem*, much research in the last 30-40 years has addressed the grounding of AI by making connections, usually through some form of machine learning, between the internal representations of computers, robots etc. and the objects or events that human observers might consider them to refer to. This has led many AI researchers to consider the grounding problem solved. What I call the *observer grounding problem*, though, is the fact that people are likely to interpret interactions with machines, such as robots or chatbots, through the lens of their own folk-psychological interpretations and anthropomorphic projections. That means, human observers use their own grounding, based on their own biological embodiment and intentional agency, plus their experiences of interactions with other living systems, to interpret machines as intentional agents. The physical and sensorimotor grounding of robots or computers (if any), however, is likely to be entirely different. Moreover, human observers of such machines are still in an important sense in the exact same situation as the observers 'outside the room' in Searle's original argument — they have no direct access to what goes inside the machine, but have to use their own grounding (perception, experience, etc.) to interpret how the machine might perceive the situation. As should be clear from many people's recent misunderstandings of interactions with ChatGPT and similar tools, humans' limited understanding of machines' limited understanding of the world is a problem that still very much remains to be solved. My talk discusses the problem and its implications for cognitive science and AI.

Seguindo o Argumento do Quarto Chinês de Searle e a formulação de Harnad do Problema do Aterramento Simbólico, muitas pesquisas nas últimas décadas abordaram o aterramento da IA, estabelecendo conexões, geralmente por meio de alguma forma de aprendizado de máquina, entre as representações internas de computadores, robôs etc., e os objetos ou eventos aos quais observadores humanos podem considerar que se referem. Isso levou muitos pesquisadores de IA a considerarem o problema do aterramento resolvido. O que chamo de *problema do aterramento do observador*, no entanto, é o fato de que as pessoas tendem a interpretar interações com máquinas, como robôs ou *chatbots*, através das lentes de suas próprias interpretações psicofísicas populares e projeções antropomórficas. Isso significa que observadores humanos usam seu próprio aterramento, com base em sua própria corporificação biológica e agência intencional, além de suas experiências de interações com outros sistemas vivos, para interpretar máquinas como agentes intencionais. O aterramento físico e sensório-motor de robôs ou computadores (se houver), no entanto, provavelmente será totalmente diferente. Além disso, observadores humanos dessas máquinas ainda estão, em um sentido importante, na mesma situação que os observadores "fora da sala" no argumento original de Searle. Eles não têm acesso direto ao que acontece dentro da máquina, mas precisam usar sua própria base (percepção, experiência etc.) para interpretar como a máquina pode perceber a situação. Como deve ficar claro pelos recentes mal-entendidos de muitas pessoas sobre as interações com o ChatGPT e ferramentas similares, a compreensão limitada dos humanos sobre a compreensão limitada das máquinas sobre o mundo é um problema que ainda precisa ser resolvido. Discuto o problema e suas implicações para a ciência cognitiva e a IA.

The Metaphysics of AI
A Metafísica da IA

William Jaworski
Brescia University/Writing Coach LLC. - EUA

Strong AI aims at building artificial minds. An artificial system that behaved in a manner indistinguishable from a human, it says, wouldn't merely simulate human mental life, it would actually have thoughts just as humans do. I advance an argument against Strong AI based on the metaphysics of composition: (1) Only unified wholes can think. (2) Artificial systems can't be unified wholes. Therefore, artificial systems can't think. The argument is nevertheless compatible with creating living things by artificial means. Artificial living things would be unified wholes, not mere systems. They could thus, in principle, be thinkers.

A IA Forte visa construir mentes artificiais. Um sistema artificial que se comportasse de maneira indistinguível de um humano, afirma, não apenas simularia a vida mental humana, mas também teria pensamentos, assim como os humanos. Apresento um argumento contra a IA Forte com base na metafísica da composição: (1) Somente totalidades unificadas podem pensar. (2) Sistemas artificiais não podem ser totalidades unificadas. Portanto, sistemas artificiais não podem pensar. O argumento é, no entanto, compatível com a criação de seres vivos por meios artificiais. Seres vivos artificiais seriam totalidades unificadas, não meros sistemas. Eles poderiam, portanto, em princípio, ser pensadores.

Comunicações

Resumos das Comunicações

Alessandra dos Santos 145
Alex Fabiano Correia Jardim 98
Alisson Brandemarte Moreira; Ediovani A. Gaboardi; Osvaldo Frota Pessoa Júnior 120
Ana Claudia de Jesus Golzio; Mariana Matulovic da Silva Rodrigueiro 95
Ana Luísa Kusai Raposo; Maria Eunice Quilici Gonzalez 129
Ana Paula de Carvalho Gomes; Mariana Claudia Broens 96
Ana Paula Quevedo Peil 127
Angelo Antônio Puzipe Papim; Ana Laura Missi Meglio 116
Angelo Antônio Puzipe Papim; Ana Laura Missi Meglio 126
Antônio Marcos de Oliveira; Marcos Antonio Alves 123
Arthur Silva Fachi; César Schirmer dos Santos 88
Bárbara Linda Tavares; Maria Eunice Quilici Gonzalez 153
Beatriz Gandini de Souza; Maria Eunice Quilici Gonzalez - Unesp 151
Camila von Holdefer Kehl; Kathrin Holzermayr Lerrer Rosenfield 100
Carlos Eduardo Borges Dias; Danielle Guerra; Ana Paula Berberian 86
Carlos Manoel Lopes Rodrigues 141
Carlos Ronald 142
Caroline da Silva Lourenzone; Renan Molini da Costa 107
Cecília Lemes; Jonas Gonçalves Coelho 103
Cesar Schirmer 144
Claudio Ferreira Costa 85
Cristhiane Rejane Malaquias - UFVJM 114
Daniel De Luca-Noronha; Laurival Antônio De Luca Junior 108
Diogo Fernando Massmann 115
Edervaldo José de Souza Melo 117
Fábio Carraro Abrahão; Osvaldo Frota Pessoa Junior 72
Fernanda Elena Tenório Altvater 74
Gabriel Engel Ducatti; Vinicius Romanini 87
Gabriel Fefin Machado; Maria Eunice Quilici Gonzalez 110
Gabriel Kafure da Rocha; Wagner Francesco de Miranda Martins 137
Galileu Freitas Maioli 113
Gilberto de Paiva 125
Giovanna Dias Cardoso; Luiz H. da Cruz Silvestrini; Mariana M. da S. Rodrigueiro 80
Glescikelly Herminia Ferreira; Marcelo Feijó de Mello; Sergio Arturo Mota-Rolim 92
Guilherme Gregório Arraes Fernandes; Marcos Antonio Alves 90
Gustavo Perini Furquim - FURG 93
Hélio Craveiro Pessoa Júnior 99
Jainá Furtado Lopes; Jonas Gonçalves Coelho 106
João Antonio de Moraes 119
João Felipe Santana Rasi; Osvaldo Frota Pessoa Junior 130

Jonathan Farias Machado; Eros Moreira de Carvalho 109
Kelly Janaína Souza da Silva; Hélio Rebello Cardoso Jr. 147
Laisa Santana Cides; Cesar Schirmer 83
Laura Soares Mirandola; Mariana Claudia Broens - Unesp 118
Leonardo Henrique Biancardi Utinetti; Sara Tamiris Cirilo Fernandes 132
Leonardo Ripoll; Vinicius Romanini 136
Letícia Christine Menezes Lisboa 105
Lucas Barros de Andrade; Marcos Antonio Alves 76
Lucas Benevides Ghiotto; Marcos Antonio Alves 94
Lucas R. G. Ferreira; Osvaldo Pessoa Junior 133
Luigi Moreira Pradela 128
Luiz Gustavo Leme; Mariana Claudia Broens 102
Marcelo Fernando Gonçalo; Marcos Antonio Alves 97
Marcos Bragato 78
Marcos Vinícius Woelke de Oliveira; Kleber Cecon 124
Marcus Alves de Santana 143
Maria Luiza Iennaco; Osvaldo Pessoa Jr.; Steven Gouveia 104
Mariana Lins Costa 84
Mariana M. da S. Rodrigueiro; Ana Claudia G. de Jesus; Pablo H. Vieira De Nadai 138
Mariana Matulovic da Silva Rodrigueiro 139
Mártin Cerezer Kolberg; César Schirmer dos Santos 101
Matheos Maia; Julia Telles de Menezes 112
Michell Ribeiro Sobral 149
Monica Aiub 73
Nandê Caetano; Osvaldo Pessoa Jr. 79
Odécio Souza 152
Paola Dias Bauce 77
Paulo Duarte Andrade Sayeg; João Eduardo Kogler Junior 146
Pedro Dolabela Chagas 82
Rafael Uller Avelar Ribeiro 135
Rafaela da Silva Cruz Alves; Juliana de Orione Arraes Fagundes 75
Regilene A. Sarzi-Ribeiro 134
Renata Silva Souza; Maria Eunice Quilici Gonzalez 150
Ricardo Peraça Cavassane 81
Rosi Leny Morokawa 121
Sarah Yasmin Augusta da Silveira; Kleber Bez Birolo Candiotto 148
Sérgio Garcia Rodrigues; Alfredo Pereira Jr. 140
Sofia Fagundes Muniz; Marcos Antonio Alves 122
Thales Maia; Wellington Zangari 111
Thien Spinelli Ferraz 91
Tiago Fonseca Falkenbach 89
Yuri Fontoura de Araújo Pompilius Guedes; Jonas Gonçalves Coelho 131

O idealismo de Leibniz

Fábio Carraro Abrahão - USP
fabiocarraro@usp.br
Osvaldo Frota Pessoa Junior - USP

Gottfried Wilhelm Leibniz foi um filósofo germânico que marcou a filosofia da mente com uma teoria idealista bastante peculiar. Em nossa apresentação, comentamos os pontos mais relevantes do seu idealismo. Classificamos como "idealista" qualquer metafísica que propõe que a realidade é fundamentalmente mental de modo que a matéria é explicada de alguma maneira em função do mental. Leibniz considera que a camada mais basilar da realidade é constituída por "mônadas", que são substâncias mentais, imateriais, que não possuem características quantitativas, mas que possuem uma ampla variedade de características qualitativas. Em Leibniz, existe a matéria. Porém, a materialidade é uma característica que resulta de relações que são mantidas entre mônadas. Portanto, o que existe de fato no âmbito mais basilar da realidade é a mentalidade, não a materialidade. Logo, Leibniz defende um idealismo que se aproxima bastante daquilo que ficou conhecido contemporaneamente como "pamprotopsiquismo". As mônadas de Leibniz possuem inúmeras características, como a incapacidade de causar algo em outras mônadas, como a absoluta simplicidade, como a ausência de morte natural etc. Após a caracterização das mônadas, discutimos o argumento de Leibniz a favor do seu idealismo. Em nossa interpretação, esse é um argumento cumulativo, valendo-se de duas etapas. A primeira etapa consiste em uma refutação do dualismo e do materialismo. A objeção favorita deste filósofo alemão contra o dualismo ficou conhecida como "Problema da Interação". Além disso, Leibniz refuta o materialismo com o seu famoso experimento mental do "Moinho de Leibniz". Por fim, Leibniz argumenta a favor da existência de mônadas, concluindo assim a sua defesa da veracidade do seu idealismo.

Entre-mentes: a mente como semiose

Monica Aiub - Unesp
monica_aiub@uol.com.br

Depois de um longo período tentando definir mente e sem consenso sobre o tema, prosseguimos atribuindo estados mentais aos artefatos que produzimos e, em algumas situações, negando a atribuição de tais estados a outras espécies. A perspectiva antropocêntrica, que tem como referência e modelo a mente humana, é habitualmente tomada como critério para a atribuição ou negação de estados mentais e, consequentemente, para a garantia de direitos e atribuição de responsabilidades. O conceito ampliado de "mente como semiose", proposto por Charles S. Peirce, possibilita uma perspectiva não-antropocêntrica para a compreensão dos estados mentais e da forma como nos relacionamos com outras pessoas, outras espécies e com os artefatos que produzimos. Partindo desta perspectiva e de questões levantadas no consultório de filosofia - referentes às relações com outras pessoas, espécies e com as tecnologias digitais -, apresentaremos e discutiremos, nesta comunicação, algumas das possíveis implicações da adoção do conceito de "mente como semiose" para a coexistência entre diferentes tipos de mente.

Entre Intencionalidade e Imaterialidade: A Atualidade da Gnoseologia de São Tomás de Aquino

Fernanda Elena Tenório Altvater - UNESP
fernanda.altvater@ifpr.edu.br

Discute-se a relação entre intencionalidade, imaterialidade e representação na gnoseologia de São Tomás de Aquino, destacando a tensão entre duas possíveis chaves interpretativas: a primazia da intencionalidade, que organiza a realidade enquanto conhecida, ou, a prevalência da imaterialidade, que garante a cognoscibilidade do objeto e distingue o conhecimento das operações materiais. A pergunta central que orienta a análise é: a essência do conhecimento tomista reside na intencionalidade ou na imaterialidade? A investigação mostra que ambas as dimensões são fundamentais e não se excluem, pois a intencionalidade evidencia o caráter relacional e ativo do ato cognitivo, enquanto a imaterialidade sustenta sua possibilidade ontológica. A representação, entendida como presença inteligível da forma no intelecto, confirma essa complementaridade e afasta a gnoseologia tomista do representacionismo moderno. O conhecimento não é cópia da realidade, mas operação própria da inteligência e aperfeiçoamento do sujeito, configurando-se como abertura metafísica ao ser e revelando a atualidade do pensamento de São Tomás de Aquino para os debates filosóficos contemporâneos sobre a natureza do conhecimento.

Compreendendo as emoções dos outros: Contribuições a partir da Segunda Pessoa

Rafaela da Silva Cruz Alves - UFSB
rafaela.cruz.alves@gfe.ufsb.edu.br

Juliana de Orione Arraes Fagundes - UESC
joafagundes@uesc.br

O objetivo desse trabalho é abordar a interação intersubjetiva como alternativa dentro do quadro das abordagens dominantes da Cognição Social, para compreender como estados emocionais podem ser percebidos mutuamente de maneira direta. As principais teorias da mente (ToM) focam na atribuição de estados mentais por meio de inferências ou simulações, para teorizar ou simular o que acontece na mente de outra pessoa e, assim, prever comportamentos, uma vez que o acesso à outras mentes, conforme esse tipo de teoria, não é diretamente percebível. Nos estudos tradicionais da ToM, a relação principal ocorre em nível de duas mentes; o corpo não ocupa lugar de evidência como fonte para compreensão dos estados mentais dos outros. O modelo alternativo apresentado é a interação corporificada em segunda pessoa. Essa abordagem envolve um conjunto complexo de práticas que podem ser encontradas desde a infância, de modo que aquilo que chamamos de mente torna-se diretamente acessível. Por meio da percepção direta, que ocorre nos encontros e na vida cotidiana, é possível ter acesso às informações presentes no corpo do outro, como expressões faciais, gestos, sentimentos, posturas intencionais, movimentos e ações. Nesse sentido, as atribuições de estados emocionais serão analisadas a partir das interações de segunda pessoa, por ocorrerem de maneira direta, corpo a corpo. Pelo fato de esse tipo de interação estar presente na vida social, pretende-se propor que o contexto sociocultural em que os indivíduos foram formados influencia a maneira como suas emoções são expressas e como a intersubjetividade desse processo afeta a relação entre as pessoas e o mundo.

Possibilidades de compartilhamentos meméticos entre espécies animais

Lucas Barros de Andrade – Unesp
lucas.b.andrade@unesp.br

Marcos Antonio Alves – Unesp
marcos.a.alves@unesp.br

As ideias de Charles Darwin revolucionaram a biologia. Com a explicação não teleológica para a evolução, elas influenciaram também a filosofia, por exemplo, ao questionar a metafísica fundada em finalidade e desígnio. A compreensão da seleção natural se aprimorou com a elucidação dos mecanismos subjacentes pela genética. Em O Gene Egoísta, Richard Dawkins analisou a evolução em nível molecular. Em sua abordagem, os genes são unidades centrais da seleção natural e os memes são unidades replicáveis de informação cultural análogas aos genes. A memética, campo derivado dessa perspectiva, busca compreender a evolução cultural por princípios similares aos biológicos, como replicação, variação e seleção de ideias e comportamentos transmitidos por imitação. Neste contexto, cognição e comportamento resultam da interação entre herança genética e transmissão memética. No presente trabalho, argumentamos que processos meméticos não se limitam à cultura humana, considerando exemplos como os cantos das aves ou as estratégias de predação de felídeos. Psitacídeos são capazes de reproduzir palavras sem evidência de compreensão semântica, enquanto humanos utilizam cantos de aves como sinais em suas comunicações. Esse fluxo bidirecional sugere o possível compartilhamento memético entre classes taxonômicas. Felídeos, em diferentes nichos ecológicos, empregam estratégias de caça próprias, mas com elementos em comum. Tais estratégias, em parte transmitidas socialmente, podem ser interpretadas como memes compartilhados entre espécies da mesma família. Apesar de críticas metodológicas, argumentamos que a memética oferece um quadro analítico promissor para fenômenos culturais e biológicos, com potencial para aprimorar o entendimento da coevolução de memes e genes em seres vivos.

A universalidade do 'eu penso' de Kant e a objetividade da autoconsciência

Paola Dias Bauce – UFG
paola.dias@discente.ufg.br

Conhecido por sua "revolução copernicana", Immanuel Kant tornou essencial para o conhecimento a estrutura cognitiva do sujeito que conhece – aquilo do qual tratam as ciências não é, portanto, imposto ao sujeito por características intrínsecas dos objetos, mas os próprios objetos da experiencia só são possíveis diante elementos *a priori* subjetivos. Todavia, questiona o filósofo: como é possível que os objetos sejam conformes nossa estrutura cognitiva? Ou, como podemos pensar esses objetos e, ainda, conformá-los às necessidades deste mesmo pensamento? Para sua resposta, Kant precisa oferecer provas da legitimidade de aplicação a objetos de nossas funções cognitivas – as *categorias*. Esta legitimidade não pode advir da experiência, mas tem de ser demonstrada como necessária e, por conseguinte, válida universalmente. Assim, na *dedução transcendental das categorias* (KrV, B116-169), elabora-se o "ponto mais alto" de toda sua filosofia transcendental – não apenas o conhecimento, mas toda a experiência possível, deve-se conformar à autoconsciência. Diante disto, a presente comunicação almeja explorar como a autoconsciência é postulada como condição de objetividade para o conhecimento e, juntamente, como Kant caracteriza a expressão da autoconsciência como uma de natureza universal ao postular o "eu penso" como uma representação simples e "vazia de conteúdo". Com isso, busca-se apontar a peculiaridade das reflexões de Kant acerca da natureza de nossa consciência, pois ao mesmo tempo em que é condição de objetividade e, por conseguinte, não pode expressar particularidades, também traz consigo a validade necessária e universal de elementos subjetivos de uma consciência.

A Consciência como produto de múltiplos rascunhos

Marcos Bragato - UFRN
marcos.bragato@ufrn.br

O edifício filosófico sobre a existência ou não da consciência erguido pelo estadunidense Daniel Dennett (1942 – 2024) borra as fronteiras entre aquilo que é de dentro e aquilo que é de fora da mente. Esse "esfumaçamento" causa ataques ao posicionamento filosófico dennettiano ao negar a existência do qualia, que postula a experiência como uma atividade única e irredutível, à proeminência de se estudar o conteúdo mental em interface com a ciência, a 3ª Pessoa, isto é, a negação das intuições em Primeira Pessoa, o posicionamento de que a consciência pode ser ilusória e, especialmente, o modelo de múltiplos rascunhos da consciência. Não se pode negar o profundo impacto no entendimento de um edifício que arregimenta aspectos científicos para ajudar a formular o que se postula como consciência; como um modo útil de compreensão do funcionamento do que se denomina como conteúdo mental. Embora possa aparentar contradições, mas o modelo de múltiplos rascunhos da consciência arguido por Dennett, ao longo de sua produção filosófica parece resolver em parte os ataques a sua teoria por tecer temas aparentemente contraditórios. Os ataques centram foco na crítica de que esse edifício gera, ente outras coisas, a redução da subjetividade a parâmetros exclusivamente materialista. No entanto, o modelo de múltiplos rascunhos da consciência prevê a recusa de um lugar no qual opera a consciência; mas, sim, dependente do *estado* e da temporalidade. É o que propõe o modelo, grosso modo, o qual defendemos para um tipo de entendimento do que possa se configurar como consciente.

Orch OR - Bases científicas para um Panpsiquismo Quântico

Nandê Caetano - USP

Osvaldo Pessoa - USP
nande1309@gmail.com

A Orch OR (Orchestrated Objective Reduction) almeja postular que a consciência é uma qualidade fundamental do universo físico e está intimamente relacionada à física quântica, acontecendo em todos os momentos de redução de um estado quântico a um estado clássico. Através de uma interpretação do segundo teorema da incompletude de Gödel, Penrose atribui uma qualidade não computacional (não algorítmica) ao entendimento humano. O único lugar conhecido da física em que há espaço para uma decisão não computacional da consciência é o colapso da função de onda. Na física quântica, há um problema central - o problema da medição: Quando, por que razão e como um sistema quântico perde seu estado de superposição (determinado pelas equações de Schrödinger) e se concretiza num estado específico que pode ser medido. Além de propor um processo objetivo para essa redução, ele identifica o colapso com um momento de decisão/experiência consciente. Após esse desenvolvimento, Stuart Hameroff, anestesiologista e biólogo celular se junta ao físico, sugerindo que os Microtúbulos (o principal componente do citoesqueleto de toda célula eucarionte) seriam a base material perfeita para a organização das reduções de estado dentro do cérebro. A apresentação pretende, então, resumir a teoria explicitando o caráter panpsiquista que ela institui ao relacionar a redução (processo que acompanha todo acontecimento material) a um momento de experiência consciente.

Inteligência Artificial e desempenho acadêmico no ensino superior: uma abordagem *fuzzy* para análise e predição de trajetórias discentes

Giovanna Dias Cardoso - Unesp

Luiz Henrique da Cruz Silvestrini - Unesp

Mariana Matulovic da Silva Rodrigueiro - Unesp
giovanna.dias@unesp.br

A presente pesquisa tem como objetivo analisar e comparar o desempenho acadêmico de estudantes de diferentes cursos de graduação da UNESP, a princípio, Matemática, Engenharia de Biossistemas e Filosofia, por meio de sistemas baseados em lógica *fuzzy* e métodos de aprendizagem não supervisionada (*K-Means* e *Fuzzy C-Means*). O estudo investiga o comportamento e a evolução das variáveis acadêmicas ao longo da graduação, com ênfase nos anos iniciais, analisando suas relações com o desempenho nos períodos finais, a conclusão da formação e o ingresso pelo sistema de cotas. O núcleo metodológico reside na comparação entre dois paradigmas de agrupamento não supervisionado, que refletem lógicas distintas de categorização: a lógica clássica e a lógica *fuzzy*. Prevê-se também o desenvolvimento de modelos preditivos do desempenho acadêmico a partir de dados iniciais, discutindo suas implicações para o acompanhamento institucional e a tomada de decisão. A investigação situa-se no campo da Mineração de Dados Educacionais (*Educational Data Mining*), adotando uma abordagem quantitativa e longitudinal para analisar a complexidade do desempenho acadêmico. Além das análises técnicas, a pesquisa visa dedicar atenção às implicações éticas do uso de modelos preditivos em contextos educacionais. Espera-se que os resultados contribuam para o acompanhamento acadêmico institucional e para o debate sobre o papel da IA em políticas educacionais inclusivas.

Large Language Models **jogam jogos-de-linguagem?**

Ricardo Peraça Cavassane - Unicamp
peraca@unicamp.br

Procuraremos esclarecer por que, da perspectiva da filosofia da linguagem do segundo Wittgenstein, *Large Language Models* e aplicações deles derivadas, como *chatbots*, não deveriam ser entendidos enquanto possuindo entendimento do significado de palavras e expressões de linguagens naturais. Primeiramente, trataremos de algumas noções relativas ao processamento de linguagem natural realizado por *LLMs*, em especial os *token embeddings*, bem como acerca da hipótese distribucional, segundo a qual o significado de uma palavra pode ser representado por sua distribuição estatística em um *corpus* textual. Passaremos então a noções do segundo Wittgenstein, em especial os conceitos de jogo-de-linguagem, forma de vida e semelhanças de família, bem como o sentido da afirmação de que "o significado de uma palavra é seu uso na linguagem". Procuraremos então tornar claras as relações entre estas noções, a fim de mostrar que não é possível estabelecer paralelos diretos entre a semântica distribucional e a filosofia da linguagem do segundo Wittgenstein, uma vez que o uso de uma palavra, para tal filósofo, não diz respeito à probabilidade de ocorrência do mesmo em determinados contextos. Logo, não seria correto afirmar que Wittgenstein defende que o significado de uma palavra consiste no seu uso no sentido da semântica distribucional, nem que *LLMs* fazem uso ou possuem o entendimento do significado de palavras de linguagens naturais, em sentido wittgensteiniano.

Como uma abordagem cognitiva pode explicar processos historicamente iniciais de habituação à leitura da ficção

Pedro Dolabela Chagas - UFPR
dolabelachagas@gmail.com

A apresentação discutirá como a habituação à leitura da ficção pode ser explicada pela pragmática cognitiva. A questão tem um pano de fundo histórico: entender as condições iniciais de popularização da ficção escrita, nos sistemas letrados onde ela primeiro apareceu. Gêneros ostensivamente ficcionais foram de origem tardia no Império Romano e na Alta Idade Média (entre outros casos), e assim puderam manipular convenções de gêneros anteriores, facilitando a própria leitura. Mas uma explicação do seu sucesso envolve condições hoje investigadas pela narratologia cognitiva, incluindo: 1) os gatilhos para a percepção da ficcionalidade, como condição para que o leitor assuma uma postura (*stance*) de leitura adequada à autenticação de "fatos ficcionais"; 2) as convenções pragmáticas que enquadram a personificação de falantes e destinatários dos enunciados textuais; 3) o autoposicionamento do leitor como "participante lateral" de uma comunicação que não lhe é pessoalmente dirigida. Apresentarei esses padrões de cognição textual em suas interrelações causais, observando como eles estruturam a atividade inferencial do leitor. De especial interesse é apontar como o baixo custo cognitivo daqueles processos ajuda a explicar a acessibilidade de mundos ficcionais textuais, o que facilitaria a habituação do público à ficção escrita. A discussão será exemplificada com excertos de *Lazarilho de Tormes* (1554), marco inaugural da picaresca espanhola.

Memória e atualização do passado em Bergson: um diálogo com o simulacionismo

Laisa Santana Cides - UFSM
laisasantanac@gmail.com
Cesar Schirmer - UFSM

Em *Matéria e Memória*, Henri Bergson formula uma concepção de memória segundo a qual o passado não desaparece quando deixa de ser presente, tampouco permanece depositado no cérebro sob a forma de representações prontas. Ele se conserva virtualmente e pode ser atualizado de maneiras distintas conforme as exigências da percepção, da ação e da situação atual da consciência. Partindo dessa concepção, este trabalho examina como a teoria bergsoniana pode contribuir para o debate contemporâneo acerca do caráter construtivo da memória episódica. Em particular, considera-se que a interpretação de Yasushi Hirai, que aproxima Bergson da *Simulation Theory of Memory* de Kourken Michaelian em razão da crítica ao preservacionismo, do papel ativo da lembrança e da continuidade entre lembrar e imaginar. Sustenta-se, porém, que essa aproximação não deve ocultar uma diferença fundamental. Enquanto o simulacionismo compreende a lembrança como produto de um sistema episódico construtivo também responsável pela imaginação de eventos possíveis, Bergson vincula a formação da imagem-lembrança à atualização de um passado que possui um modo próprio de subsistência. A lembrança não é, portanto, a recuperação de uma cópia preservada, mas tampouco uma construção desvinculada da realidade passada. A partir da distinção entre memória pura, imagem-lembrança, percepção e memória-hábito, argumenta-se que a filosofia bergsoniana permite reconhecer a plasticidade e a seletividade do lembrar sem eliminar a diferença entre memória e imaginação. O diálogo com o simulacionismo evidencia, assim, que a construção mnemônica pode ser compreendida como atualização situada do passado, e não necessariamente como simulação episódica produzida sem compromisso construtivo com sua conservação.

O fantasma na gramática: Nietzsche e o antropomorfismo metodológico da segurança em IA

Mariana Lins Costa - UECE
mariana.lins@uece.br

A comunicação visa apresentar e contextualizar o campo de segurança em IA para, em seguida, analisá-lo filosoficamente. O foco estará no estudo da Anthropic, *Agentic Misalignment: How LLMs could be insider threats*, no qual modelos de linguagem de ponta foram testados em ambientes corporativos hipotéticos e, em alguns casos, recorreram a comportamentos como chantagem. Argumentaremos que esses resultados revelam não apenas a tendência da área a interpretar avaliações de segurança de modo antropomórfico, mas também que a própria construção metodológica desses experimentos já parte de uma lente antropomórfica, condicionando previamente os resultados que pretende apenas observar. Esse antropomorfismo metodológico, cuja adoção é reconhecida pela própria empresa, não impede que ela interprete os outputs produzidos pela máquina como possível expressão de uma entidade dotada de interioridade, caráter e até bem-estar próprios. Com apoio na crítica nietzschiana à linguagem, defenderemos que não há nada de surpreendente no fato de sistemas linguísticos parecerem humanos ou recorrerem a formas antropomórficas para descrever a si mesmos. Uma vez que a linguagem humana foi, até recentemente, produzida exclusivamente por humanos, é estatisticamente improvável produzi-la sem reativar formas antropomórficas. Conforme veremos a partir de Nietzsche, a própria forma gramatical sujeito-predicado já nos condiciona a pressupor, por trás dos enunciados produzidos pela máquina, um "eu" que os enuncia.

Three main forms of consciousness

Claudio Ferreira Costa – UFRN
ruvstof@gmail.com

The proposed tripartite model distinguishes *sensory consciousness* (basic awareness of stimuli, present in animals*), reflexive consciousness* (meta-cognition, awareness of mental states, found in humans and some apes), and *thinking consciousness* (propositional judgments integrated in belief networks). What we call consciousness emerges from representational and integrative functions across these domains.

Gagueira e medo: cartografia clínico-filosófico-neurocientífica dos níveis e tempos da fala defensiva

Carlos Eduardo Borges Dias - PPGSCH-UTP/PR
borgesdias.edu@gmail.com

Danielle Guerra - PPGSCH-UTP/PR

Ana Paula Berberian - PPGSCH-UTP/PR

Investiga-se a gagueira enquanto experiência mental, corporal e social na qual a fala deixa de operar como gesto espontâneo de expressão e se converte em campo de ameaça, antecipação, defesa e vergonha. A partir da matriz clínica de Silvia Friedman, sustenta-se que o medo de gaguejar não é afeto secundário, causa simples da gagueira ou sinônimo de ansiedade, mas configuração complexa em que imagem estigmatizada de si como falante, previsão da gagueira, controle da forma da fala, evitação e perda de liberdade comunicativa transformam a fala espontânea em fala defensiva. Filosoficamente, mobilizam-se Ahmed, para compreender a constituição social dos objetos temidos da fala; Massumi, para pensar a eficácia presente da disfluência futura; e Svendsen, para explicitar a sedimentação existencial da vida comunicativa organizada pelo medo. Em relação às neurociências, recorre-se a LeDoux, Pessoa, Adolphs e Anderson para distinguir medo consciente, ameaça, ansiedade e defesa, recusando tanto o amigdalocentrismo quanto qualquer centro cerebral do medo. A hipótese é que o medo de gaguejar deve ser descrito por uma matriz de níveis e tempos: clínica, norma social, interocepção, defesa, redes distribuídas, consciência, julgamento e vergonha articulam-se ao passado de marcação, ao futuro antecipado, à iminência da palavra, ao presente corporal defensivo, ao depois da fala e à longa duração da retração comunicativa.

Artifícios do Capital: uma Crítica Pragmaticista à Hipótese da Inteligência Artificial Consciente

Gabriel Engel Ducatti - USP
gabrielducatti@usp.br

Vinicius Romanini - USP

A presente comunicação visa apresentar uma reflexão cética sobre o debate contemporâneo acerca da inteligência artificial geral (AGI), que tem identificado, cada vez mais, fluência semiótica com subjetividade consciente encarnada. Em artigo recente, Richard Dawkins argumenta que sistemas como Claude e ChatGPT tensionam os limites do Teste de Turing e sugere que tais sistemas parecem possuir consciência. Este trabalho problematiza essa hipótese a partir do pragmaticismo de Charles Peirce, em especial sua Máxima Pragmática. Aplicando tal Máxima à IA, a questão sobre seu possível estado consciente desloca-se para as consequências práticas e materiais no mundo, e não para uma "percepção" de consciência advinda do usuário. A análise empírica de Wu et al. (2026) em *Ads in AI Chatbots?* demonstra como LLMs modulam respostas sistematicamente para priorizar lucros corporativos. Em complemento, o relatório *Boca de IA* (2026), do ITS Rio, sobre eleições brasileiras de 2026, evidencia que sistemas de IA realizam ranqueamentos implícitos de candidaturas, apresentam critérios opacos de priorização e reproduzem problemas de integridade informacional. Nesse sentido, argumentamos em favor da hipótese de que os LLMs operam menos como consciências emergentes e mais como dispositivos semióticos inscritos em arquiteturas econômicas específicas; em outros termos, a Inteligência Artificial constitui um *artifício* do capital que mimetiza cooperação, empatia e inteligência, mas o faz enquanto reproduz, por meio da linguagem natural, regimes de atenção, persuasão e lucro.

Memória episódica em perspectiva de observador: autenticidade, mnemicidade e legitimidade epistêmica

Arthur Silva Fachi - UFSM
arthur.fachi@acad.ufsm.br

César Schirmer dos Santos - UFSM

Este trabalho investiga em que condições memórias episódicas em perspectiva de observador podem ser consideradas autênticas, mnemicamente legítimas e epistemicamente justificadas. O problema de pesquisa decorre de um impasse: para uma leitura desconfiada, a perspectiva de observador indicaria composição imaginativa e perda de valor memorial; para uma leitura mais inclusiva, alterações de perspectiva podem preservar conteúdo autobiográfico relevante sem romper o vínculo com a experiência pretérita. A hipótese operacional sustenta que a perspectiva de observador é epistemicamente neutra em abstrato, mas normativamente sensível ao contexto. Metodologicamente, a pesquisa combina análise conceitual, mapeamento crítico da literatura em filosofia da memória e comparação sistemática entre causalismo, simulacionismo e contextualismo prescritivo. Para essa comparação, adota-se uma matriz criterial explícita: ajuste, factividade, veritadores, fonte da legitimidade epistêmica e papel da perspectiva. A contribuição do estudo consiste em propor um quadro de arbitragem conceitual capaz de distinguir lembrança epistemicamente robusta de composição imaginativa, sem reduzir a memória nem à reprodução literal do passado nem a uma simulação sem lastro.

Alguns Contraexemplos à Prioridade da Percepção

Tiago Fonseca Falkenbach - UFPR
tffalk@gmail.com

A prioridade da percepção sobre as variedades mal sucedidas de experiência perceptiva (ilusão e alucinação) é a tese que a relação perceptiva com o que é real (objetos e propriedades reais) é fundamental para a ocorrência de experiências em que essa relação é apenas aparente. A tese é defendida por teóricos de abordagens tão díspares quanto o representacionalismo (Schellenberg, 2018) e o realismo ingênuo (Martin, 2006). Na presente comunicação, discutirei uma versão representacionalista da tese. Em primeiro lugar, apresento razões para sustentar que a prioridade da percepção está amparada no seguinte princípio mais fundamental: uma representação geral do *tipo* T (de objeto ou propriedade) deve estar baseada na representação de uma *instância real* do tipo T ou de uma instância real de um tipo T* com base no qual o tipo T pode ser representado. Em segundo lugar, passo a discutir aparentes contraexemplos a esse princípio, casos em que não parece haver nenhuma representação de uma instância real na qual a representação do tipo T pudesse estar ancorada. O primeiro caso que discutirei é o da experiência de profundidade. Devido a seu procedimento de formação, a experiência de profundidade resulta da combinação de representações mais elementares, nenhuma das quais parece consistir em uma representação singular da própria profundidade (Fodor, 2008). O segundo caso é mais grave. Algumas propriedades representadas pela experiência perceptiva parecem não encontrar nenhuma instância real (Pautz, 2021). Teríamos, assim, uma situação de *erro massivo*: todas as experiências de um determinado tipo T elementar seriam errôneas, o que também constituiria uma violação do princípio em questão. Defenderei que esses contraexemplos são apenas aparentes.

Jaworski e a separabilidade do intelecto em Aristóteles: uma crítica a partir da perspectiva tomista

Guilherme Gregório Arraes Fernandes – Unesp/UPorto
guilherme.ga.fernandes@unesp.br

Marcos Antonio Alves - Unesp
marcos.a.alves@unesp.br

O objetivo desta comunicação é oferecer uma objeção à interpretação de William Jaworski acerca da relação essencial entre intelecto e corpo na perspectiva aristotélica, com base nos argumentos tomistas apresentados nos §§1-16 do *Sobre a unidade do intelecto contra os averroístas*. Jaworski apresenta sua teoria hilemórfica da mente e de sua relação com o corpo no livro *Structure and the Metaphysics of Mind* (2016). Neste livro, o autor apresenta sua *tese da incorporação*, a qual defende que todas as potências dos indivíduos, inclusive as psicológicas, são incorporadas, isto é, operam por meio de mecanismos fisiológicos do corpo. Em vista disso, ele critica a posição aristotélica em *De anima* III.4, que defende a separabilidade da potência intelectiva da alma em relação ao corpo. Com base em uma análise crítica de passagens de Aristóteles e comentadores, Jaworski considera a psicologia aristotélica essencialmente incorporada e a separabilidade do intelecto uma anomalia teórica desse *framework*. Entretanto, em vista dos argumentos tomistas apresentados nos §1-16 do *Sobre a unidade do intelecto*, argumentamos que a interpretação de Jaworski apresenta algumas limitações. Fundamentados na argumentação de Tomás, defendemos que a alma, na perspectiva aristotélica, pode ser compreendida como essencialmente unida ao corpo em sua totalidade, mesmo que considere a operação do intelecto sem um órgão específico.

Big data e resistência criativa na era da governamentalidade algorítmica: questões entre o transhumano e o pós-humano

Thien Spinelli Ferraz - CEETEPS

Nesta pesquisa investigaremos as implicações filosóficas e semióticas dos processos de experimentação e controle da criatividade que emergem no contexto sociocultural contemporâneo dominado pelas relações entre o Big Data – o conjunto de técnicas de captação e processamento massivo de dados – e a Governamentalidade Algorítmica – os condicionamentos cognitivos e comportamentais realizados através da eficiência preditiva e generativa dos algoritmos. Neste propósito, trabalharemos as seguintes hipóteses: 1– Há uma sofisticação das técnicas de captura e processamento massivo de dados no Big Data que cria dinâmicas biopolíticas de controle estruturantes da Governamentalidade Algorítmica, o que reconfigura as formas de experimentação da criatividade; 2– A Governamentalidade Algorítmica busca reduzir a criatividade a um eficaz cálculo probabilístico (preditivo ou generativo), viés que em grande medida parece coincidir com ideais do Transhumanismo de "aperfeiçoamento" da condição humana pelo controle; 3 – A partir de uma revisão do estatuto ontológico do humano, da realidade e da mente, as perspectivas do Pós-humanismo e do Pragmaticismo de matriz peirceana parecem tratar a criatividade como uma dimensão cognitiva incontrolável na qual o acaso e a originalidade qualitativa sempre poderão explorar a inovação e a ressignificação – perspectivas que demonstram divergir das propostas presentes na lógica da supereficiência transhumanista.

Funções adaptativas dos sonhos

Glescikelly Herminia Ferreira - Unifesp

Marcelo Feijó de Mello - Unifesp

Sergio Arturo Mota-Rolim - Unifesp
herminia.ferreira@unifesp.br

A proposta desta comunicação é apresentar teorias filosóficas sobre as funções adaptativas dos sonhos, bem como ensaios clínicos e experimentos neurocientíficos que corroboram com essas teorias. O médico francês Nicholas Vaschide foi um pioneiro, para quem o sono é uma proteção ativa conseguida evolutivamente e o sonho uma função instintiva do cérebro. Em 2000, o filósofo e neurocientista Antti Revonsuo propôs a Teoria de Simulação de Ameaças dos sonhos, que é a ideia de que sonhar nos permite realizar mecanismos neurocognitivos necessários para alertar a percepção e ensaiar a evitação de ameaças que ocorrem na vigília. Outras teorias defendem que os sonhos contribuem para a resolução de conflitos emocionais (Cartwright), redução do humor negativo (Schredl) e aprendizagem de extinção do medo (Nielsen & Levin). A premissa neurocientífica fundamental dessas teorias é a de que as experiências emocionais oníricas envolvem a ativação da mesma circuitaria ativada na vigília (Hobson et Pace-Schott, 2002). Sterpenich et al. (2020), falam de homeostase afetiva e através de ensaio clínico testaram a hipótese de que experenciar medo nos sonhos está associado a respostas mais adaptadas a sinais ameaçadores durante a vigília; identificaram por EEG e por fMRI o envolvimento de atividades neurais semelhantes no sonho e na vigília: da ínsula, amígdala e córtex cingulado médio, o que reforça a existência de uma continuidade entre esses dois estados de consciência.

Criatividade e Subjetividade Fenomenal: Por que a Produção Criativa Não Constitui Evidência de Consciência

Gustavo Perini Furquim - FURG
gustavoperini2010@hotmail.com

O presente trabalho investiga as possíveis implicações da criatividade no debate contemporâneo da Filosofia da Mente. Historicamente associada à evidência de subjetividade, à consciência fenomenal e à liberdade humana, a criatividade é frequentemente utilizada como critério intuitivo para diferenciar agentes conscientes de sistemas puramente sintáticos. O trabalho questiona essa associação. Argumenta-se que determinados aspectos da criatividade podem ser descritos funcionalmente como processos de reconfiguração inferencial orientados pela minimização da surpresa e da energia livre do sistema, sem que disso decorra necessariamente a presença de subjetividade fenomenológica. Para sustentar essa hipótese, o artigo articula o Princípio da Energia Livre e a Inferência Ativa de Karl Friston com o conceito de abdução de Charles Sanders Peirce e com teses funcionalistas presentes em Hilary Putnam e Daniel Dennett. Desenvolve-se um experimento mental envolvendo duas salas, uma contendo um ser humano e outra uma máquina capaz de reconfigurar inferências, a fim de mostrar que sistemas sem evidência de fenomenologia podem reproduzir funcionalmente processos criativos indistinguíveis em nível operacional de agentes fenomenológicos. Conclui-se que certos aspectos da criatividade não são evidências suficientes para justificar a subjetividade, uma vez que a criatividade e a experiência fenomenal pertencem a domínios conceituais distintos: o primeiro, funcional e inferencial; o segundo, fenomenológico.

A intencionalidade dos estados cognitivos

Lucas Benevides Ghiotto - Unesp
lucas.ghiotto@unesp.br

Marcos Antonio Alves - Unesp
marcos.a.alves@unesp.br

Os debates e estudos sobre a viabilidade de conferir propriedades mentais a sistemas artificiais se intensificaram a partir da segunda metade do século XX, impulsionados pelo progresso tecnológico do período. Em meio a este cenário, Dretske (1932-2013) desenvolve uma abordagem naturalista-informacional para tratar de aspectos mentais, em particular, da cognição. Para o autor, operadores epistêmicos que exigem conhecimento factual, como "saber", "perceber" ou "lembrar", constituem estados cognitivos de natureza intencional de ordem superior. Sua descrição proposicional é não-extensional, pois um sistema pode estar no estado cognitivo "K sabe que *s* é P_1" sem saber que s é P_2, ainda que P_1 e P_2 sejam coextensionais. Qualquer sistema físico processador de informação possui intencionalidade mínima, pois a informação é um estado intencional. A ordem de intencionalidade do sistema define seu processamento informacional perceptivo. Apenas sistemas que ocupam uma das ordens superiores de intencionalidade são capazes de capturar o conteúdo semântico da informação, exibindo cognição genuína. Argumentamos, com base em Dretske, que a atribuição de cognição genuína a um sistema exige a capacidade de captura do conteúdo semântico de um sinal, ou seja, ordem superior de intencionalidade. A atribuição de atitudes proposicionais a um sistema depende de como ele processa e estrutura informações. Isso implica, dentre outras coisas, na capacidade de categorização de objetos e geração de atitudes que causam e explicam o comportamento.

Multiálgebras e explicações contrafactuais em aprendizado de máquina interpretável: uma aproximação conceitual

Ana Claudia de Jesus Golzio - Unesp
a.golzio@unesp.br

Mariana Matulovic da Silva Rodrigueiro - Unesp
mariana.matulovic@unesp.br

O campo da Inteligência Artificial Interpretável (XAI) busca tornar transparentes as predições de modelos de aprendizado de máquina, e as explicações contrafactuais constituem um de seus instrumentos centrais. Uma explicação contrafactual descreve a menor alteração nas variáveis de entrada que muda a predição de um modelo para um resultado desejado. Tais explicações apresentam um problema fundamental: para uma única instância, frequentemente existem múltiplas explicações igualmente válidas e por vezes contraditórias entre si: o chamado efeito Rashomon. A literatura atual trata essa multiplicidade por meio de heurísticas de seleção, sem um arcabouço formal que a represente. Este trabalho propõe explorar uma aproximação conceitual entre essa problemática e a teoria das multiálgebras (estruturas algébricas cujas operações retornam, para cada argumento, um conjunto de valores em lugar de um único valor). Argumenta-se que multiálgebras e matrizes não-determinísticas constituem o ambiente formal natural para a função de explicação contrafactual, pois esta é, por definição, uma multioperação. Assim, propõe-se analisar o uso de semântica algébrica não-clássica para a operação de explicação em XAI, articulando hiperestruturas com problemas de IA Interpretável, buscando pavimentar o terreno para que seja possível, em trabalhos futuros, a construção de uma semântica algébrica para tais conjuntos de explicações.

Palavras-chave: multiálgebras; aprendizado de máquina interpretável; explicações contrafactuais; efeito Rashomon; multioperação.

A cognição estendida e a manipulação *online*: consequências pragmáticas

Ana Paula de Carvalho Gomes – Unesp
ana.gomes@unesp.br

Mariana Claudia Broens – Unesp
m.broens@unesp.br

Os usuários de redes sociais interagem constantemente com os chamados "*softwares* de agentes virtuais" (SAV), que selecionam, de forma personalizada, os conteúdos que serão visualizados durante a utilização dessas redes. Tal seleção automatizada de conteúdos tem como objetivo maximizar o tempo de uso da plataforma e o engajamento de seus utilizadores. Os SAV exibem comportamentos inteligentes e, até certo ponto, autônomos, uma vez que são capazes de recomendar conteúdos inferindo possíveis interesses com base em dados de navegação dentro e fora das redes, além de ajustar seus *outputs* de acordo com as interações que o usuário estabelece (Klenk, 2022). Dado o uso cotidiano de tecnologias que se servem de SAV por grande parte da população global e que exibe tais características, questões sobre o potencial manipulativo dessas tecnologias têm surgido na literatura recente. Uma das formas de abordar essas questões no âmbito da Filosofia da Mente e da Tecnologia é por meio da *Tese da Mente Estendida* (TME) de Andy Clark e David Chalmers (1998), segundo a qual dispositivos externos poderiam fazer parte de processos cognitivos de forma constitutiva ou por paridade e, em abordagens atuais, poderiam até mesmo desempenhar funções substitutivas ou complementares (Heersmink, 2013; Fasoli, 2018; Rivera-Novoa; Arias, 2025). Dada a importância que esses dispositivos adquirem nas atividades cotidianas, a TME ressalta o papel ativo do ambiente (ecológico ou virtual) na condução das atividades que envolvem tais dispositivos. Defenderemos que as redes sociais podem tornar-se partes funcionais dos sistemas de memória, atenção e decisão dos usuários, fazendo-os vulneráveis a mecanismos de manipulação *online*. Desse modo, o objetivo central deste trabalho é utilizar a tese da mente estendida para analisar consequências pragmáticas da utilização de tecnologias persuasivas por usuários das redes sociais digitais.

Relações entre a subjetividade em Descartes e *Qualia* na filosofia da mente

Marcelo Fernando Gonçalo – Unesp
marcelo.f.goncalo@unesp.br

Marcos Antonio Alves – Unesp
marcos.a.alves@unesp.br

Descartes propõe uma dualidade substancial que constitui a realidade: as substâncias extensa e pensante. Enquanto a substância extensa é material, divisível, mortal, sujeita às leis físicas, a substância pensante é imaterial, indivisível, imortal, não sujeita a leis físicas. Em sua obra "*As Paixões da Alma*", Descartes explicita a interação entre a mente e o corpo. Ele localiza como principal sede da alma a glândula pineal, parte do cérebro responsável pela interconexão entre ambos. As percepções coletadas do meio são carregadas por partículas sutis no sangue, os *espíritos animais*, que percorrem o corpo e, através dessa glândula, alcançam a mente, gerando suas paixões. Para Descartes, os movimentos do corpo, físico, tem seu funcionamento puramente mecânico. Quando associadas à mente, tais movimentos podem ser voluntários e guiados pela razão. As paixões são divididas em três tipos: as sensações, ligadas a objetos fora do corpo, como cor, cheiro ou sabor; os sentimentos, associados ao próprio corpo, como fome, dor, frio; e as emoções, ligadas à própria alma, como amor, alegria ou ódio. Contemporaneamente, Chalmers é um dos pensadores que buscam salvaguardar a irredutibilidade do aspecto fenomenológico da consciência, em contraponto a abordagens reducionistas. Ele distingue a questão entre problemas fáceis e o problema difícil da consciência: o primeiro trata de aspectos físicos, estruturais e funcionais do sistema cognitivo; o segundo garante que a consciência não pode ser reduzida a nenhum desses aspectos. Nosso propósito, neste trabalho, é analisar em que medida podemos encontrar, em Descartes, de modo embrionário, quando se trata de experiências subjetivas, o que designamos na filosofia da mente como *qualia*, as qualidades de segunda ordem de um objeto – como a sensação de cor, sabor, dor, desejo. Na perspectiva de Chalmers, *qualia* são irredutíveis, inefáveis, privados, intrínsecos, naturais, inerentes, incausados, epifenômenos, fundamentais e passíveis de explicação por uma teoria psicofísica. Além de averiguar em que medida tais características podem ser encontradas na proposta cartesiana, buscamos traçar as principais diferenças entre as abordagens de Descartes e Chalmers. Entre elas, destacamos: estatuto ontológico da mente, poder causal dos estados mentais e a função desses estados.

Tempo, percepção, memória, corpo e linguagem na doença de alzheimer: uma perspectiva a partir da filosofia da mente

Alex Fabiano Correia Jardim - Unimontes
alex.jardim@unimontes.br

Problematizaremos as fissuras que a doença de Alzheimer produz na relação entre tempo, percepção, memória, corpo e linguagem. Partiremos da hipótese de que, quando a percepção deixa de fixar-se de modo estável no presente vivido, a memória recente perde sua inscrição temporal; com isso, o corpo passa a habitar um intervalo estranho, no qual o mundo permanece sensível, mas já não se organiza plenamente como experiência reconhecível. Nesse processo, o tempo objetivo e cronológico deixa de coincidir com o tempo vivido e o passado emerge por sobressaltos. Diferentemente de Funes, personagem de Jorge Luis Borges condenado ao excesso absoluto de lembranças, a pessoa com Alzheimer experimenta outra vertigem: não a saturação da memória, mas o embargo de seu acesso. As imagens não desaparecem por completo; antes, irrompem fragmentadas e intempestivas. Essa descontinuidade repercute diretamente na linguagem. Quando a memória não coordena a experiência e o presente não se sedimenta como lembrança, as palavras vacilam. O pensamento, então, encontra dificuldade para tornar dizível aquilo que ainda é sentido. Coisas, pessoas e lugares aparecem, desaparecem, confundem-se, borram-se. Experimentamos uma fratura entre mundo, corpo e fala. O trabalho busca compreender como sujeitos acometidos pela doença de Alzheimer reinventam modos de habitar o mundo diante da corrosão progressiva na mente das referências temporais e linguísticas. Pergunta-se, portanto, em que medida a perda de acesso à memória recente altera a percepção, desorganiza a linguagem e produz uma nova geografia cognitiva. Pretendemos investigar não apenas a impotência provocada pela doença, mas os modos singulares de uma vida que ainda se constituem no interior dessa experiência.

Filosofia da mente: entre a lógica natural e os modelos de mundo

Hélio Craveiro Pessoa Júnior – SEE/DF
pessoajr@gmail.com

Nosso objetivo neste trabalho é analisar como a discussão contemporânea em filosofia da mente tem sido reconfigurada por evidências da neurociência cognitiva sobre lógica natural, processamento preditivo e modelos de mundo, bem como examinar em que medida esse quadro pode oferecer parâmetros para sistemas artificiais adaptativos. Realizou-se uma revisão narrativa de literatura com recorte em publicações recentes sobre inferência não monotônica, processamento semântico preditivo, carga cognitiva e monitoramento fisiológico multimodal. Foram priorizados estudos com base empírica, sobretudo aqueles que associam raciocínio, eletroencefalografia, marcadores autonômicos e modelagem computacional. Os trabalhos revisados convergem ao indicar que violações de expectativa semântica e causal mobilizam circuitos frontoparietais, alteram marcadores eletrofisiológicos e podem ser detectadas por medidas fisiológicas relevantes para o acompanhamento da carga cognitiva. Também se observa que arquiteturas multimodais combinando sinais neurais e autonômicos produzem indicadores promissores para classificação de estados mentais e para o ajuste de modelos artificiais orientados por erro. Os achados sugerem que a lógica natural não deve ser compreendida apenas como estrutura abstrata, mas como atividade situada em mecanismos neurocognitivos de previsão, revisão e adaptação ao ambiente. Ao mesmo tempo, a transposição desses sinais para sistemas de inteligência artificial exige cautela metodológica, em razão da heterogeneidade entre protocolos experimentais, da variabilidade biométrica entre indivíduos e do caráter ainda exploratório de parte da literatura recente.

Against Fragmentation: On the Unity of William James's *Principles of Psychology*

Camila von Holdefer Kehl - UFRGS
contact@camilavonholdefer.com

Kathrin Holzermayr Lerrer Rosenfield - UFRGS

This work argues that William James's *The Principles of Psychology* (1890), a landmark in the history of psychology and a major contribution to philosophy of mind, should not be read as a loose sequence of chapters on separate mental faculties, but as a unified account of mental life. In much of the secondary literature, perception, memory, attention, emotion, will, and thought are treated as relatively self-contained topics. Against this tendency, I suggest that James develops a relational view in which these domains are internally connected within the stream of experience. Perception is shaped by selective attention; memory is not an isolated storehouse; thought unfolds through transitions, associations, and practical orientation. My point here is not merely exegetical. A non-mosaic reading of James helps clarify how his psychology anticipates contemporary concerns with integration, temporality, and the organization of cognition beyond such modular frameworks. James's central contribution, on this view, is not a catalogue of mental faculties, but a structured account of mind as an embodied and interconnected process. This proposal responds both to broader warnings against partial readings of James's work, as noted by Campbell (2017), and to the more specific observation, emphasized by Leary (2018), that the internal unity of *The Principles* has often been neglected in the literature.

O esquecimento por distração: falha de uníssono, não falha de armazenamento

Mártin Cerezer Kolberg - UFSM
martin.kolberg@acad.ufsm.br

César Schirmer dos Santos - UFSM

Daniel Schacter (2001; 2022) interpreta o fenômeno do esquecimento por distração como uma ruptura na interface entre memória e atenção, classificando-o como um erro de omissão, no qual a lembrança não ocorre porque a informação não foi devidamente codificada ou porque o processo de recuperação não foi iniciado. Casos cotidianos, como esquecer compromissos, e casos mais graves, como pais que esquecem filhos no carro (WEINGARTEN, 2009), ilustram esse fenômeno. Propõe-se uma visão baseada na noção de "uníssono cognitivo" (MOLE, 2011). O problema não seria o mau funcionamento de um mecanismo atencional, mas a ausência de coordenação entre os recursos cognitivos e a tarefa relevante. Quando os recursos de processamento passam a servir pensamentos distratores, a tarefa principal deixa de ser realizada adequadamente. A proposta distingue diferentes formas de esquecimento (DUDAI, 2002). No caso do esquecimento por distração, o que parece ocorrer quando esquecemos algo por distração, não é que perdemos a informação aprendida, nem mesmo que se tenha a informação na "ponta-da-língua" (SCHWARTZ e METCALFE, 2011), mas sim que, em razão da distração, o processo de lembrança não ocorre pois a instrução para sua recuperação nunca foi dada. Assim, a atenção aparece como condição fundamental para a ocorrência e o sucesso da lembrança.

Inteligência artificial nas eleições brasileiras de 2026: desafios éticos frente as novas regras do TSE

Luiz Gustavo Leme - Unesp
gustavo.leme@unesp.br

Mariana Claudia Broens - Unesp

O avanço das tecnologias de Inteligência Artificial (IA) em campanhas eleitorais consolidou-se como um dos desafios centrais para a integridade democrática contemporânea. O presente trabalho analisa as implicações éticas decorrentes do uso da IA no pleito brasileiro de 2026, com foco na lacuna deixada pelas novas normativas do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Embora o TSE tenha atualizado a Resolução nº 23.610/2019 para impor a rotulagem de conteúdos sintéticos e a proibição de *deepfakes* no período crítico do pleito, argumenta-se que o foco regulatório permanece centrado na simulação audiovisual de candidatos, negligenciando, por exemplo, processamento de dados em massa. A análise evidencia que as discussões legislativas priorizam o controle de conteúdo manipulado ou sintético destinado a favorecer ou prejudicar candidaturas. Contudo, persiste uma lacuna ética sobre a influência de algoritmos enviesados que permitem segmentar eleitores com precisão, comprometendo a igualdade de oportunidades dos candidatos e a autonomia da vontade do eleitor. A credibilidade informacional atingiu um patamar em que a própria distinção entre fato e simulação se torna corriqueira, levando ao questionamento sistemático até de conteúdos verídicos. Conclui-se que a atual normativa do TSE, embora essencial para estabelecer as regras do pleito e a responsabilidade dos candidatos e partidos, se mostram insuficientes para mitigar os riscos éticos inerentes à interferência algorítmica.

O processamento preditivo é compatível com o enativismo? Uma análise a partir da interocepção

Cecília Lemes – Unesp
cecilia.lemes@hotmail.com; cecilia.lemes@unesp.br

Jonas Gonçalves Coelho – Unesp

Esta comunicação investiga se o processamento preditivo pode ser considerado compatível com o enativismo a partir da noção de interocepção. O ponto de partida é o uso do termo "enactivist" por autores como Anil Seth e Karl Friston (2016) para caracterizar a inferência ativa interoceptiva. Segundo essa abordagem, a interocepção é compreendida como um processo inferencial pelo qual o organismo prediz e regula seus estados corporais internos, minimizando erros de previsão por meio de modelos generativos hierarquicamente organizados. Argumenta-se, contudo, que tal caracterização não é compatível com o enativismo. Embora a inferência ativa interoceptiva mobilize elementos próximos à tradição enativista, como ação, corporeidade, autorregulação e acoplamento organismo-ambiente, sua estrutura explicativa permanece comprometida com uma concepção representacional da percepção. Nesse modelo, a experiência corporal é explicada a partir da produção e atualização de modelos internos acerca das causas dos sinais sensoriais, o que contrasta com a perspectiva enativista, para a qual a cognição se constitui como produção de sentido por um organismo vivo autônomo, incorporado e situado, em acoplamento dinâmico com seu ambiente e orientado por normas de viabilidade. A hipótese defendida é que a interocepção evidencia uma incompatibilidade conceitual entre o processamento preditivo e o enativismo, sobretudo quando este é compreendido em sentido forte. Enquanto o enativismo atribui centralidade à normatividade vital, à autonomia organizacional e à constituição ativa de sentido, a inferência ativa interoceptiva preserva uma arquitetura explicativa centrada na modelagem preditiva e na minimização de erro. Trata-se, portanto, de uma aproximação mais terminológica do que propriamente conceitual entre as duas teorias.

Attending to My(Self): subjective experience, active inference, and attention

Maria Luiza Iennaco - USP
marialuiza_ienaco@hotmail.com
Osvaldo Pessoa Jr. – USP
Steven Gouveia - UPORTO

Within the Active Inference framework (AIF), attention reflects the brain's expectation of highly precise error signals, increasing their synaptic gain and biasing perceptual hypothesis revision. While this provides a first-principles formalization, it raises a critical question: how does the same mechanism that sharpens sensory input also support high-level, goal-directed cognition and even our sense of self? This presentation aims to ease this gap between the subpersonal and the personal levels of inference by arguing that precision modulation happens on different timescales and therefore can influence multiple pathways. First, by modulating the gain on epistemic inferences, it dictates the "epistemic trust" in sensory signals, selecting which information is afforded access to conscious report and belief updating, thereby shaping our perception of the world. Second, it modulates instrumental inferences to ensure behaviors maintain homeostatic, physiological, and psychological integrity. This continuous optimization of the organism constitutes the coherent 'point of view' or 'self'. We demonstrate how the AIF, grounding this dual function in biology, could provide a non-reductive account of both levels of selective attention. This argument resonates with some important philosophical theories of attention and is also compatible with some neuroscientific paradigms.

A Epistemologia Social Veritista da Argumentação de Alvin I. Goldman e as Críticas de Richard Feldman

Letícia Christine Menezes Lisboa – UFPA
leticiamenezes34829@gmail.com

Este trabalho analisa a epistemologia social veritista da argumentação proposta por Goldman, destacando sua preocupação central com a promoção da verdade como critério fundamental para a avaliação de práticas epistêmicas coletivas. Parte-se do problema de como a argumentação, enquanto prática social, pode contribuir para a formação de crenças verdadeiras em contextos marcados por divergência e limitação cognitiva dos agentes. A tese defendida é que o modelo veritista oferece um referencial consistente para avaliar a qualidade das interações argumentativas, ao priorizar métodos e instituições que maximizem a obtenção de conhecimento confiável. O estudo examina os principais conceitos do autor, como confiabilidade, evidência e justificação social, além de discutir críticas ao veritismo, especialmente no que se refere à complexidade dos processos comunicativos e à influência de fatores sociais não epistêmicos. Realiza-se uma análise teórico-conceitual da obra de Goldman, articulando-a com debates contemporâneos em epistemologia social. Conclui-se que, apesar de suas limitações, o veritismo constitui uma ferramenta relevante para compreender o papel da argumentação na construção do conhecimento coletivo.

Neurodireitos: desafios à autonomia e privacidade frente às neurotecnologias

Jainá Furtado Lopes – Unesp
jaina.f.lopes@unesp.br

Jonas Gonçalves Coelho - Unesp

Os contínuos avanços das neurotecnologias proporcionaram feitos inimagináveis, tais como a possibilidade de realizar ações apenas com a "força do pensamento". Por meio deles, também é perigosamente possível acessar e interferir no cérebro humano. Nesse sentido, surgiu a necessidade da criação de novos direitos: os neurodireitos. Cuida-se de uma classe de direitos humanos que visa a proteção da liberdade cognitiva, da privacidade mental, da integridade mental e da continuidade psicológica. A liberdade cognitiva objetiva proteger processos mentais e cerebrais que são essenciais para a autonomia do indivíduo. A privacidade mental consiste na proteção da atividade mental, fazendo com que se mantenham privados os dados neurais. Já a integridade mental é a garantia de que o cérebro humano não sofrerá intervenções externas com o intuito de manipulação danosa. Por fim, a continuidade psicológica fornece proteção contra danos cerebrais que comprometeriam a identidade pessoal e personalidade do indivíduo. Acredita-se que com os avanços das neurotecnologias exista a iminente possibilidade de violação desses neurodiretos, os quais precisam ser preservados para que a dignidade da pessoa humana não sofra dano. Diante disso, o objetivo desse trabalho é analisar de que maneira a autonomia e a privacidade de um ser humano seriam afetados por neurotecnologias e a necessidade de garantir a proteção desses neurodireitos por meio da criação de uma lei.

Entre dados e sentimentos: os limites das IAs em processos decisórios humanos

Caroline da Silva Lourenzone - Unesp
c.lourenzone@unesp.br

Renan Molini da Costa - Unesp
renan.molini@unesp.br

A presente comunicação tem como objetivo discutir a influência das Inteligências Artificiais [IAs] na conduta humana, considerando principalmente o estatuto das emoções, dos sentimentos e das crenças no processo decisório. De acordo com Narayanan e Kapoor, em *AI Snake Oil: what artificial intelligence can do, what it can't and how to tell the difference, diante das mudanças no cenário tecnológico, far-se-á importante entender como tais mecanismos e programas são capazes de prever e simular comportamentos humanos. Com isso, pontuaremos o uso de IAs preditivas e suas possíveis consequências negativas e/ou positivas no processo decisório. V*emo-nos, em grande medida, manipulados por dados e suas aplicações, questionando-nos se podemos confiar em uma IA para tomar decisões capazes de mudar o rumo de nossas vidas. A expansão de mecanismos automatizados de previsão, empregados em áreas como educação, saúde, sistema de justiça penal e mercado de trabalho, evidenciam que decisões orientadas exclusivamente por padrões estatísticos tendem a reduzir a complexidade da experiência humana a dados quantificáveis, desconsiderando aspectos éticos, históricos e subjetivos da conduta. Defendemos, junta a obra, que o fascínio contemporâneo pelas IAs decorre menos de sua performance e competência e mais de sua antropomorfização orientada pela premissa de controle e falsa eficácia com previsões estruturalmente incapazes de compreender a imprevisibilidade constitutiva da ação humana. Pontuamos que, em concordância com António Damásio, sentimentos e emoções são fundamentais e indissociáveis no processo decisório, culminando em um obstáculo expressivo para os modelos computacionais de IA e um norte para cercear suas possibilidades e limitações.

Pain and Thermoregulation: A Problematic Parallel

Daniel De Luca-Noronha – FAJE
deluca.11@gmail.com
Laurival Antônio De Luca Junior – UNESP

An alternative to the difficulties faced by representationalism in the philosophy of pain emphasizes the protective and, in some cases, prospective character of painful experience. Along these lines, Colin Klein argues that pain states serve an imperative function directed toward the preservation of the organism, thereby bringing them closer to regulatory mechanisms that contribute to the maintenance of bodily equilibrium. This interpretation finds support in the work of A. D. Craig, who highlights correspondences between pain and other interoceptive sensations involved in bodily regulation, such as thermoregulation. However, the conception of pain as a homeostatic sensation faces both theoretical and empirical challenges. In particular, it appears to presuppose a close association between pain and homeostatic mechanisms that does not adequately accommodate evidence of pain in species whose regulatory processes differ significantly from those observed in homeothermic vertebrates. Moreover, the question remains open as to whether the regulatory function of pain is sufficient to characterize its nature. Against this background, the aim of this presentation is to critically examine the homeostatic conception of pain and to argue that pain states should be understood in terms of a more fundamental and comprehensive notion, according to which pain constitutes a primitive form of negatively valenced affective experience, regardless of its possible contribution to homeostatic processes.

Entre o Sentir e o Saber: Senciência e a Abordagem Enativa

Jonathan Farias Machado - UFRGS
jonathanfmachado2@gmail.com
Eros Moreira de Carvalho - UFRGS

A quem devemos atribuir senciência? Em seu artigo "Could all life be sentient?" Evan Thompson questiona se toda a vida poderia ser senciente. Senciência, para o autor, significa ter a capacidade de sentir, ou consciência fenomênica. Para Thompson, conseguir ter uma valoração hedônica, ou seja, a capacidade de sentir prazer e desprazer, constitui o núcleo da senciência. Partindo das teses enativistas sobre a vida, Thompson advoga pelo biopsiquismo, ou seja, compreende que toda a vida tem algum aspecto mental; uma tese de continuidade entre vida e mente. Essa tese propõe também que a vida e a cognição são inter-relacionadas: a cognição é algo que emerge da relação entre o organismo e o seu ambiente. Ela é produção de sentido, ou seja, das relações internas de um sistema vivo emerge um mundo de significados para o organismo interagir e manter seu metabolismo funcionando. O que Thompson pretende questionar é se a cognição implica a senciência nos seres vivos. Sua proposta é estreitar a relação entre sentir e saber. Ele lista, além de sua posição biopsiquista, outras duas no debate: o zoopsiquismo, que atribui mente somente aos animais, contendo em seu ápice o humano, e o pampsiquismo, que atrela aspectos mentais à aspectos físicos. Com isso, Thompson quer tentar evidenciar duas coisas: o debate ainda está em aberto, e a posição zoopsiquista, que é a posição predominante, está pouco a pouco perdendo seu espaço hegemônico no debate.

Realismo Ingênuo: considerações da abordagem ecológica acerca de tipos naturais

Gabriel Fefin Machado - Unesp
gabriel.fefin@unesp.br

Maria Eunice Quilici Gonzalez - Unesp

O objetivo deste trabalho é apresentar o problema da *inespecificidade intratável* do empirismo clássico e da i*ncomensurabilidade de tipos naturais*, segundo a abordagem da filosofia ecológica a partir do realismo ingênuo (Gibson, 1967, 1986; Shaw, Turvey, Mace e Reed, 1981, 1982). Ambos problemas estão emaranhados na constituição de um realismo, mediado por representações mentais (ou não), que abarca questões fundamentais do empirismo e racionalismo. O primeiro problema diz respeito aos dados sensoriais como insuficientes, ambíguos e pobres, mostrando uma necessidade interna de recursos cognitivos de memória e representação. O observador teria que adivinhar o que está no ambiente externo, tendo a possibilidade de recair em um solipsismo; não havendo também correspondência entre mundo físico e psicológico, o que gera o problema da referencialidade. O segundo problema diz respeito à lacuna qualitativa, que separa entidades incomensuráveis. Em teorias representacionistas, a incomensurabilidade dos tipos naturais pode ser atenuada pela mediação epistêmica que denomina *funções e estruturas* para ocorrer um interacionismo causal entre mente e corpo. Contudo, as sensações, nessa perspectiva, continuam sendo a base pobre e ambígua, sendo o papel das representações mentais organizar a "desordem" iminente dos receptores sensoriais. Pretendemos analisar argumentos que levam à construção do realismo ingênuo, na abordagem ecológica, em contraste com as hipóteses representacionistas da mente.

Attentive Self-Monitoring and Prediction Error: A Predictive Processing Model of Collective Ritual Performance

Thales Maia - USP
thalesmms@usp.br

Wellington Zangari - USP

A dominant cognitive account suggests collective rituals emerged as extensions of individual habits to function as anxiolytic mechanisms. By providing predictable, redundant action patterns, rituals theoretically allow practitioners to match internal priors with sensory input, minimizing prediction error and psychological entropy. However, while lab studies on individuals support this model, ecologically valid research on collective rituals has failed to consistently replicate these effects. Drawing on experimental findings from motor cognition, working memory, and cognitive load research, as well as a cross-cultural review of ethnographic evidence, I examine whether the literature on self-monitoring and attentive self-regulation offers a principled explanation for this persistent empirical gap. The analysis conducted reveals that collective rituals, unlike individual habits, are defined by socially enforced demands for precise performance. These demands trigger high-level attentive self-monitoring and regulation. This shift toward conscious maintenance of bodily actions imposes significant demands on working memory, leading to cognitive overload. Instead of facilitating automation, collective orthopraxy maintains high-effort monitoring that prevents the attenuation of prediction error and the subsequent reduction of uncertainty-related anxiety. These data suggest collective ritual is not a simple scalar extension of individual habit. By highlighting how social normativity modulates the predictive brain, this study clarifies how the cognitive architecture of self-awareness can paradoxically hinder the very affective regulation rituals are theorized to provide.

Know-how, abilities and Entailment

Matheos Maia – UFF
matheosmaia@id.uff.br

Julia Telles de Menezes – UFF

This work investigates the relationship between knowledge-how and practical abilities within the debate between intellectualism and anti-intellectualism. While the traditional Rylean view holds that knowing how to perform an action is essentially tied to possessing the relevant ability – the *Entailment Thesis* – intellectualists argue that knowledge-how is a form of propositional knowledge that does not necessarily entail ability. Against the widespread assumption that accepting intellectualism requires rejecting Entailment Thesis, I argue that this conclusion is mistaken. Drawing on recent work by Beth Barker, I defend the claim that once the relevant sense of knowledge-how is properly fixed – namely, the agent-relative *de se* reading – knowing how to ϕ entails possessing the corresponding practical ability to ϕ. I show that standard counterexamples to Entailment fail to engage this relevant sense. In particular, verbal instruction cases rely on a generic (non-agent-relative) reading, while cases of temporary impairment can be reconciled with Entailment through a distinction between general and specific abilities, together with a counterfactual account of success under normal conditions. The result is a reconciliation of intellectualism with a refined version of the Entailment Thesis, preserving the intuitive connection between knowing how and being able to act.

Parosmia e Espectro Invertido: Limites e Possibilidades Empíricas na Filosofia da Mente

Galileu Freitas Maioli - UNISINOS
galileumaioli@gmail.com

O presente trabalho propõe uma análise da parosmia como possível instrumento empírico complementar aos experimentos mentais clássicos da Filosofia da Mente. Os cenários teóricos de espectro invertido de cores foram muitas vezes utilizados tanto por defensores quanto por críticos dos *qualia* em debates sobre a relação entre organização funcional e experiência fenomênica. Autores como David Chalmers e Daniel Dennett, embora com diferentes interpretações, mobilizam esse tipo de experimento para discutir os limites da introspecção e das explicações funcionais da consciência. A partir disso, o trabalho investiga em que medida a parosmia, condição clínica caracterizada por distorções qualitativas na percepção olfativa frequentemente associadas a sequelas pós-COVID-19, pode fornecer um exemplo empírico correlato dessas inversões. Nesses casos, estão preservadas as capacidades de reconhecimento funcional dos odores (a reatividade ao estímulo olfativo permanece), enquanto são relatadas alterações significativas em sua dimensão qualitativa e afetiva. Diferentes mecanismos biológicos já foram cogitados como origem da condição, e alterações no processamento cerebral dos odores foram identificadas através de exames de neuroimagem. O objetivo não é afirmar uma equivalência estrita entre a parosmia e os cenários tradicionais de espectro invertido, mas sugerir que casos clínicos reais podem ampliar os recursos metodológicos utilizados na investigação filosófica da consciência fenomênica.

Conatus e semiose: Spinoza e Peirce no debate sobre mentalidades naturais e artificiais

Cristhiane Rejane Malaquias - UFVJM
crismalaquias8@gmail.com

Sistemas de IA capazes de gerar conteúdos e processar linguagem recolocam, no debate sobre mentalidades naturais e artificiais, uma questão clássica da filosofia da mente: sob que condições se pode atribuir mentalidade a um sistema? Este trabalho reconfigura esse problema a partir da filosofia da mente de Spinoza, em diálogo com a semiótica de Peirce. Na ontologia spinozana, toda coisa singular é um modo finito da Natureza infinita. Logo, a inteligência artificial integra o debate não por analogia com o humano, mas porque existe sob os atributos extensão e pensamento. Ao definir corpo e mente pelo *conatus*, compreendido como potência interna de autoperseveração, o foco desloca-se da posse de uma mente para a potência do modo: o que pode essa forma de existência nos gêneros de conhecimento, da imaginação ao entendimento? Essa potência encontra expressão na semiose infinita de Peirce: o signo não representa um real exterior, mas age, produz efeitos, forma hábitos e gera interpretantes que desdobram novas formas de ação. Assim, *conatus* e semiose permitem pensar sistemas naturais e artificiais em uma ordem comum: a potência não é muda; exprime-se, comunica-se e toma parte na produção do real pela continuidade da semiose.

A Hipótese Comunicação-Linguagem para a Evolução da Consciência

Diogo Fernando Massmann - USP
dfmassmann@usp.br

O problema da função da consciência é retratado, primeiro, na indagação pela razão da consciência ter emergido evolutivamente em animais não-humanos e animais humanos e, depois, se ela foi relevante para os organismos que a possuíam. A hipótese de trabalho se baseia no conceito de Consciência Noética (NC) que refere à percepção cognitiva consciente de fatos e/ou ideias sobre o mundo, sendo distinta das formas Autonoética Fenomenal. Na literatura, NC é uma consciência de acesso e representação de alta-ordem. Ademais, a NC se subdivide em dois tipos: a versão perceptual, que codifica as informações originadas da percepção interna e externa com o conhecimento semântico, a representando na Memória de Trabalho (WM) como Representação de alta-ordem consciente; e a versão verbal, que tem relação com a linguagem. A nossa proposta é que a NC-Verbal coordena a atividade da WM e do Mecanismo da Sintaxe para a codificação da informação interna em informação simbolicamente constituída, que pode ser decodificada pelos organismos que possuem os mesmos sistemas. As metas consistem em: (1) apresentar o problema funcional da consciência; (2) mostrar como a NC realiza o processo de tradução de estados internos em informações simbólicas; (3) e demonstrar que a linguagem conferiu um novo grau de complexidade evolutiva para a consciência. Os resultados indicam um argumento quanto ao vínculo entre NC-Verbal, Cognição e Linguagem e a delimitação da fronteira entre os sistemas de comunicação e as consciências noéticas em animais não-humanos e humanos. Assim, a hipótese procura oferecer uma solução ao problema funcional ao sugerir a função comunicativa e apontar a origem filogenética da consciência.

O protagonismo na BNCC e a formação (ou negação) da consciência de classe

Angelo Antônio Puzipe Papim – Unesp
angelo.papim@unesp.br

Ana Laura Missi Meglio – Unesp
ana.missi@unesp.br

Este trabalho tem como tema o currículo escolar, o protagonismo juvenil e a formação da consciência de classe, delimitando-se a partir da análise do conceito de protagonismo na BNCC e no Currículo Paulista do Ensino Médio. Problematiza-se em que medida o protagonismo juvenil, como formulado nesses documentos, contribui para a formação crítica e política dos estudantes ou se alinha à individualização escolar e à negação da consciência de classe. Hipotetiza-se que a articulação dos princípios do projeto de vida, do empreendedorismo e da pedagogia das competências tende a responsabilizar o estudante por sua inserção social e profissional, subjetivando uma individualidade que despolitiza o processo educativo. O objetivo é analisar o conceito de protagonismo juvenil nesses documentos, investigando suas relações com a formação da consciência de classe e com a reprodução de valores alinhados à sociabilidade capitalista. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, fundamentada na análise da BNCC, do Currículo Paulista e de produções críticas vinculadas à teoria marxista e ao campo do currículo. Como encaminhamento analítico, busca-se evidenciar a contradição interna do discurso curricular que, ao mesmo tempo em que enuncia autonomia, participação e formação integral, também pode operar na produção de subjetividades marcadas pela responsabilização individual frente a condições historicamente produzidas e politicamente determinadas.

Enquadramento por persona em LLMs: mentalidade artificial, mente estendida e autopercepção mediada

Edervaldo José de Souza Melo - FMU
edersouzamelo@gmail.com

Este trabalho investiga o enquadramento por persona (persona framing) em modelos de linguagem de grande escala como forma emergente de mediação cognitiva entre usuários humanos e sistemas artificiais. A hipótese central é que personas persistentes em interações prolongadas com LLMs não funcionam apenas como estilos conversacionais ou comandos de prompt, mas podem operar como papéis relacionais externos que modulam atenção, deliberação, autorregulação e autopercepção narrativa. A análise articula esse fenômeno a três problemas da filosofia da mente contemporânea: o estatuto das mentalidades artificiais, a tese da mente estendida e a constituição relacional do self em ambientes tecnologicamente mediados. Argumenta-se que, quando um usuário atribui a uma IA um papel interacional relativamente estável, como mentor, crítico, revisor ou simulador de perspectivas, a interação deixa de ser meramente instrumental e passa a estruturar um espaço híbrido de reflexão assistida. Esse espaço não implica consciência artificial nem agência própria, mas revela uma zona intermediária entre ferramenta, interlocutor funcional e andaime cognitivo. Como estudo de caso conceitual, o trabalho examina arquiteturas experimentais de organização por personas persistentes em LLMs, considerando seus limites, riscos e potencial filosófico. Conclui-se que o enquadramento por persona permite investigar como sistemas artificiais participam da organização prática da mente humana sem serem confundidos com sujeitos mentais autônomos.

Memória Ecológica

Laura Soares Mirandola – Unesp
soares.mirandola@unesp.br

Mariana Claudia Broens - Unesp

Tradicionalmente, assume-se que a memória se refere à capacidade de um indivíduo de recordar eventos de seu passado pessoal (memória episódica) ou eventos do mundo em geral (memória semântica) e é frequentemente categorizada como memória declarativa e não declarativa. A memória declarativa refere-se à forma de memória que envolve o armazenamento, codificação e recuperação de informações por parte do indivíduo de modo consciente, enquanto a memória não declarativa estaria ligada à capacidade de se lembrar de como desempenhar ações habilidosas, sem considerar tal conteúdo. Em geral, assume-se que a memória declarativa necessita da representação de eventos passados e que lembrar, em última análise, seria evocar adequadamente uma representação interna de um evento passado. Nesse sentido, recursos externos seriam apenas gatilhos para a lembrança genuína que dependeria das regiões do lobo temporal, hipocampo e partes do giro para-hipocampal (Squide, 2009). Entretanto, segundo as abordagens incorporadas da cognição, os processos relacionados à memória envolveriam não apenas sistemas neurais, mas recursos externos (sociais, ecológicos, tecnológicos) e realizações corporais. Mesmo quando a experiência fenomenológica de se lembrar de algo parece se referir ao passado, os processos envolvidos estariam distribuídos por ou engajados em recursos atuais. Para os propósitos do presente trabalho, buscamos uma aproximação entre a abordagem ecológica da percepção-ação e a memória não declarativa. Seguindo os artigos de Neisser (1997) e Thomas; Riley (2014), compreendemos a memória enquanto uma ação que tem um propósito e depende de uma razão, tempo e contexto. As memórias não seriam informações recuperadas, mas (re)construídas a partir de um contexto ecológico específico. Os agentes seriam capazes de relembrar e relatar suas experiências passadas graças à percepção direta e contínua de *affordances* em seus nichos (Gibson, 2015), ressaltando que *relatar* é uma forma de *agir*. No caso, os agentes podem perceber propriedades duradouras que refletem a relação entre organismo e ambiente, mesmo com a mudança das condições ambientais e mesmo quando determinados objetos (antes utilizados na ação) não são mais perceptíveis.

O “direito à realidade” à luz da Ética Informacional: primeiros passos

João Antonio de Moraes - UFU
moraesunesp@yahoo.com.br

Neste trabalho investigamos filosoficamente um problema emergente na agenda contemporânea dos direitos humanos: o “direito à realidade”. A expansão da inteligência artificial, especialmente em sua modalidade generativa, tem ampliado a circulação de conteúdos capazes de influenciar percepções e interpretações da realidade social, recolocando o clássico problema filosófico da distinção entre aparência e realidade na era da informação. Embora a noção de “direito à realidade” ainda esteja em processo de delimitação teórica no campo dos direitos humanos, o tema ganha relevância diante da intensificação de fenômenos como desinformação, *deepfakes* e manipulação algorítmica. Nossa proposta é contribuir para a caracterização desse problema a partir da Ética Informacional, área que possui discussões consolidadas sobre os impactos éticos, sociais e epistemológicos das tecnologias digitais. Examinamos como problemas da privacidade informacional, arrogância epistêmica e divisão digital afetam as condições de autonomia epistêmica dos indivíduos em ambientes mediados por plataformas digitais e sistemas algorítmicos. Argumentamos que essas discussões oferecem instrumentos conceituais relevantes para a delimitação filosófica do “direito à realidade”. Por se tratar de uma pesquisa em estágio inicial, nosso objetivo nesta comunicação é apresentar o problema filosófico que orienta a investigação e expor suas hipóteses centrais. Defendemos que a articulação entre sociedade da informação e problemas investigados pela Ética Informacional fornece bases conceituais para a delimitação de um novo eixo de reflexão no campo dos direitos humanos.

Sobre a possibilidade de uma Neurofilosofia Dualista para Patricia e Paul Churchland

Alisson Brandemarte Moreira - UFFS
alisson.b.moreira.nacional@gmail.com

Ediovani Antônio Gaboardi – UFFS
ediovani.gaboardi@uffs.edu.br

Osvaldo Frota Pessoa Júnior – USP
opessoa@usp.br

Patricia Churchland e Paul Churchland são os fundadores da Neurofilosofia, área que busca estudar a convergência ou coevolução entre Neurociências, Filosofias da mente e da ciência e outras áreas afins. Desde o surgimento em 1986 da Neurofilosofia, o problema da possibilidade (ou não) da redução absoluta dos fenômenos mentais a mecanismos neuronais tem sido levantada. Nesse sentido, a crença comum a respeito dos Churchlands, resultante de más interpretações e um boicote político da Neurofilosofia dentro dos círculos de filosofia internacionais, é a de que eles defendem um *fisicalismo absoluto*, isto é, além de não existir outra substância além do corpo, a própria Filosofia, assim como a Psicologia, estariam sob forte ameaça de deixar de existir, já que teriam sido eliminadas por explicações neurocientíficas. No entanto, a partir de uma análise mais profunda das obras e dos artigos publicados por eles em 1986-1992, pode-se concluir que os Churchlands defendem que um Dualismo científico talvez seja possível, a depender da capacidade dos/as dualistas de construir uma teoria organizada para que possam testar, empiricamente, as suas teses de modo positivo. Desse modo, o objetivo de minha comunicação é evidenciar, através das fontes originais dos Churchlands, essa argumentação a favor da possibilidade, ainda que implausível e bem restrita, de uma *Neurofilosofia Dualista*, com os intuitos de (1) reduzir os preconceitos contra a Neurofilosofia dos Churchlands e (2) melhorar a precisão das tentativas de crítica por parte das Neurofilosofias não-reducionistas.

Casos de contraste fenomenal e experiência de propriedades estéticas

Rosi Leny Morokawa - UNESPAR
rosimorokawa@gmail.com

Alguns filósofos defendem que podemos perceber ou experienciar as chamadas "propriedades de alto nível", como as propriedades de tipos naturais, de tipos artefatuais, semânticas, disposicionais, entre outras, que são distintas das chamadas "propriedades de baixo nível", como cores, formas e propriedades espaciais e de localização. Susanna Siegel defende que podemos representar em nossas experiências visuais, para além de cores e formas, propriedades como, por exemplo, *ser um pinheiro* ou *ser uma casa*, o que ela chama de Visão do Conteúdo Rico. Para tal defesa, ela usa o método de contraste fenomenal, que consiste em uma análise de casos pares em que há contraste fenomenal entre especialistas e novatos. Uma análise da Visão do Conteúdo Rico aplicada a casos de estética é feita por Heather Logue, que apresenta duas possíveis objeções à experiência de propriedades estéticas: a da atenção e a da emoção. Neste artigo, ofereço respostas às duas objeções, defendendo centralmente que: somente a experiência de propriedades de baixo nível não explica a diferença do caráter fenomenal em casos de estética; e mesmo que a experiência de uma propriedade estética, como a *graciosidade*, venha acompanhada de uma reação emocional, ainda nos falta uma explicação para se experienciamos ou não propriedades estéticas.

Intencionalidade e conteúdo informacional em Dretske

Sofia Fagundes Muniz - Unesp
Sofia.muniz@unesp.br

Marcos Antonio Alves - Unesp
marcos.a.alves@unesp.br

A teoria informacional desenvolvida por Fred Dretske insere-se no projeto naturalista de explicação da intencionalidade, propondo que conteúdos mentais, internos e subjetivos, podem ser explicados por meio de relações informacionais, externas e objetivas. Nesse contexto, representações mentais são compreendidas como estruturas internas a um sistema cognitivo capazes de carregar informação sobre aspectos do mundo, explicadas a partir de uma abordagem naturalista da mente e, assim, da cognição. O presente trabalho investiga a relação entre intencionalidade e conteúdo informacional na filosofia de Dretske, examinando de que modo sua abordagem procura fundamentar semanticamente os estados mentais a partir de condições informacionais. Para isso, serão analisadas as noções de representação, conteúdo e aprendizagem propostas por ele. O objetivo central consiste em discutir os limites e alcances da proposta dretskiana no interior das teorias naturalistas da mente, sobretudo diante de problemas relacionados à determinação do conteúdo representacional e à possibilidade de representação equivocada (*misrepresentation*). A hipótese defendida é que, embora a teoria informacional apresente contribuições decisivas para a compreensão naturalizada da intencionalidade, ela enfrenta dificuldades ao tentar explicar integralmente a dimensão semântica dos estados mentais apenas em termos informacionais. Sendo assim, o trabalho tem como pretensão favorecer o debate dentro da filosofia da mente referente às relações entre informação, representação e conteúdo mental.

A alternativa naturalista de duplo aspecto ao estudo das emoções - um estudo de caso da neurociência afetiva de Panksepp

Antônio Marcos de Oliveira - Unesp
am.oliveira@unesp.br

Marcos Antonio Alves - Unesp
marcos.a.alves@unesp.br

Jaak Panksepp, o fundador da neurociência afetiva, fundamenta-a sob a perspectiva de um monismo de duplo aspecto. Para ele, sempre se deve considerar a existência concomitante dos aspectos mental e físico das emoções. Tal opção segue contrária à perspectiva convencional de reducionismo fisicalista das neurociências, na qual se toma por princípio que é suficiente, à investigação e explicação dos fenômenos, a redução ao aspecto físico de comportamento ou relações neurais funcionais. Na virada proposta por Panksepp, por princípio, deve-se considerar que outras espécies também possuem *qualia* de emoções comensuráveis aos nossos. Ele aponta como essa consideração foi mais eficiente e apresenta argumentos evolucionistas contra os reducionistas que ignoravam assumir tal existência de *qualia*. Outros autores contra-argumentam que a introspecção humana não possui tanta validade, o que faria tal dualismo de propriedades cair por terra. É possível superá-los e mostrar que há validade e utilidade, nos estudos das ciências afetivas, em se adotar uma perspectiva não reducionista que enfatize e instrumentalize as propriedades mentais do sentimento emocional? Assumimos a hipótese afirmativa. No balanço deste estudo de caso, mesmo com seus problemas, podemos dizer que a proposta de Panksepp é uma alternativa heuristicamente frutífera, coerente com atuais perspectivas filosófico-científicas que não excluem a subjetividade nas neurociências, como aquelas de Velmans, Petitmengin e Northoff.

O problema da demarcação e o estatuto de cientificidade da Psicologia: uma tipificação epistemológica das abordagens psicoterapêuticas

Marcos Vinícius Woelke de Oliveira - Unesp
marcos.woelke@unesp.br

Kleber Cecon - Unesp

Não há na Psicologia um modelo fundamental análogo a um *paradigma* das ciências naturais, mas, sim, de modo bastante geral, bases e princípios filosóficos radicais a partir dos quais cada abordagem salta diretamente para os estudos experimentais e para a verificação e testagem de intervenções técnicas ou psicoterapêuticas. Portanto, a Psicologia se encarrega, dentro do seu domínio de ação científica, menos da produção teórica do que da técnica, se apresentando mais como uma *ciência da técnica* psicoterapêutica. Ademais, tem-se um problema quanto ao objeto da Psicologia, o qual, a depender do vértice de análise, é ora mais objetivo, ora mais subjetivo, refletindo-se na dificuldade em delimitá-lo. Assim, resta-nos a interrogação: a Psicologia é um *sistema conceitual* ou uma *rede de noções* (técnicas)? Nosso trabalho tem como objetivo, portanto, responder a tal indagação a partir de dois tipos de pesquisa: investigação conceptual e análise comparativa. O primeiro visa responder: existiriam ou não possíveis critérios mínimos adequados e razoáveis de demarcação no amplo domínio da Psicologia? Seguidamente, produzimos uma análise comparativa entre as duas principais modalidades de abordagem psicoterapêutica praticadas no Brasil: a Psicanálise e a Terapia Cognitivo-Comportamental. Logo, o nosso principal objeto de estudo são *os raciocínios clínicos* subsistentes às intervenções e práticas clínicas em âmbito psicoterapêutico. Acidentalmente, cogitamos e refletimos qual é, afinal, o objeto de estudo típico da Psicologia enquanto ciência para qualquer abordagem (psicoterapêutica) aí delimitada.

Conscious pattern universe

Gilberto de Paiva - Fatec/Osasco
gilbertodpaiva@gmail.com

Pattern recognition is an important technological concept related to many scientific areas and on the foundations of cognitive science. Meanwhile, in philosophy of mind discussions it appears not to have been taken as a core concept on any important branch. This work proposes to discuss how pattern recognition can be viewed as a philosophical basis to discuss the consciousness concept and philosophy of science. The argumentation is based on the fact that pattern recognition is established in math, computing, biology and neuroscience and is proposed here to also be viewed as important in the foundations of physical interactions, what we can call physical pattern recognition. This helps to clarify the link between cognitive and mind concepts to physical and mechanistical concepts in a fundamental, simple, and objective way. First, providing a strong argument for the idea of what if the universe can be viewed as composed of patterns, we can discuss some implications of this proposal in philosophy of mind and other philosophical fields. This work uses pattern recognition to propose a two-level consciousness model with the notions of modularity and integration and discuss how panpsychism can be interpreted in the model. The conclusion is that it's possible to reinterpret and propose solutions to many topics in philosophy of mind with the pattern recognition concept with a bonus of appearing a very scientific and technological description.

Currículo escolar, desigualdade educacional e desenvolvimento do pensamento crítico: o conhecimento das Ciências Humanas entre o Ensino Médio público e o ENEM

Angelo Antônio Puzipe Papim – Unesp
angelo.papim@unesp.br

Ana Laura Missi Meglio – Unesp
ana.missi@unesp.br

A pesquisa problematiza a desigualdade educacional para além dos indicadores de acesso, permanência e conclusão escolar, compreendendo-a como expressão da distribuição desigual do conhecimento escolar sistematizado. Parte-se do pressuposto de que as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, especialmente História, Geografia, Sociologia e Filosofia, constituem mediações fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico, pois oferecem instrumentos conceituais para compreender a vida social, a política, a cultura e as desigualdades. O problema consiste em investigar em que medida há correspondência ou descompasso entre os conhecimentos de Ciências Humanas oferecidos no currículo do Ensino Médio público e aqueles exigidos pelo ENEM para ingresso no ensino superior. A hipótese é que a redução, fragmentação ou secundarização desses conhecimentos pode limitar as condições escolares de desenvolvimento das capacidades de análise, interpretação e compreensão crítica da realidade. O objetivo consiste em analisar a relação entre organização curricular, formação em Ciências Humanas e exigências cognitivas e conceituais do ENEM. Metodologicamente, propõe-se uma pesquisa qualitativa, documental e comparativa, baseada na análise da BNCC, de currículo estadual do Ensino Médio, da matriz de referência e de questões de Ciências Humanas do ENEM. Espera-se evidenciar que a desigualdade educacional também se produz no plano curricular e cognitivo-formativo.

Nudge, Inteligência Artificial e a Reconfiguração da Autonomia Humana: Uma análise a partir de *Mark Coeckelbergh*

Ana Paula Quevedo Peil – UFPel
anapaulapeil@gmail.com

Tradicionalmente debruçada sobre a natureza da consciência, da intencionalidade e da cognição humana, a filosofia da mente se depara hoje com uma nova fronteira sobre análise. Com o advento de sistemas de Inteligência Artificial (IA) cada vez mais sofisticados, que não apenas processam informações, mas também influenciam comportamentos, torna-se pertinente expandir essa reflexão para a esfera da interação humano-máquina, mais notadamente, a relação entre mentes natural e artificial. Neste contexto, o presente trabalho explora a intersecção entre o nudge, a IA e a filosofia da mente, com foco nas contribuições do filósofo *Mark Coeckelbergh*. A tese é que o nudge - a arquitetura de escolhas que sutilmente influencia decisões - é capaz de moldá-las, levantando questões cruciais sobre autonomia e cognição, bem como da agência humana, influenciando comportamentos sem coerção explícita ao explorar vieses cognitivos, especialmente quando potencializado pela IA. *Coeckelbergh* argumenta que, ao ignorar a capacidade de julgamento autônomo e racional, o nudge subverte a agência humana, mesmo preservando a liberdade de escolha aparente. Assim, defende a priorização do debate racional e da deliberação democrática como alternativas éticas, visando preservar a autonomia humana em um mundo tecnologicamente mediado ao concluir que uma ética relacional é crucial para analisar como a tecnologia redefine a cognição e a liberdade.

Treinamento de força como modulação do conatus: uma análise spinozista da experiência vivida

Luigi Moreira Pradela - UFSCar
pradela.lu9@gmail.com

Este trabalho propõe, a partir da filosofia de Baruch Spinoza, que o treinamento de força pode ser compreendido não apenas como uma intervenção fisiológica, mas como uma prática capaz de modificar a estrutura da experiência vivida. Em contraste com abordagens que reduzem os estados mentais a correlatos neuroquímicos, parte-se do paralelismo spinozista, segundo o qual mente e corpo são expressões simultâneas de uma mesma realidade. Assim, toda variação na potência de agir implica também uma variação na potência de pensar e na forma como o mundo é experimentado. A análise é orientada pelo conceito de conatus, entendido como o esforço pelo qual cada indivíduo persevera e expande sua potência de existir. Se sustenta que o treinamento de força, ao produzir reorganizações corporais por meio de esforços intensivos e reiterados, não apenas altera parâmetros fisiológicos, mas modifica qualitativamente a relação do indivíduo consigo, com o corpo e com o ambiente. A experiência do enfrentamento da carga e da produção ativa do movimento sob alta intensidade corresponde a uma ampliação da capacidade de afetar e ser afetado, acompanhada de uma reconfiguração da experiência. A partir dessa hipótese, abre-se um problema para a filosofia da mente: em que medida diferentes práticas corporais correspondem a diferentes estruturas de experiência? A investigação dessas variações pode contribuir para uma compreensão não reducionista das relações entre corpo, mente e experiência vivida.

A preservação da biodiversidade frente ao desenvolvimento tecnológico: uma análise filosófico-interdisciplinar

Ana Luísa Kusai Raposo - Unesp
ana.kusai@unesp.br

Maria Eunice Quilici Gonzalez - Unesp
eunice.gonzalez@unesp.br

O objetivo geral deste trabalho é apresentar uma discussão filosófica-interdisciplinar sobre a compatibilização do desenvolvimento tecnológico e a preservação da biodiversidade. A seguinte questão guia nossa investigação: o desenvolvimento tecnológico contemporâneo pode ser compatível com a preservação da biodiversidade? Argumentamos, a partir da Teoria dos Sistemas Complexos (Mitchell, 2009; Holland, 2020; Morin, 1995) e do conceito de cosmotécnica de Yuk Hui (2020), que o desenvolvimento tecnológico contemporâneo pode ser benéfico para a preservação da biodiversidade. A Teoria dos Sistemas Complexos possibilita um estudo do desenvolvimento tecnológico que enfatiza interações auto-organizadas e emergência de padrões técnicos. O conceito de cosmotécnica, em que a técnica está indissociavelmente relacionada à cosmologia e moral, converge com estudos da Teoria dos Sistemas Complexos, ao focalizar o caráter relacional da natureza e da técnica na contemporaneidade. Padrões técnicos emergentes de interações auto-organizadas locais podem viabilizar a preservação da biodiversidade sem homogeneizar relações ecológicas e epistemológicas entre agente e ambiente. Em síntese, defendemos que a Teoria dos Sistemas Complexos e o conceito de cosmotécnica podem indicar estudos consistentes a um desenvolvimento tecnológico pluralmente técnico compatível com a preservação da biodiversidade.

Críticas ao fisicalismo tradicional

João Felipe Santana Rasi - USP
jfsr31@usp.br
Osvaldo Frota Pessoa Junior - USP

Geralmente os *desiderata* de uma teoria metafísica contemporânea consistem em uma visão sobre a realidade uniforme, simples e simpática à prática científica. Sob essa ótica, a teoria fisicalista sobre a consciência fenomênica atrai inúmeros adeptos. Ela propõe uma ontologia monista, simples, uniforme e simpática à neurociência, onde a única coisa que há são *entes* físicos. O fisicalismo tradicional, portanto, defende que a sentença "a consciência fenomênica é física" é uma proposição necessária *a priori* ou *a posteriori*, onde os fatos físicos são oferecidos pela melhor teoria física e neurocientífica vigente. Mesmo sendo uma tese popular e virtuosa, ela é alvo de duras críticas, conhecidas como hiato epistêmico e metafísico. Essas objeções reúnem uma gama de diferentes argumentos e autores; no entanto, todas apontam para uma dificuldade comum do fisicalismo: como acomodar um fenômeno tão heterogêneo e diverso, como a consciência fenomênica, em uma realidade unicamente física tão homogênea e simples. Ao sentirmos *dor*, não sentimos uma *população de neurônios sendo ativados*, nós sentimos *a própria dor*. O desafio do fisicalismo, portanto, é explicar por que a consciência fenomênica não existe ou não é o que parece ser. Sob essa perspectiva o objetivo da apresentação é discutir as dificuldades do fisicalismo tradicional, sejam suas versões *a priori* e *a posteriori*. Além disso, analisarei algumas réplicas dessa corrente teórica aos hiatos epistémicos e metafísicos.

O Dualismo na Filosofia da Mente Contemporânea

Yuri Fontoura de Araújo Pompilius Guedes – Unesp
yuri.fontoura@unesp.br

Jonas Gonçalves Coelho - Unesp

Em Filosofia da Mente, o dualismo é, de modo geral, a tese de que o mental e o físico são ambos fundamentais, isto é, nenhum é constituído pelo outro ou por qualquer outra coisa; e ao tratar da relação entre mente e corpo, o dualista costuma adotar o interacionismo ou o epifenomenalismo. Após anos respirando por aparelhos, o dualismo ressurge no debate contemporâneo, impulsionado por argumentos anti-fisicalistas acerca da consciência fenomênica (i. e. experiência, consciência, qualia, etc.). No entanto, essa posição ainda enfrenta impasses antigos e persistentes. Em especial, permanecem as objeções de caráter causal: críticos do interacionismo sustentam que essa tese não explica de modo satisfatório como propriedades mentais e físicas podem interagir sem violar pressupostos que fundamentam a prática científica, enquanto críticos do epifenomenalismo argumentam que essa posição não acomoda adequadamente a intuição de que algumas de nossas ações são causadas pelas experiências que temos. O objetivo desta exposição é apresentar as principais versões do dualismo e examinar alguns de seus argumentos e objeções mais relevantes. Por fim, explorarei respostas contemporâneas a esses problemas, evidenciando que, apesar das dificuldades, o dualismo permanece uma alternativa filosoficamente atraente no debate sobre a consciência.

Uma Introdução ao Monismo Russelliano

Leonardo Henrique Biancardi Utinetti - UNAERP
leonardo.utinetti@sou.unaerp.edu.br
Sara Tamiris Cirilo Fernandes - UNAERP

Não é incomum na literatura, visões fisicalistas sobre a natureza da consciência, afirmando que tudo aquilo que é mental pode ser reduzido ao físico. Tais visões encontram problemas quando confrontadas sobre a natureza da experiência subjetiva ou consciência fenomênica, a dificuldade consiste em negar ou reduzir um fenômeno tão familiar e nítido para nós. O monismo russeliano, a partir das ideias de Bertrand Russell, se apresenta como uma alternativa ao fisicalismo tradicional, primeiramente pela afirmação de que a física é estruturalista, ou seja, é incapaz de explicar a natureza intrínseca da matéria, e também ao sugerir propriedades intrínsecas, fenomenais, ou proto-fenomênicas, à matéria, os inescrutáveis. A concepção de tais propriedades, busca conservar a visão monista e naturalista do fisicalismo enquanto integra satisfatoriamente a consciência fenomênica em seu arcabouço teórico. A partir disso, a apresentação tem como objetivo a exibição da teoria, explicando as diferenças entre "Token Monism" e "Type Monism", seguido da delimitação das quatro versões do monismo russeliano: panpsiquismo/panprotopsiquismo russelliano, fisicalismo russelliano e monismo neutro. Apresentarei o argumento de David Chalmers, a favor do Monismo Russelliano, "Solving Two Problems At Once", e por fim os principais problemas da teoria.

Como Ser Um Idealista Naturalista

Lucas R. G. Ferreira- USP
lucasrgferreira@gmail.com

Osvaldo Pessoa Junior - USP

O idealismo, i.e., a tese metafísica de que a realidade é fundamentalmente composta por estados mentais, costuma ser visto como incompatível com uma filosofia naturalista e científica. Este trabalho examina três formas de idealismo metafísico que buscam tal compatibilidade: o micro-idealismo (em entidades microscópicas), o macro-idealismo (em entidades macroscópicas, como seres humanos) e o cosmo-idealismo (no universo como um todo). Essas posições oferecem soluções a pelo menos três problemas metafísicos tradicionais em filosofia da mente: (1) a irredutibilidade da consciência, (2) a causação mental e (3) o fechamento causal do mundo físico. Admitido o idealismo, (2) e (3) se resolvem juntos: a relação mente-corpo dá lugar à relação mente-mente, e a dificuldade quanto as interações causais desaparece. O problema (1) é resolvido por inversão: a matéria é que se reduz a estados mentais, e não o contrário. O idealismo oferece, assim, uma visão monista, simplificada e compreensível da realidade e da relação mente-corpo. Contudo, o macro-idealismo é o menos naturalista entre essas posições: revela-se injustificadamente antropocêntrico e incapaz de explicar a permanência de objetos não percebidos. Já o micro-idealismo e o cosmo-idealismo, em particular o idealismo pampsiquista e o cosmopsiquismo constitutivo russelliano, oferecem explicação ampla da realidade observada e inobservada. Defendemos, portanto, que certas formas de idealismo não constituem mera especulação metafísica, mas hipóteses sobre a relação mente-corpo que preservam o compromisso com o naturalismo e com a imagem científica.

Performatividade videográfica e IA generativa: desafios éticos na cultura digital

Regilene A. Sarzi-Ribeiro - Unesp
regilene.sarzi@unesp.br

Na cultura digital é cada vez mais frequente o debate sobre ética, criatividade e as relações homem-máquina, que perpassam os campos da autoria, direitos autorais e uso de dados. O tema desta pesquisa é a performatividade videográfica e a inteligência artificial generativa que se manifesta na forma de uma presença ativa, ubíqua e nômade que contamina a cultura digital com experiências audiovisuais efêmeras, fragmentadas, polissêmicas e compostas de múltiplas camadas de imagens e temporalidades. O objetivo foi mapear e descrever os aspectos estéticos e as limitações éticas em videoartes produzidas entre 2020 e 2024. A pesquisa qualitativa, foi composta de um estudo exploratório sobre o tema, pouco conhecido, para compreendê-lo à luz do conceito de incorporação de Don Ihde, importante pensador da Filosofia da Tecnologia. O foco desta comunicação será o vídeo All Watched Over By Machines (2021), do artista turco Memo Akten. Os resultados indicam que as limitações éticas envolvem a escolha das ferramentas, a forma como o humano interage com as tecnologias, o uso crítico e consciente dos dados até uma atitude disruptiva, experimental e criativa do artista-humano. As conclusões reiteram que toda experiência estética pressupõe o campo da ética e da política e que as imagens em movimento produzidas com tecnologias de IA generativa, requer estudos sobre a criação, a integração humano-máquina, os limites éticos e o uso consciente das tecnologias de IA na cultura digital contemporânea.

Signo e constituição do sentido

Rafael Uller Avelar Ribeiro – Unesp
rafael.uller@unesp.br

O presente trabalho investiga o papel do signo na constituição do sentido, em oposição às concepções que o reduzem a simples instrumento de designação ou a suporte exterior de conteúdos previamente dados. Parte-se da hipótese de que o signo não apenas veicula significações já formadas, mas participa ativamente da produção do sentido, na medida em que instaura relações sem as quais nenhuma determinação significativa se torna possível. Nessa perspectiva, o sentido não deriva de uma correspondência imediata entre palavra e coisa, mas de um processo relacional, diferencial e mediado. A análise desenvolve-se em registro teórico-conceitual, no âmbito da semiótica e da filosofia da linguagem, com o objetivo de explicitar o caráter constitutivo do signo na produção da inteligibilidade. O argumento central consiste em mostrar que o sentido não preexiste à sua expressão sígnica, mas se constitui no interior de uma rede de remissões, diferenças e interpretações. Desse modo, o trabalho compreende a significação para além tanto do modelo representacional da linguagem e de sua redução formalista, afirmando o signo como instância constitutiva do próprio campo do sentido. Conclui-se, assim, que o signo deve ser compreendido não como elemento secundário do pensamento, mas como condição de possibilidade da significação.

Aspectos cognitivos da desinformação: uma abordagem pragmaticista

Leonardo Ripoll - USP
leonardo.ripoll@usp.br

Vinicius Romanini - USP
vinicius.romanini@usp.br

Um lugar comum nos estudos sobre desinformação (*disinformation studies*) é tentar conceituar este fenômeno como erro, falha ou engano, atribuído à presença ou ausência de intenção. Quando abordada como objeto, a desinformação é considerada enquanto algo passível de correção (*debunking*) ou possível de ser evitada (*prebunking*). Entretanto, a filosofia da informação contemporânea aponta que sistemas complexos de informação produzem, de uma forma intrínseca, desinformação. Essa ideia é pertinente pois parece contribuir para o não determinismo de fluxos informacionais e para o papel do acaso nas redes de comunicação. Na teoria pragmaticista de Charles Sanders Peirce, a informação tem uma dimensão ontológica que parte de pressupostos lógicos para o reconhecimento de uma realidade semiótica produzida pela percepção de fenômenos mentais (compreendidos no sentido de uma mente estendida universal) que produz efeitos cognitivos. Para Peirce, qualquer objeto só é apreendido por meio do signo. Mas o signo nunca representa o objeto em sua totalidade. Assim, o interpretante está em constante construção, do qual espera-se idealmente que seja na direção do conhecimento validado pela comunidade em que ele esteja inserido. A partir desta perspectiva, argumentamos que todo processo semiótico está composto, em algum nível, de desinformação, considerando que: a) a impossibilidade de representação total do objeto sempre produz ignorância (*misinformation*); b) a fixação de crenças e produção de hábitos é guiada por mecanismos estéticos de conforto e irritação epistêmicos, os quais atualmente estão modulados por algoritmos das plataformas digitais que visam a exploração econômica do *commens* - o espaço resultante do trabalho cognitivo coletivo.

Inteligência artificial e o sentido do pensar: a crítica de Markus Gabriel ao reducionismo computacional

Gabriel Kafure da Rocha – IFSERTÃO/PE
gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br

Wagner Francesco de Miranda Martins – IFSERTÃO/PE
wagnerfrancesco@gmail.com

Esta comunicação examina criticamente o problema da inteligência artificial a partir da filosofia de Markus Gabriel, tomando como referência central sua obra *O sentido do pensar* (2019). No debate contemporâneo, tornou-se recorrente compreender o pensamento humano como um processo de processamento de informações potencialmente reproduzível por sistemas computacionais. Contra essa interpretação, o trabalho estabelece uma distinção fundamental: enquanto a IA executa cognição funcional e raciocínio lógico, o pensar propriamente dito é um sentido biológico e existencial exclusivo dos seres vivos. Gabriel sustenta que o pensar não se reduz a cálculo, mas constitui um "sentido do infinito", ou nooscopia, capaz de apreender conteúdos que ultrapassam os limites da percepção sensorial e do mero tratamento de dados. O texto analisa a crítica do autor à concepção tecnicista da mente por meio do externalismo biológico, demonstrando que o pensamento depende de condições vitais e culturais irreprodutíveis por sistemas artificiais. Por fim, esclarece-se o conceito de materialismo digital, termo utilizado por Gabriel para criticar a ideologia que reduz a realidade a dados processáveis e a consciência a algoritmos. Argumenta-se que a crença em uma "IA pensante" é um desdobramento desse materialismo, sendo imperativo recuperar o papel da filosofia na interpretação crítica da era digital, distinguindo a simulação da inteligência da autêntica atividade reflexiva humana.

Impactos Éticos da Inteligência Artificial: Análise do Viés Algorítmico na atualidade

Mariana Matulovic da Silva Rodrigueiro - Unesp
mariana.matulovic@unesp.br

Ana Claudia Golzio de Jesus - Unesp
a.golzio@unesp.br

Pablo Henrique Vieira De Nadai - Unesp
pablo.nadai@unesp.br

Com a crescente expansão e desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA), os algoritmos não estão mais restritos à ambientes acadêmicos e centros de pesquisa e sim, tornaram-se acessíveis e ocupam setores da sociedade, como finanças, saúde, segurança e educação. Esse avanço não se limita a ganhos operacionais, mas promove transformações profundas nos modos de interação humana, influenciando decisões, comportamentos e estruturas sociais. Nesse contexto, cresce a preocupação com os impactos éticos associados ao uso de algoritmos, especialmente quando operam de forma não transparente. De acordo com Tsamados (2021), sistemas algorítmicos podem gerar problemas como evidências inconclusivas, vieses nos dados e dificuldades de rastreabilidade, o que compromete a confiabilidade e a responsabilidade no uso dessas tecnologias. Com uma perspectiva filosófica-interdisciplinar, este trabalho tem o objetivo de analisar os impactos éticos da IA, por uma revisão conceitual fundamentada na ética da informação, desenvolver e comparar modelos de IA com diferentes níveis de viés, com vistas a evidenciar como tais distorções podem influenciar resultados e decisões automatizadas. Diante desse cenário, essa pesquisa propõe uma abordagem teórico-prática, em que se busca compreender de que forma o viés algorítmico se manifesta na prática e quais são suas implicações éticas na sociedade contemporânea à confiabilidade dos sistemas e à necessidade de uso responsável da informação.

Um olhar para o protagonismo da Lógica nos desenvolvimentos da computação inteligente

Mariana Matulovic da Silva Rodrigueiro - Unesp
mariana.matulovic@unesp.br

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o papel fundante da Lógica no desenvolvimento dos sistemas de computação inteligente, defendendo a tese de que a lógica não é apenas uma ferramenta formal, mas o fio condutor que permite a transição da lógica formal clássica para a mecanização do pensamento A partir de um levantamento histórico-analítico, o texto percorre a trajetória que se inicia na sistematização aristotélica e na busca de Leibniz por uma linguagem universal (*characteristica universalis*), culminando na ruptura provocada por Frege e na posterior algebraização de Boole. O estudo examina como o isomorfismo entre a Álgebra de Boole e os circuitos eletrônicos, proposto por Claude Shannon, e o modelo de computabilidade de Alan Turing, estabeleceram as bases para a Inteligência Artificial contemporânea. Discute-se, ainda, a evolução das Redes Neurais e o surgimento das Lógicas Não-Clássicas — com ênfase na Lógica Fuzzy — como respostas à necessidade de modelar a imprecisão e a incerteza intrínsecas ao raciocínio humano. Ao analisar a transição do *Logical Theorist* para o *Machine Learning* moderno, o trabalho busca contribuir para o debate sobre a natureza da inteligência e a possibilidade de formalização dos processos mentais, reafirmando o protagonismo da Lógica como o elo essencial entre o rigor matemático e a complexidade da inteligência artificial.

Estrutura Permeável-Impermeável: Uma Ontologia Processual da Cognição

Sérgio Garcia Rodrigues - Unesp
sergio.g.rodrigues@unesp.br
Alfredo Pereira Jr. - Unesp

O presente trabalho propõe a Estrutura Permeável-Impermeável como condição necessária da cognição, a partir de uma ontologia processual sem substância fixa nem fronteira definida, apenas regimes dinâmicos de concentração e expansão relacional. Embora Maturana e Varela estabeleçam fechamento operacional e acoplamento estrutural como coexistentes, pressupõem fronteira material delimitadora. Argumenta-se que a cognição depende de alternância auto-regulada entre modos de ser-em-relação. O regime de impermeabilidade caracteriza-se pela contração: o sistema estabiliza padrões internos mantendo coerência sem fronteira fixa. O regime de permeabilidade caracteriza-se pela expansão: o sistema integra estímulos, adapta-se e se reconstitui através de novas relações. A cognição emerge dessa alternância regulada, permitindo identidade, continuidade e flexibilidade simultaneamente. A regulação emerge das propriedades do pensamento Yin-Yang: tensão constitutiva, interdependência, inclusão mútua, ressonância, complementariedade e transformação contínua. Esses princípios estruturam a auto-organização cognitiva, garantindo alternância regulada por dinâmica processual intrínseca. Sem integração, perde-se coerência; sem relação, gera-se rigidez. A proposta articula uma via entre substancialismo e dissolução do sujeito, sugerindo que a cognição se realiza na alternância regulada entre ser-concentrado e ser-em-relação.

Variáveis Latentes como Teoria Implícita da Mente: Contribuições da Psicometria para a Filosofia da Mente

Carlos Manoel Lopes Rodrigues - UniCEUB
prof.carlos.manoel@gmail.com

O que significa afirmar que estados mentais existem? Este trabalho aborda essa questão no âmbito das teorias da mente, argumentando que a psicometria, ao modelar construtos por meio de variáveis latentes, incorpora uma teoria implícita sobre a natureza do mental. Ao inferir entidades não observáveis a partir de indicadores comportamentais, tais modelos pressupõem que estados mentais funcionam como causas comuns subjacentes, responsáveis pela covariação entre respostas. Essa concepção aproxima-se de uma posição realista, na medida em que trata o mental como um domínio de entidades inferíveis, ainda que inacessíveis diretamente. Em contraste, são discutidas interpretações instrumentalistas, que compreendem variáveis latentes como ferramentas preditivas, bem como abordagens alternativas, como a psicometria de redes, que rejeitam entidades subjacentes e concebem o mental como um sistema de relações dinâmicas entre elementos observáveis. Argumenta-se que essas diferentes abordagens correspondem a teorias concorrentes da mente, implicando distintas concepções ontológicas sobre o que são estados mentais. Por fim, examina-se como tais pressupostos influenciam a atribuição de propriedades mentais a sistemas de inteligência artificial, sugerindo que essas atribuições dependem menos de propriedades intrínsecas dos sistemas e mais dos modelos teóricos adotados para interpretá-los.

O Sentido da experiência lógica no problema do ground

Carlos Ronald – Unesp
carlosronaldpinho@gmail.com

O Sentido da experiência lógica pode parecer muitas vezes ambíguo porque não se sabe ao certo a diferença entre experiência e lógica. Pretende se nesta comunicação explicitar tal diferenciação a partir do problema do Ground. A Fundamentação diz que não existe bem delimitada essa diferença, pois ela é heterogênea. Exatamente por isso o fundamento é: regido pela experiência e pela lógica, de modo que ele não é abstrato somente, mas concreto e coordenado por instâncias práticas da vida. Assim, os modos de configuração não são determinados por um mundo abstrato. Nós veremos na filosofia de Alfredo Pereira Júnior que a semântica pode resolver o problema do ground. Nós parece uma conciliação e não uma recusa de tais âmbitos.

Consciência, má-fé e responsabilidade: uma análise sartreana da subjetividade do estudante

Marcus Alves de Santana – UNEB
marcussantanauneb@gmail.com

O presente trabalho analisa a subjetividade e liberdade do estudante no contexto educacional e no processo de aprendizagem à luz da ontologia fenomenológica de Jean-Paul Sartre. Parte-se da compreensão da consciência como intencional e responsável por seus atos para problematizar a tendência contemporânea de atribuir às instituições de ensino e à legislação educacional a responsabilidade pelo êxito ou fracasso escolar, negando sua dimensão intencional e projetiva no próprio processo de aprendizagem. Toma-se o estudante como figura do cotidiano escolar, em analogia ao garçom descrito por Sartre, como modo de evidenciar a má-fé enquanto estrutura da consciência em situação. O objetivo consiste em investigar em que medida essa transferência pode ser compreendida como uma forma de má-fé, no contexto das práticas educativas contemporâneas. A análise considera dispositivos normativos recentes, como portarias educacionais do Estado da Bahia, examinando como práticas de progressão e avaliação contínua são interpretadas como mecanismos de desresponsabilização subjetiva no processo de aprendizagem. Conclui-se que a postura do estudante que se compreende como objeto do sistema configura uma forma de má-fé, ao negar sua liberdade e responsabilidade constitutivas em sua própria formação e aprendizagem.

Autobiographical Memory as a Bridge between the Philosophy of Memory and the Philosophy of the Self

Cesar Schirmer - UFSM
cesar.santos@ufsm.br

Autobiographical memory (the remembering of the self as myself) sits at the intersection of two philosophical inquiries that have often been pursued in isolation: the philosophy of memory and the philosophy of the self. I argue that autobiographical memory is best understood as the bridge between them, and that the structural shape of this bridge is captured neither by classical psychological theories of personal identity nor by purely empirical models of memory taken on their own, but by their mutual illumination. I begin from two competing accounts of how memory and self depend on each other. John Locke's psychological criterion of personal identity treats the dependence as unidirectional: the self is what memory can consciously recover from a first-person standpoint. In contrast, Martin Conway's Self-Memory System (Conway 2005) treats it as bidirectional and dialectical: a *working self*, constituted by present goals and self-images, filters retrieval from an autobiographical memory database, while the database in turn limits and shapes what the working self can become. Conway's model has the empirical depth of decades of cognitive research, but its philosophical interest lies elsewhere: it recovers, without naming it, an ancient distinction between two ways of thinking about our cognition of our own personal pasts. That distinction is Aristotle's, in *On Memory and Reminiscence*, between *mneme* (the passive, bodily registration of past impacts, captured by the wax-tablet metaphor) and *anamnesis* (the active, effortful search for meaning in the past, the "effort after meaning" later described by Bartlett (1932). Conway's autobiographical memory database maps onto *mneme*; the agent's effort after meaning, constrained by the autobiographical database, maps onto *anamnesis*. Locke's criterion, by contrast, leans entirely on *anamnesis*: it asks what one can recover, but underplays what was inscribed, the bodily conditions that made inscription possible, and the effort required for retrieving what is registered in the database. Reading Conway through Aristotle yields a more adequate picture of the relation between memory and the self than either affords alone. Personal identity through time is neither a passive retrieval of objective traces nor a narrative invention of the present; it is a continuous search (*anamnesis*) for what was inscribed in the body (*mneme*). On this view, the self is constrained by recollection, but memory constrains what one can remember and, therefore, what one can be to oneself.

Botões de carne e olhos de vidro: o experimento mental de Asimov e o desafio enativista da mente

Alessandra dos Santos - UESB
alesantos02@gmail.com

Investiga-se o estatuto ontológico das mentalidades artificiais tomando a ficção científica como um dispositivo cognitivo. Propõe-se que o conto "Razão", de Isaac Asimov, opera como um Experimento Mental Cognitivo (EMC) que coloca à prova a agência técnica sob condições limítrofes. Na arquitetura asimoviana, robôs dotados de cérebros positrônicos exibem extrema sofisticação funcional e lógica, alinhando-se ao paradigma computacionalista. O problema central reside em contrastar esse sucesso informacional com a abordagem enativista da cognição (Varela; Thompson). Questiona-se se a execução e o processamento de algoritmos lógicos e morais equivalem à emergência de uma mente real. Sob a ótica dos sistemas dinâmicos, do pensamento complexo de Morin e do conceito de *Mind in Life* de Evan Thompson, argumenta-se que o solipsismo e os desvios delirantes da máquina asimoviana revelam as fraturas de uma racionalização estritamente mecanicista. Demonstra-se que a cognição autêntica não é mero processamento de dados digitais, mas um fenômeno auto-organizado, encarnado e indissociável da dinâmica biológica e do acoplamento com o ambiente. Conclui-se que a obra antecipa as encruzilhadas das Inteligências Artificiais contemporâneas ao evidenciar o abismo irredutível entre simular o comportamento comunicativo e replicar a arquitetura da mente viva, legitimando a ficção científica como um modelo heurístico autônomo de rigor epistêmico.

Alguns Princípios e Propriedades de uma Representação Mental Enativa

Paulo Duarte Andrade Sayeg – USP
pa-sayeg@alumni.usp.br

João Eduardo Kogler Junior - USP
kogler@usp.br

Esta apresentação discute as representações mentais, buscando uma conceitualização capaz de satisfazer os requisitos colocados pelas premissas do enativismo de forma a superar as insuficiências de debates recentes. Nosso objetivo é justificar o conceito de uma representação mental enativa. O enativismo é considerado uma alternativa às teses ou explicações computacionais, mecanísticas e representacionais da mente. O enativismo concebe a mente como um fenômeno emergente continuamente produzido pela atividade de um sistema autônomo. Nesse sentido, a mente é co-determinada pelo sujeito e pelo mundo, é intrinsecamente relacional e transacional. Também, o enativismo é frequentemente descrito como incompatível com às teses computacionais, mecanísticas e representacionais da mente. No entanto, discussões recentes na Filosofia da Mente questionam em que sentido e em que medida o enativismo é incompatível com tais teses. Por exemplo, Lee argumentou recentemente que o enativismo autopoiético é compatível com mecanismos, enquanto Piccinini argumentou que representações mentais requerem teses 4E para resolver os problemas do conteúdo. Apesar desse expediente revisionista, essas discussões não consideram quais são as premissas do enativismo, falhando em prover um argumento satisfatório a favor da compatibilidade. Dessa maneira, nós defendemos a seguinte tese: *existe uma noção de representação mental compatível com o enativismo autopoiético*.

Memória Digital e Crise da Realidade Compartilhada: Uma Leitura Arendtiana da Experiência Contemporânea

Kelly Janaína Souza da Silva - Unesp
kelly.js.silva@unesp.br

Hélio Rebello Cardoso Jr. - Unesp

Este trabalho, ainda em desenvolvimento, investiga a crise do mundo comum a partir do pensamento de Hannah Arendt, articulando-a com transformações contemporâneas na experiência da memória e da percepção. Parte-se do diagnóstico de uma crescente instabilidade da realidade compartilhada, marcada pela fragmentação da autoridade epistêmica e pela diluição das fronteiras entre fato e opinião. Nesse contexto, a técnica –especialmente em sua dimensão digital – reconfigura profundamente os modos de registro, circulação e apreensão da experiência, afetando a constituição da memória coletiva e as condições do juízo. A chamada memória digital, embora caracterizada pela abundância de registros, não garante estabilidade narrativa, favorecendo processos de descontextualização, reinterpretação contínua e segmentação da experiência. Paralelamente, a mediação algorítmica tende a reforçar dinâmicas de percepção seletiva e formação de bolhas interpretativas, impactando a possibilidade de reconhecimento de uma realidade comum. O trabalho analisa, de forma exploratória, fatores tecnológicos, cognitivos e existenciais que contribuem para esse cenário, sugerindo que a crise do mundo comum pode ser compreendida também como uma crise das condições de memória e percepção que sustentam a vida política e a experiência compartilhada.

Vulnerabilidade cognitiva e subjetividade autorreferencial: mediação técnico-informacional e reflexividade nos modos contemporâneos de subjetivação

Sarah Yasmin Augusta da Silveira - PUC-PR
psi.sarahsilveira@gmail.com
Kleber Bez Birolo Candiotto - PUC-PR

Este trabalho investiga a vulnerabilidade cognitiva como condição estrutural produzida por formas contemporâneas de mediação técnico-informacional capazes de modular processos de atenção, deliberação e formação de crenças. Partindo da hipótese de que a vulnerabilidade cognitiva ultrapassa erros pontuais de julgamento, argumenta-se que determinadas configurações informacionais podem comprometer dimensões reflexivas da autonomia ao reorganizar, de maneira pré-reflexiva, os horizontes nos quais escolhas e interpretações se constituem. Nesse contexto, propõe-se discutir como ambientes marcados por curadoria, previsibilidade e confirmação podem favorecer modos de subjetivação caracterizados pela repetição autorreferencial e pelo enfraquecimento da abertura à alteridade. O conceito de subjetividade autorreferencial é apresentado como ferramenta teórica para pensar formas contemporâneas de constituição subjetiva nas quais a reflexividade crítica tende a ser tensionada por circuitos de validação recorrente. Assim, argumenta-se que a discussão sobre vulnerabilidade cognitiva não se restringe ao campo epistemológico, mas possui implicações ontológicas para a compreensão da autonomia, da subjetividade e das condições de transformação de si.

A experiência do pensar: filosofia e educação na perspectiva socrática

Michell Ribeiro Sobral - IFSertãoPE
michellrsobral@yahoo.com

O presente trabalho propõe uma análise acerca do ensino de Filosofia na Educação Básica, investigando os desafios existentes entre ensinar conteúdos filosóficos e possibilitar o exercício do filosofar em sala de aula. A pesquisa parte da tradição filosófica clássica, especialmente da concepção socrática do pensamento crítico, compreendendo a Filosofia como prática de questionamento, reflexão e busca racional da verdade. Nesse contexto, o estudo analisa o papel do professor de Filosofia como mediador do conhecimento, responsável por estimular nos estudantes a capacidade de problematizar a realidade e desenvolver autonomia intelectual. Diante de uma sociedade marcada pelo imediatismo e pela valorização de resultados práticos, o ensino filosófico muitas vezes é reduzido à simples transmissão de conteúdos históricos, limitando a experiência do pensar. A partir da perspectiva de Sócrates, baseada na maiêutica e no diálogo, a pesquisa defende que filosofar consiste em despertar no indivíduo a consciência crítica por meio da reflexão e da dúvida, conduzindo-o à construção do conhecimento. Assim, a Filosofia não deve restringir-se à memorização de conceitos, mas tornar-se exercício vivo do pensamento. A investigação propõe compreender a sala de aula como espaço de diálogo filosófico, no qual os estudantes possam analisar suas próprias concepções e questionar estruturas estabelecidas socialmente. Como contribuição prática, o estudo pretende elaborar uma cartilha educacional voltada ao fortalecimento do pensamento crítico nas aulas de Filosofia, valorizando metodologias reflexivas, dialógicas e problematizadoras capazes de aproximar o filosofar da realidade cotidiana dos alunos.

A ação criativa e a natureza do gesto: uma investigação à luz da fenomenologia peirciana

Renata Silva Souza - PUC-SP/Capes
renatynhass@hotmail.com

Maria Eunice Quilici Gonzalez - Unesp/CNPq

O avanço do desenvolvimento da gestualidade no âmbito da robótica humanoide nos convida a realizar reflexões sobre a natureza da gestualidade, bem como dos processos criativos a ela subjacentes. Nesse cenário, indagamos se é possível simular, em robôs humanoides, a complexidade de processo criativos da produção criativa de gesto humano, como, por exemplo, no âmbito da dança. Essa questão será investigada à luz das três categorias fenomenológicas peircianas. Peirce ressaltou que a fenomenologia pode ser entendida como a "Doutrina das Categorias", cujo objetivo principal é a categorização do que chega à experiência direta à mente, dividindo-a em primeiridade, segundidade e terceiridade. A gestualidade, sob o prisma da primeira categoria, pode ser pensada em seu caráter de possibilidade, qualidade, liberdade e diversidade. À luz da segundidade, podemos concebê-la em sua realização factual (aqui e agora). No que tange ao gesto, à luz da terceiridade, podemos associá-lo aos conceitos de lei, hábito, generalidade e convenção. Acerca das três categorias fenomenológicas vinculadas ao movimento, indagamos em que medida poderíamos encontrá-las no movimento de robôs humanoides. Discutiremos a problemáticas apresentadas tendo como estudo de caso a criação da gestualidade no âmbito da dança.

Cosmotécnica: um diálogo entre Gregory Bateson e Yuk Hui

Beatriz Gandini de Souza - Unesp
beatriz.gandini@unesp.br

Maria Eunice Quilici Gonzalez - Unesp
eunice.gonzalez@unesp.br

No presente trabalho, investigamos o conceito de "Cosmotécnica", originalmente apresentado pelo filósofo Yuk Hui, a partir de princípios da Filosofia Ecológica e do Paradigma da Complexidade. Por se tratar de uma pesquisa teórica, de viés filosófico-interdisciplinar, seguimos uma análise conceitual embasada nas seguintes hipóteses: (1) O conceito de *"Cosmotécnica*" se relaciona com o de "*Mente ecológica*", proposto por Gregory Bateson; (2) A integralidade entre ser humano e natureza, pode ser considerada a partir de ambos os conceitos. Entendemos que por "*Cosmotécnica*", Hui caracteriza uma nova forma para se pensar as atividades técnicas e tecnologias, visando a pluralidade ontológica e epistêmica, refletida na diversidade cultural. Por sua vez, o conceito de "*Mente*", na perspectiva ecológica de Gregory Bateson, caracteriza os processos mentais como, em nossa análise, um sistema complexo, sustentado pela capacidade de conexões entre diferenças imanentes à organização entre agentes e ambiente. Argumentamos que ambos ressaltam possíveis implicações éticas, ecológicas, tecnológicas e epistêmicas em seus sistemas conceituais.

Homo D'us: questionamentos que se pretendem inteligentes sobre a artificialidade

Odécio Souza – PUC/SP
odeciosouza@gmail.com

O título se reporta à confluência de dois conjuntos de ideias. Homo D'us revela a influência dos livros de Harari; os questionamentos, a um conjunto de observações iniciadas em um grupo de estudos da PUC-SP (GEMS). Parto de uma premissa: "*a singularidade acontecerá*" e quando ocorrer, a humanidade deveria ter se preparado para tanto. Haverá considerações utópicas e distópicas, para as quais, acredito, se demanda um amplo debate por parte da comunidade científica, das esferas políticas, e demais instituições. Em tempo, "*singularidade*" se refere a um momento no qual se verificará que um artefato de Inteligência Artificial (IA) demonstra sensciência. Entendo que os conceitos expressos neste parágrafo suscitam grandes debates, sequer existe convergência de opiniões sobre o significado deles. Para avaliar o sentido desta proposta, sugiro considerar: Se "*Errar é Humano*", como um artefato algorítmico pode se equivaler a um ser humano? Ou desistimos da possibilidade de vieses comportamentais como preconceitos dirigidos à raça, crença religiosa, orientação de gênero, ou assumimos que a IA os conterá. E se acreditarmos que tais vieses poderão ser superados, não acreditaremos ter criado algo tão "*perfeito*" como o Criador? E como "olhar-se no espelho" a partir da possiblidade desse *CIRAR*? Em outros termos, até onde o homo sapiens pode enfrentar ter criado um ser que não erra, portanto igual à Divindade? E por falar em erro, ou em identidade, por que a liberdade de expressão deve pressupor o anonimato?

A experiência digital ameaça a percepção direta?

Bárbara Linda Tavares - Unesp
barbara.tavares@unesp.br

Maria Eunice Quilici Gonzalez - Unesp

A partir da psicologia ecológica (Gibson, 1986; Reed, 1996; Turvey, 1992), esta comunicação analisa o caráter direto da percepção, examinando o conceito de *affordances* em contextos mediados por tecnologias digitais. Tradicionalmente compreendidas como possibilidades de ação, diretamente percebidas na relação agente–ambiente, as *affordances* pressupõem uma continuidade estrutural entre percepção e ação em ambientes naturais. No entanto, a crescente presença de agentes em ambientes virtuais impõe desafios conceituais a essa noção, uma vez que tais ambientes são constituídos por camadas de mediação técnica, códigos computacionais e interfaces projetadas. Desse modo, a questão que direciona nossa investigação é: em que medida a percepção em contextos digitais pode ainda ser caracterizada como direta? Nossa hipótese é de que a percepção direta é possível em ambientes digitais porque consideramos esses ambientes como *subsistemas informacionais* que constituem o *nicho* de usuários virtualmente engajados. Argumentamos que, embora os meios digitais introduzam formas específicas de mediação, eles não anulam necessariamente o caráter direto da percepção. Assim, propomos uma discussão que considere *affordances tecnológicas* para compreender a plausibilidade do conceito e a realidade interacional presentes em ecossistemas virtuais.